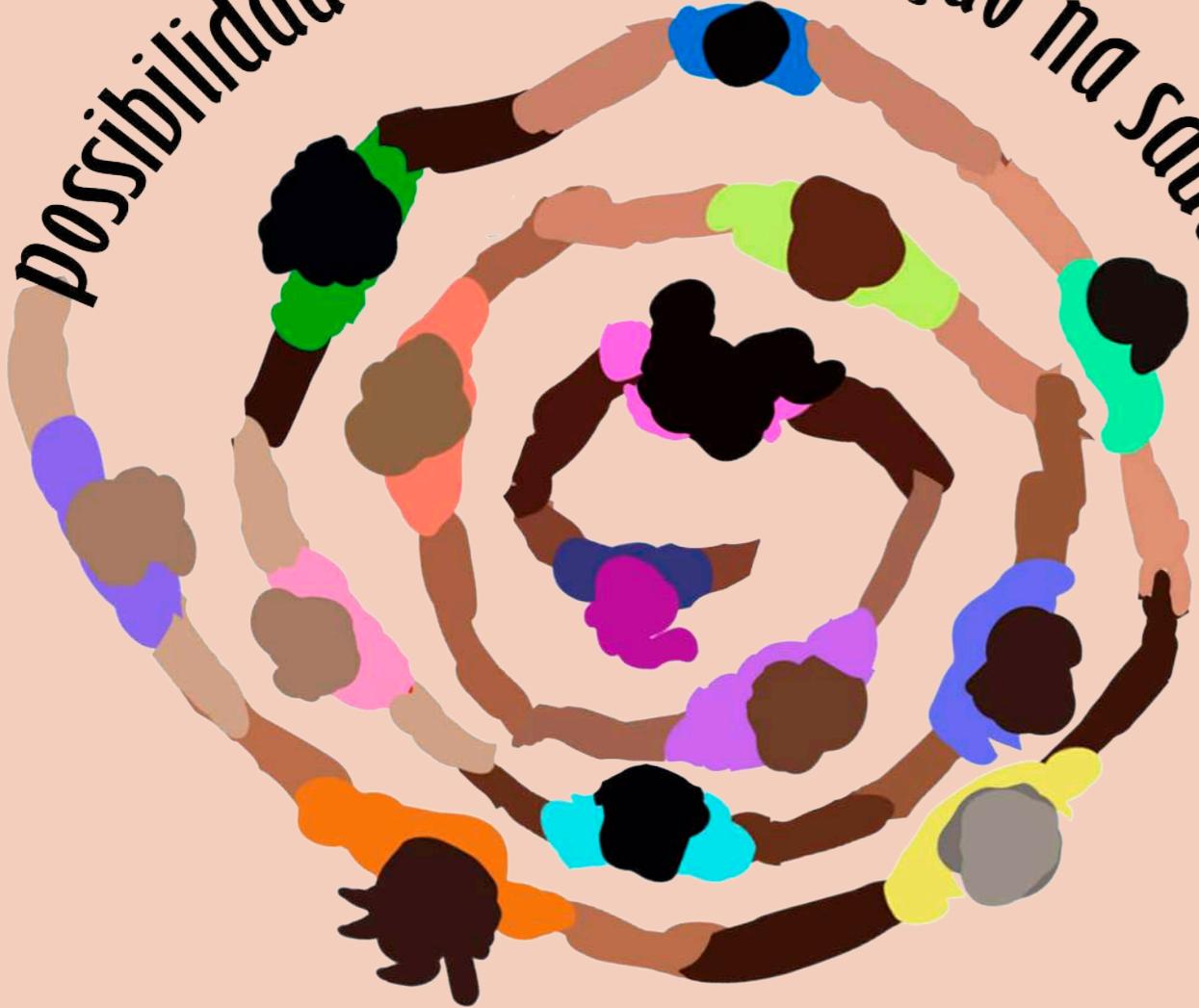


LUTA ANTIMANICOMIAL



CIRCULANDO PELAS ARTES: possibilidades da arte-educação na saúde



"Circulando pelas artes: possibilidades da arte-educação na saúde" é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) feito por Brígida Campos Machado de Oliveira e orientado pela professora doutora Dália Rosenthal.

O objetivo principal deste TCC é pensar nas possibilidades de articulações entre arte e saúde e estabelecer um registro da aproximação desses campos do conhecimento.

Através da análise, reflexão e acompanhamento da oficina "Circulando pelas artes" oferecida em um CECCO, aliada a uma bibliografia que engloba temas da arte-educação e da saúde mental, o objetivo secundário é pensar semelhanças, diferenças e potencialidades advindas do encontro arte educativo em um ambiente terapêutico.

"Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas.
É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade..."

Nise da Silveira

POSSIBILIDADES DE ARTE-EDUCAÇÃO NA SAÚDE

CAPÍTULO 1



"Os Centros de Convivência e Cooperativa não transformarão o mundo, mas o mundo só se transformará com projetos deste tipo".

Paulo Freire



POSSIBILIDADES DA ARTE EDUCAÇÃO NA SAÚDE

Introdução

O presente capítulo pretende pincelar muito superficialmente a interface arte, saúde e cultura, levando em consideração as delicadezas dessa intersecção e como arte e saúde compreendem o que caracteriza um encontro artístico. Anseia-se também procurar de que maneira a arte pode estar atrelada a um cuidado e conhecimento de si mesmo ou do próximo e como o interesse pela arte pode agrupar pessoas para o convívio e inclusão na promoção de saúde mental.

Sem pretensão de trazer um histórico aprofundado ou completo dos temas propostos, este texto traz uma breve contextualização da luta antimanicomial; do SUS e o sistema de saúde mental brasileiro; e da história de criação dos CECCOS para depois falar sobre inclusão e as ligações que a arte-educação pode ter na saúde, abordando os termos e conceitos de ambas e como estes se diferenciam, complementam ou somam.

1. Luta Antimanicomial

De forma sucinta e rápida, a luta antimanicomial é “Um compromisso de enfrentamento e substituição de modelos e contratos de relações marcadas pela violência, a alienação, o estigma, a marginalização e a segregação, ao qual denominamos Cultura Manicomial.” (SÃO PAULO (cidade), 1992, p. 40)

A cultura do manicômio, do eletrochoque, da negação do sofrimento e da subjetividade, da desumanização, da camisa de força, do enclausuramento e das portas fechadas é resultado da transformação do significado e relação com a loucura a partir da razão imperativa do século XVII.

Citando Paula Carpinetti Aversa (2014, p. 150):

Em sua História da Loucura, Foucault assinala as sucessivas transformações sofridas pela loucura ao longo dos tempos. Na Antiguidade, a loucura era valorizada como um saber divino, manifestação dos deuses e demônios; a partir do século XVII, com os golpes de força da razão, progressivamente foi se deslocando para a ideia de doença mental, objeto de investigação e tratamento de um tipo especial de medicina – a psiquiatria – uma invenção da modernidade. Sendo uma doença mental, a loucura passou a ser passível de cura através do isolamento e de métodos disciplinares, que tinham por finalidade devolver a razão ao insano. A psiquiatria, dessa forma, passa a exercer um controle social, tanto dentro quanto fora das instituições asilares, manipulando e condicionando normas de comportamento, condutas e desejos. É nesse novo solo epistêmico característico da Modernidade que a arte – que em torno do século XVIII era considerada perigosa dentro dos hospitais gerais, porque estimulava as paixões desgovernadas – entra nas instituições de tratamento asilares como recurso diagnóstico e como forma de terapêutica, ou seja, a arte assume a função de uma atividade para ocupar os desocupados, para controlar aqueles que não se submetiam às exigências da produção capitalista. (AVERSA, 2014, p. 150)

Essa forma de terapêutica asilar, conferida à arte e a seus resultados plásticos, foi muito estudada na modernidade e essas pesquisas começaram a influenciar artistas de vanguarda que buscavam, nessas imagens, forças expressivas e criadoras. Expressionistas, abstracionistas, dadaístas, surrealistas e outros não viam, nessas obras, “desordem interna”, “confusão mental”, “doença” ou “aversão”, viam potencialidades de formas, temas e interiorização, caracterizando uma nova maneira de se relacionar

com a loucura que dava voz aos que criavam em portas fechadas. Em consonância com esses pensamentos, no Brasil, dois médicos deixaram, como legado, experiências de articulação entre arte e saúde: a experiência conduzida por Osório Cesar, na década de 1920, no Hospital Psiquiátrico do Juqueri em São Paulo; e, depois, Nise da Silveira, na década de 1940, no Centro Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro, também chamado de Engenho de Dentro.

Osório Thaumaturgo Cesar foi um médico, crítico de arte e músico que valorizou os trabalhos artísticos produzidos pelas pessoas dentro do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, no qual fundou e dirigiu a Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery e promoveu exposições em espaços públicos e museus como o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Existem diversos motivos pelos quais Nise da Silveira é mais conhecida do que Osório Cesar, dentre eles o fato de que, quando a Escola foi desativada em 1970, os trabalhos se espalharam e foram reunidos apenas na década de 1980 pela historiadora de arte Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz e outros pesquisadores. Além disso, Nise foi retratada em diversas obras cinematográficas e criou um museu com as obras dos clientes que está ativo até hoje.

No entanto, ambos foram extremamente inovadores em seu trabalho com suas abordagens diferentes: Osório era adepto de Freud e utilizava a arte pensando em um ofício que as pessoas internadas poderiam realizar quando saíssem do hospital, enquanto Nise adotou a psicologia analítica de Jung e se opunha aos tratamentos desumanos da época, desenvolvendo seu próprio tratamento que utilizava a arte como forma de reorganização mental. (FIORAVANTI, 2016)

Nise da Silveira, nos anos 1940, revolucionou a área da terapia ocupacional ao perceber que, mesmo as pessoas com os casos mais complexos no Centro Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro, tinham algo a dizer e uma vontade de se comunicar. Ela organizou ateliês de arte onde as pessoas desse centro podiam produzir com diversas linguagens artísticas, cada um no seu tempo e Nise da Silveira (1966) afirmou que “foi observando-os e às imagens que configuravam que aprendi a respeitá-los como pessoas e, desaprendi muito do que havia aprendido na psiquiatria tradicional. Minha escola foram esses ateliês” (SILVEIRA, 1966, p. 93 *apud* NISE DA SILVEIRA).

Como explica Yasmin Abdalla (2020):

Com tantas produções artísticas em mãos, Nise e seus colaboradores decidiram expô-las. Em 1946, a terapeuta promove a primeira mostra com trabalhos de seus pacientes, no próprio Centro Psiquiátrico. Em 1947, os artistas do Engenho de Dentro ganham sua primeira exposição externa, na sede do Ministério da Educação e Cultura, no Rio. Mário Pedrosa, então crítico do jornal “Correio da Manhã”, ao se deparar com os trabalhos ali exibidos, afirmou: “As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim constituindo em si verdadeiras obras de arte. (ABDALLA, 2020)

Essa produção, dentro do contexto mundial e brasileiro, encontrou espaço em museus como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) com a exposição “9 artistas de Engenho de Dentro do Rio de Janeiro” e, anos depois, em 1952, foi fundado o Museu das Imagens do Inconsciente, que conta atualmente com 350 mil obras - sendo a maior coleção do mundo de arte desse gênero.

Essa valorização da arte produzida dentro dos manicômios não passa despercebida por artistas, como Lygia Clark e Hélio Oiticica, que, além de diversos outros temas, trazem questionamentos sobre as relações entre arte e vida; entre arte e a expressão de si. Os artistas citados trazem o participante - não mais observador passivo - como indispensável para a obra, visto que o objeto é apenas uma potência a ser ativada pelo receptor. Essas questões sensoriais levaram Lygia Clark a transitar entre artes

plásticas e terapia, criando o método terapêutico “Estruturação do Self”, no qual objetos comuns - aqui chamados de “objetos relacionais” - são apresentados à pessoa e,

a partir dos diferentes pesos, texturas, temperaturas, [a pessoa] desenvolve uma conexão com aquele objeto, que passa a existir e ter corporeidade apenas através daquela relação com o sujeito da ação. A proposta do método é, por meio da materialidade do objeto, reviver determinadas sensações gravadas na memória do corpo do participante. (ABDALLA, 2020)

Se Nise trouxe a arte para a saúde e Lygia trouxe a saúde para a arte, trata-se de um testemunho de uma mudança da relação com a loucura, que deixa de ser uma doença mental e passa a ser um sofrimento psíquico passível de ocorrer com qualquer um; uma existência-sofrimento que necessita de cuidado e não mais de cura.

Nesse cenário,

Sob a influência da Reforma sanitária, das conferências nacionais de saúde e de saúde mental, as iniciativas do legislativo durante e após a constituinte a nível federal e estadual, as experiências de trabalhadores em saúde mental na rede pública, as pesquisas e produções acadêmicas a nível nacional e internacional, a criatividade de muitos profissionais aliados a população organizada na “reinvenção do novo”, sob o referendo das organizações: Pan-americana de Saúde, Mundial de Saúde e Nações Unidas em torno da questão da Saúde Mental, vai se configurando o novo modelo de Atenção à Saúde mental da cidade de São Paulo, subsídio concreto para a efetivação da Reforma psiquiátrica, ou melhor dizendo, da Reforma em Saúde Mental Brasileira. (SÃO PAULO (cidade), p. 42)

2. O SUS e o sistema de saúde mental brasileiro

Citando Paula Aversa (2014, p. 154):

Na contemporaneidade, dessa maneira, o tratamento da loucura desloca-se da ideia de curar para a ideia de cuidar, sobretudo a partir de intervenções que buscam o enlace e a sustentação da loucura no campo social. Esses são os princípios que norteiam a Reforma Psiquiátrica brasileira, que em nosso país teve influências principais dos modelos francês e italiano. (AVERSA, 2014, p. 154)

O Sistema Único de Saúde (SUS) é criado em 1990 com a lei nº 8.080 com os princípios da “universalidade de acesso, integralidade de assistência, descentralização dos serviços para os municípios, regionalização e hierarquização da rede de serviços de saúde, e a equidade na distribuição dos recursos” (SOUZA, 2002 *apud* MATEUS (coord.), 2013, p. 20). Dentro dessas mudanças e formas de pensar uma saúde pública, também fez-se extremamente necessário repensar os parâmetros de saúde mental não mais pelo modelo médico, mas na construção de um outro sistema.

Como disseram Mário Dinis Mateus e Jair de Jesus Mari (MATEUS; MARI, 2013, p. 20), que citam Luiz Cerqueira, Heitor Resende e Tácito Medeiros:

O Brasil tem um sistema de saúde mental inovador, centrado nos cuidados na comunidade, mas ainda enfrentando grandes desafios em sua implementação. As críticas ao modelo de assistência centrado nos hospitais psiquiátricos e experiências localizadas de mudança da forma de atendimento vão se acumulando, principalmente a partir da década de 1960 (Cerqueira, 1984), mas foi somente a partir do final da década de 1980 que a reforma psiquiátrica brasileira toma vulto e implanta-se como política de governo (Resende, 1987; Medeiros, 1992). (MATEUS; MARI, 2013, p. 20)

No contexto especificamente brasileiro, no século XIX, o atendimento às pessoas em sofrimento-existência, chamadas de “doentes” e “lunáticas”, consistia no aprisionamento em hospitais

gerais e, em 1842 é inaugurado o Hospício D.Pedro II no Rio de Janeiro - o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil. Nesses hospitais e santas casas, o tratamento foi feito primeiro pela caridade, depois pela medicina geral e, somente depois, pela psiquiatria.

Na República, começou a ser desenvolvida uma política específica de saúde mental no Brasil. Citando Mário Dinis Mateus (2013, p. 67):

O Brasil teve sua primeira lei organizativa do atendimento em saúde mental em 1903, o decreto nº 1.132, que, por um lado, visava proteger a sociedade dos riscos atribuídos aos “indivíduos com moléstia mental”, e, por outro, estabelece um controle social da prática de internação (Brasil. Câmara dos Deputados, 2009c) O indivíduo que, por moléstia mental, congênita ou adquirida comprometer a ordem pública ou a segurança das pessoas, será recolhido a um estabelecimento de alienados. (MATEUS (coord.), 2013, p. 67)

Este decreto visava principalmente proteger os ditos sãos dos ditos loucos, mas há um avanço com alguns direitos reconhecidos dos “alienados”. Com o passar das décadas, procurou-se atualizar o atendimento psiquiátrico com propostas de laborterapia e busca de readaptação do indivíduo na sociedade, porém essas tentativas culminaram em um acúmulo gigantesco de pessoas em colônias agrícolas para muito além do que estas foram projetadas.

Parafraseando Mateus (2013), o decreto nº 24.559 de 1934 substituiu o de 1903, modernizando-o e incluindo ações como: atendimento aos “toxicômanos” e “intoxicados por “substâncias entorpecentes”; uma “profilaxia das doenças nervosas e mentais” com um centro aplicador de “higiene preventiva” - inclusive de forma xenófoba com estrangeiros; maior complexidade dos serviços de internação psiquiátrica e de assistência com famílias, que receberiam um reembolso para manter aqueles que pudessem sair das colônias; e, por fim, uma maior elaboração de leis de proteção para os portadores de transtornos mentais.

Os hospitais psiquiátricos na década de 1960 passaram por uma expansão que ocorreu, primeiramente, na esfera pública e, depois, na particular. No início do século XX surge o Serviço Nacional de Doenças Mentais, que, em 1974, passou a ser chamado Divisão Nacional de Saúde Mental – Dinsam. (MATEUS (coord.), 2013)

Nas décadas de 1970 e 1980 houve uma grande movimentação social - com maior força nos anos de 1980 com a redemocratização do Brasil - que levou ao chamado Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental. Esse movimento, com a posterior entrada dos usuários do serviço de saúde mental e suas famílias, transformou-se então no Movimento da Luta Antimanicomial, que buscava uma “proposta de tratamento na qual cidadania e expressão da loucura estejam garantidas no campo social.” (AVERSA, 2014, p. 154). Essas demandas foram motivadas pelas denúncias de tratamentos desumanos, superlotação, maus tratos e violência nos manicomios e pelo desafio de desconectar as ligações culturais profundas entre loucura e maldade que estigmatizam e discriminam.

Citando Mateus (2013, pp. 70-72),

Em 1989 é apresentado o projeto de lei nº 3.657 pelo deputado Paulo Delgado (Brasil. Câmara dos Deputados, 2009e), que dispunha “sobre a extinção progressiva dos manicomios e sua substituição por outros recursos assistenciais e regulamenta a internação psiquiátrica compulsória”. O projeto determinava: “Fica proibida, em todo o território nacional, a construção de novos hospitais psiquiátricos públicos e a contratação ou financiamento, pelo setor governamental, de novos leitos em hospital psiquiátrico [...]

O advento do SUS permite que os diversos fatores de mudança se aglutinem e as duas últimas décadas assistem à efetivação da reforma da assistência psiquiátrica brasileira. Em 1990 é criada a Coordenação Geral de Saúde Mental (CGSM), no lugar da Dinsam, que até aquele momento exercia funções de planejamento de campanhas de saúde mental e manutenção de alguns hospitais psiquiátricos públicos. A CGSM passa a coordenar efetivamente a política de saúde mental do País e, potencializada pela emergência do SUS, implanta ações de grande impacto no sistema público de saúde, como a redução de leitos em hospitais psiquiátricos e o financiamento de serviços na comunidade (Borges e Baptista, 2008).” (MATEUS, 2013, pp. 70-72)

O projeto de lei nº 3.657 ficou em debate por 12 anos e, em 2001, a Reforma Psiquiátrica do Brasil foi estabelecida com a Lei 10.216 que “atesta a proibição da construção de novos manicômios, a regulação da internação involuntária e o estabelecimento de um novo modelo substituto de atenção psicossocial.” (AVERSA, 2014, p. 154).

Como diz Aversa (2014, pp. 154-155):

As propostas da Reforma estão orientadas por outro paradigma de saúde mental, no qual a subjetividade – classicamente identificada com a interioridade – começa a ser compreendida como uma processualidade, sempre inacabada, em profunda conexão com o “fora”, resultado de fatores múltiplos (sociais, econômicos, culturais, urbanos, midiáticos, familiares, entre outros) que se relacionam rizomaticamente. Assim, as práticas em saúde mental procuram o social, a cultura, as diversas linguagens artísticas, para juntos compor territórios de existência, não mais a partir de uma perspectiva científica, mas sim estético-artística. [...]

Desse modo, as propostas da Reforma Psiquiátrica procuram voltar-se para as atividades extraclínicas, justamente por considerarem que não há o que ser curado, mas se deve cuidar para que a cidadania e a expressão da loucura tenham seu espaço sustentado na esfera social.

É nesse contexto que as atividades artísticas encontram-se incluídas nos dispositivos de Saúde Mental substitutos das instituições asilares, no caso da realidade brasileira: os CAPSs e, mais especificamente na cidade de São Paulo, também os CECCOs” (AVERSA, 2014, pp. 154-155)

Já na contemporaneidade, para falar sobre as políticas públicas de saúde mental atuais, vale citar Rosália Bardaro e Reynaldo Mapelli Júnior (2013, pp. 382-383):

atualmente a ênfase das políticas públicas em saúde mental do Sistema Único de Saúde – SUS é a construção da Rede de Atenção Psicossocial – RAPS, regulamentada pela portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, do Ministério da Saúde, como integrante das Redes Regionais de Atenção à Saúde – RRAS definidas pelo decreto nº 7.508, de 28 de junho de 2011, que regulamenta a Lei Orgânica da Saúde (lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990). E que, diante de estudos empíricos e críticas que vêm sendo elaboradas contra o modelo “capscêntrico”, há uma evidente tendência no sentido de aprimorar as políticas de saúde mental, para garantir a integralidade da assistência em saúde mental assegurada pelo ordenamento jurídico brasileiro (art.198, inciso II, CF, art. 7.º, inciso II, e art. 19-M a U, da Lei Orgânica da Saúde, e art. 2º, parágrafo único, da lei nº 10.216/2011) (BARDARO; JÚNIOR, 2013, pp. 382-383)

Mário Dinis Mateus e Jair de Jesus Mari (2013, pp. 44-45) apresentam que a política de saúde mental brasileira ao longo da história do SUS evoluiu balanceando valores e princípios por vezes contraditórios e destacam as portarias de nº 3.088/SAS, de 23 de dezembro de 2011 e a de nº 854/SAS, de 22 de agosto de 2012, por explicitar princípios e estratégias já presentes, porém nunca assumidas pelo Ministério da Saúde.

Citando os mesmos autores (*Ibid.*, pp. 44-45):

Na portaria nº 3.088, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) é apresentada em seus princípios, seus componentes (com seus “pontos de atenção” ou serviços de saúde que os compõem) e o processo local que deve ser realizado para implementar ou complementar a RAPS.

No art. 5.º, os componentes da RAPS são listados (Figura 1):

I – Atenção Básica em Saúde;

II – Atenção Psicossocial Especializada;

III – Atenção de Urgência e Emergência;

IV – Atenção Residencial de Caráter Transitório;

V – Atenção Hospitalar;

VI – Estratégias de Desinstitucionalização; e

VII – Reabilitação Psicossocial. (*Ibid.*, 2013, pp. 44-45)

Abaixo, a Figura 1 busca ilustrar o funcionamento atual da RAPS e os dispositivos de saúde mental que a compõem.

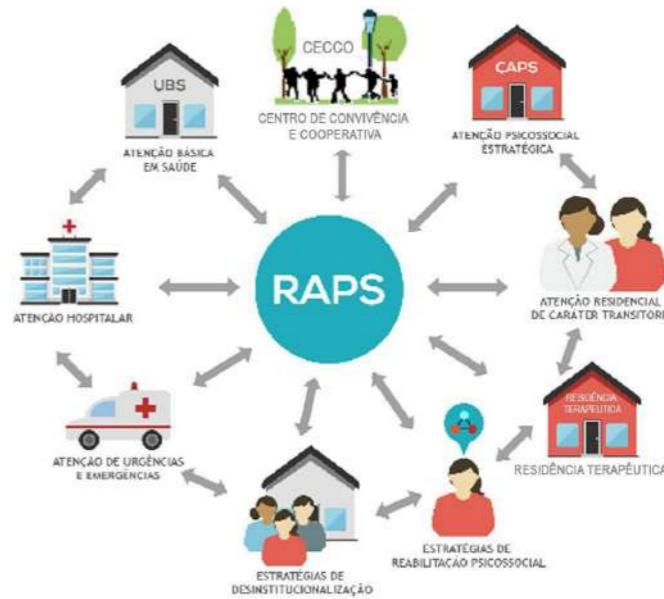


Figura 1 – Diagrama do funcionamento atual da RAPS e os dispositivos de saúde mental que a compõem

Fonte: adaptado pela autora do site <https://blog.cenacursos.com.br/conheca-raps-rede-atencao-psicossocial/>¹

Dando um enfoque maior no item I, a Atenção Básica de Saúde (AB), a portaria aponta como pontos de atenção da AB: a Unidade Básica de Saúde (UBS); a equipe de Consultório na Rua; a equipe de apoio à Atenção Residencial de Caráter Transitório; e o Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) - que será abordado adiante.

¹ Acesso em: 19 de jan. 2025.

3. Centros de Convivência e Cooperativa

O presente capítulo buscou se aprofundar mais em um dos dispositivos que compõem a Atenção Básica da RAPS: os Centros de Convivência e Cooperativa (CECCOs). Para explicar melhor do que se trata este serviço da saúde mental pública, vale citar que:

Nos Centros de Convivência e Cooperativas são desenvolvidas atividades coletivas de cunho cultural, artístico, esportivo ou educacional com a finalidade de modificar as relações sociais e também pessoais, no cotidiano de segmentos populacionais: doentes mentais, portadores de deficiências, idosos, crianças e adolescentes de rua, portadores de necessidades especiais, num convívio direto em agrupamentos heterogêneos, juntamente com a população tida como "normal"; com vistas a uma reinserção na sociedade.

As ações de convivência através da intensificação dos contatos interpessoais de grupos diferenciados constituirão a tradução do enfrentamento à discriminação, à marginalização e à segregação, expressas, exemplarmente, em situações como: a criança abandonada, a mulher desrespeitada, o jovem desempregado, o viciado, o idoso sem sonhos e sem vez, o indivíduo sem prazer, sem possibilidades de projetos de vida, sem direito de cidadão. (SÃO PAULO (cidade), 1992, p. 78)

Para Maria Cecília Galletti,

A criação dos Ceccos como um serviço intersetorial na saúde foi um acontecimento singular no plano das políticas públicas. Assim pensado, o Centro de Convivência nasceu com a vocação de funcionar numa potência de desterritorialização de cada território ao qual está ligado, ou seja: seu caráter intersetorial insere a cultura na saúde, a saúde nas áreas verdes, a ecologia nos esportes, num projeto transversal de inclusão, de convivência e de criação. Um projeto que desde o início conectava as pessoas, não pelas patologias, mas pela experimentação da arte, do trabalho e do lazer." (GALLETTI, 2013, pp. 160-161).

Em seu texto, a autora discorre sobre a intersetorialidade do CECCO elaborada em sua concepção na década de 1980, no entanto, aponta que, atualmente, "A natureza intersetorial desse serviço depende sempre dos agenciamentos possíveis em cada território, pois ainda não está garantido como política de Estado." (*Ibid.*, p. 166) Dessa forma, o presente texto demonstra sua importância ao propor a formação e registro de uma parceria mais sólida do CECCO com a Secretaria da Educação - representada neste TCC pelo Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CAP ECA USP).

Como mencionado na portaria da Secretaria Municipal da Saúde Nº 964 de 27 de outubro de 2018, que regulamenta os Centros de Convivência e Cooperativa (CECCO) e estabelece diretrizes para o seu funcionamento:

Art. 4º – População beneficiada: Pessoas de qualquer faixa etária, condição de saúde, perfil sócio-cultural-econômico e de escolaridade, local de moradia ou trabalho e da diversidade de raça, gênero e credo, sobretudo segmentos populacionais em sofrimento mental, vítimas de violência, com necessidades decorrentes do uso de substâncias psicoativas, em situação de rua, bem como com deficiências e outras vulnerabilidades, que demonstrem vontade própria e interesse em participar de atividades. (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE, 2018).

Além dessa característica da heterogeneidade dos grupos, agrupando pessoas do público alvo com pessoas da população geral, os CECCOs, segundo o Protocolo de Risco de Saúde Mental (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE (São Paulo), 2023, p. 26), são responsáveis pelo

acolhimento das classificações de risco Verde e Azul, em conjunto com a UBS, que se caracterizam por, respectivamente:

Situações que apresentam potencial para complicações.
Quadros clínicos com sinais e sintomas considerados de BAIXO RISCO, sem indicação de atenção intensiva ou risco à vida.
Quadros que justificam a continuidade do tratamento no nível da Atenção Primária à Saúde, com apoio da EMAB [Equipe Multiprofissional na Atenção Primária à Saúde] e dos CECCOs. (...)
Condições não agudas, não urgentes ou problemas crônicos sem alterações dos sinais vitais.
Situações inespecíficas, prestação de informações e orientações, sinais e/ou sintomas considerados NÃO URGENTES, sem sofrimento evidente que justifique atendimento especializado.

Acompanhamento por meio dos recursos da Atenção Primária, ações de cuidado em saúde mental longitudinal nos quadros estabilizados e sem agravos imediatos. (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE (São Paulo), 2023, p. 26)

Os CECCOs, em sua concepção inicial, contam com uma equipe multiprofissional composta por psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, educador em saúde pública, auxiliar de enfermagem, professor de educação artística e educação física, oficineiros, agentes culturais e monitores voluntários da comunidade. O trabalho deve ocorrer de tal forma que, do vigia ao técnico, todos sejam percebidos e se percebam como parte do processo e responsáveis pelo sucesso ou fracasso do serviço. (SÃO PAULO (cidade), pp. 87-88) A existência e pressuposto do vínculo deve ser algo real entre todos os componentes da equipe e participantes.

Dessa forma,

o que, observamos, na ação dos profissionais, é o surgimento de um novo postulado: a ação terapêutica-educativa, por sua intensidade e ampla abrangência junto à vida psíquica, a visão de mundo e ao desempenho de um novo papel social dos então marginalizados-segregados, e dos coadjuvantes-parceiros deste processo os "tidos normais", numa clara ação pedagógica. Será no encontro do indivíduo consigo mesmo em seus ensaios de singularização. No encontro com o outro explicitamente diferente, que deverá residir à essência do terapêutico, promovendo um sentir e um pensar resignificados num processo verdadeiramente Terapêutico-Anárquico, por não se constituir enquanto psico, ocupacional, fono ... terapias em seus paradigmas mais convencionais. Se avançarmos na direção do concreto cotidiano do serviço poderemos nos deparar com situações que inspiram um tipo de assistência não à doença, mas de proteção à vida, esta mesma vida protagonista do Cecco. (SÃO PAULO (cidade), pp. 87-88)

Outros instrumentos utilizados pelos profissionais nos CECCOs para garantir a inclusão e pensar o cuidado e prevenção à saúde são: a acolhida, a entrevista, o matriciamento e o Programa Terapêutico singular (PTS). Outros, como o Conselho Gestor, garantem a participação dos frequentadores nas atuações do serviço. Além disso, para garantir que a convivência entre diferentes ocorra, a escolha dos locais onde estão sediados os CECCOs privilegia espaços públicos que sejam livres e abertos, com entrada facilitada de pessoas, como parques, praças, centros esportivos, centros comunitários e outros espaços públicos.

Como diz a Normatização dos CECCOs (*Ibid.*, pp. 45-46):

As misturas das pessoas e de suas diferentes chances de vida nos Cecco's deverá se fazer com orientação e supervisão técnica, visto que o objetivo não é meramente se juntarem em suas mazelas comuns ou parecidas, pressupostos da formação de guetos. Antes e fundamentalmente, a heterogeneidade dos grupos deverá objetivar a aglutinação pela tarefa, e será quem trará a inscrição da identidade grupal. (*Ibid.*, pp. 45-46)

A formação de grupos nos CECCOs ocorre através da linguagem, seja ela visual, musical, teatral, gestual, esportiva, literária, artesanal, corporal, entre diversas outras. Essa linguagem

deverá proporcionar um recriar de conceitos estéticos, e terapeuticamente concorrer com uma visão diferenciada de si e do outro, de perspectivas e potencialidades, de visão de mundo e projetos de vida. Propondo uma relação também modificada com a “doença” num reintroduzir na sociedade de seus excluídos. (*Ibid.*, p. 46)

Dessa forma, presume-se que “a inclusão de novos elementos da arte e suas práticas artísticas contribui para o estabelecimento de um lugar social para além dos aspectos da saúde mental e seus atravessamentos” (*Ibid.*, p. 12). A concepção da arte como linguagem aglutinante e de projeção de vida, característica dessa área da saúde mental, será abordada posteriormente e comparada com a significação artística para arte-educação.

4. O encontro artístico na arte-educação e na saúde

Antes de propor um entrelace entre os campos da arte-educação e da saúde, faz-se necessário discorrer sobre as significações que cada uma dessas áreas do conhecimento dão à arte e aos encontros artísticos.

Citando o caderno do curso de capacitação profissional “Ensino de Arte na Educação Especial” do Instituto Nacional de Ensino na modalidade de Ensino à Distância (INE EAD) ([201-], p. 13):

A literatura apresenta a LDB [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional], propondo um ensino de Arte por meio das quatro linguagens (Artes Visuais, Dança, Teatro e Música) com ênfase na associação da Arte com a cultura, e como linguagem, visualizando alguns pontos que estariam associados ao estudo da arte em relação aos alunos de Educação Especial. O ensino de Arte possibilita oportunidades que instigam a memória, percepção, o saber interagindo com a ciência e com o meio, ou seja, permite ter uma nova visão do mundo a sua volta culturalmente e socialmente, por isso esta disciplina é tão importante e tem que ser muito bem elaborada e trabalhada. (INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO, [201-], p.13)

O documento de Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (PCN) diz:

Na caracterização da área, considerou-se a arte em suas dimensões de criação, apreciação, comunicação, constituindo-se em um espaço de reflexão e diálogo, e possibilitando aos alunos entender e posicionar-se diante dos conteúdos artísticos, estéticos e culturais incluindo as questões sociais presentes nos temas transversais (BRASIL, 1998, p. 15)

Ana Mae Barbosa, arte-educadora e Professora Emérita da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, que revolucionou a arte-educação no Brasil, defende que

‘A arte é um instrumento imprescindível para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender o que acontece com o meio ambiente, aprimorar a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e incrementar a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada’ (KIYOMURA, 2023)

Dessa forma, permite-se concluir que a arte na educação artística é vista como uma forma de socialização entre o sujeito e a realidade e, mesmo que essa definição não traga nenhuma carga terapêutica, evidencia o papel transformador da arte.

Citando Regiane Cristina Neto Okochi e Jessica Toneloto Mendes:

Esclareceu-se que a arte, antes de ser considerada terapêutica, é uma atividade humana e cultural. O campo da Saúde Mental se mostrou como um espaço privilegiado e admissível para que os arte-educadores possam aplicar suas metodologias. (OKOCHI; MENDES, 2020, p. 1)

Pensadores do campo da saúde defendem que:

A Arte tem um grande potencial enquanto dispositivo na Saúde Mental. Através dela podemos conceber a Loucura, não mais como uma doença, e sim como uma forma de vida, em que se possa conviver com a diferença, com o caos, com a performance da vida (GONÇALVES, 2018, p. 5 *apud* OKOCHI; MENDES, 2020, p. 5)

O campo da saúde aponta que “A arte, no contexto dos serviços substitutivos [dispositivos de atenção à saúde mental que substituíram o modelo manicomial], assume um papel importante, na medida em que incide na produção da cidadania dos usuários e se constitui como um recurso para humanizar as práticas em saúde mental”. (ANDRADE, LIMA e VELOSO, 2016, p. 134 *apud* OKOCHI; MENDES, 2020, p. 5).

Em consonância com essas ideias, Paula Aversa (2014, p. 159) afirma que:

Ensinar arte àqueles que, até poucos anos atrás, eram excluídos das relações sociais, é uma forma de devolver-lhes cidadania e condições de enlace social, oferecendo o campo da arte como território de existência, de experiência estética e como dispositivo de produção de subjetividade; já que a arte, na lógica da Reforma Psiquiátrica, é considerada como uma atividade que é humana e cultural antes de ser estritamente terapêutica (AVERSA, 2014, p. 159).

A própria Normatização das Ações nos Centros de Convivência e Cooperativas Municipais define que:

Assim, estes obreiros da arte, da música, da dança, do plantio, do esporte, da literatura, do tear, do teatro ... trarão ao alcance de todos a senha específica, em forma de linguagem solta, de instrumentais valiosos e caros a um garimpo processual: de se fazer criativo, de se fazer singular, coordenando oficinas temáticas sob o princípio da convivência, contando com o apoio do corpo técnico especializado e captando a “arte” popular-local, afim de transportá-la para a atividade da oficina, num processo de valorização do referencial do outro e de despertar de novas vocações e potencialidades. (SÃO PAULO (cidade))

Portanto, pode-se afirmar que, para a saúde, o que caracteriza a arte não é sua característica terapêutica, mas sua capacidade extra-clínica de aglutinar pessoas para fora da lógica de guetos em espaços de convivência entre diferentes; a arte como aproximação entre as pessoas. O ambiente terapêutico neste contexto é criado pela equipe técnica multidisciplinar que coordena em conjunto com quem detém o conhecimento da linguagem artística.

Ana Mae Barbosa (1989, p. 178), falando sobre os arte-educadores, defende que

Nossa concepção de história da arte não é linear mas pretende contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstâncias. Em lugar de estar preocupado em mostrar a então chamada evolução das formas artísticas através dos tempos, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. (BARBOSA, 1989, p. 178)

Já no campo da saúde,

Para que se possa entender a arte enquanto possibilidade de cuidado, há que se estudar com olhos internos aquilo que não está visível e que nem sempre é reconhecido intelectualmente. Acreditamos que a arte, que toca e afeta por ter vida, e assim, possui potência e ação que gera movimento, instaurando outras áreas de realização (MORO; GUAZINA, 2016, p. 40 *apud* OKOCHI; MENDES, 2020, p. 5).

Se a arte para a arte-educação está ligada ao cotidiano e a história pessoal dos indivíduos; se há um desejo de aproximação entre arte e vida em uma “educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como auto-expressão” (BARBOSA, 1989, p. 181), pode-se dizer que é possível estabelecer uma relação com uma outra arte que aproxima pessoas em grupos heterogêneos para reinventar pensamentos e

formas de conviver com as diferenças - uma arte de projeção de vida, como a defendida pela saúde. Uma arte que busca aproximação com a vida e outra que aproxima pessoas e projeta vida podem se encontrar e traçar caminhos de aproximação. Alguns desses serão abordados no próximo subcapítulo.

5. Adaptações, semelhanças, diferenças e potencialidades do ensino de arte em um espaço terapêutico

Podemos citar que:

Os pontos de encontro com experiências de cuidado desenvolvidas ao longo da história das práticas de saúde mental se caracterizam pelo fazer artístico que comporta o conhecimento da arte e pela perspectiva de ampliação, por meio da experiência cultural, dos modos de ser e de estar no mundo" (GALVANESE et al. 2016, p. 447 *apud* OKOCHI; MENDES, 2020, p. 7)

Com relação ao fazer artístico do arte educador, segundo

os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, as propostas para essas diversas linguagens artísticas estão submetidas à orientação geral [...] que estabelece três diretrizes básicas para a ação pedagógica. São diretrizes que retomam, embora não explicitamente, os eixos da chamada "Metodologia Triangular", ou melhor, "Proposta Triangular", defendida por Barbosa (1998) na área de Artes Plásticas. Segundo os próprios Parâmetros, o [...] conjunto de conteúdos está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar" (BRASIL, 1998, p. 49). Vale ressaltar que, no Brasil, a Proposta Triangular representa a tendência de resgate dos conteúdos específicos da área, na medida em que são apresentadas, como base para a ação pedagógica, três ações, mental e sensorialmente básicas, que dizem respeito ao modo como se processa o conhecimento em Arte. (VIEIRA, 2012, p. 69)

Dessa forma, o arte educador, em sua metodologia no ambiente escolar, busca criar um espaço de produzir, apreciar e contextualizar a arte, que está submetido a um processo avaliativo do aluno. Já na saúde, não existe uma avaliação quanto à linguagem, visto que, para a convivência, não existe certo ou errado, mas sim um diálogo que tensiona o que se considera a maneira correta de agir, pensar e viver.

As portas de um CECCO estão sempre abertas para aqueles que queiram conviver entre diferentes a partir de uma linguagem e, como é a linguagem que une as pessoas, todos presentes na oficina possuem um interesse artístico na área abordada, diferentemente do ambiente escolar, onde aqueles que não se identificam com a área são obrigados a continuar dentro da sala de aula.

Se o trabalho do arte-educador na escola é encantar o máximo de alunos com o encontro artístico e fazer com que todos possam conhecer o papel importante da arte na cultura e transformação da realidade, o arte educador na saúde não necessita cativar os participantes, visto que estes todos escolheram a oficina tendo em vista sua identificação com a área.

O arte-educador precisa usar sua criatividade para elaborar os encontros artísticos em qualquer instituição em que esteja. Se na escola, este profissional está, normalmente, sozinho para essa tarefa, na saúde, conta com uma equipe multiprofissional que coordena junto com ele e, através do diálogo presente na própria normativa do serviço, permite que o arte-educador possa utilizar do caráter transformador da arte enquanto a equipe de apoio garante um espaço terapêutico.

Se, na escola, existe uma concepção homogeneizante implícita que, somada ao grande número de estudantes, cria um ambiente que não é propício para a criação de vínculos fortes e profundos com todos; na saúde, o vínculo é extremamente necessário, possível e esperado de se obter com todos, visto que a convivência e a linguagem se atravessam enquanto proposta da oficina e de cuidado.

O arte-educador no ambiente escolar tem que lidar, normalmente, com crianças, adolescentes ou adultos de uma mesma faixa etária ou com poucos anos de diferença. Na saúde, o público pode variar muito, podendo ter crianças, adultos e idosos convivendo juntos em uma mesma oficina, o que permite um compartilhamento de saberes, formas de viver e pensar que, em muitos outros lugares, não seria possível.

Agora pensando em pontos de encontro entre o arte-educador na escola e na saúde,

Podemos dizer que a arte-educação contemporânea entra em sintonia com as propostas antimanicomiais interessadas justamente naquilo que é extra clínico, entendendo que a potência do encontro com a arte se dá justamente porque ela não é terapia (AVERSA, 2014, p. 158).

Portanto, se "defendemos uma educação de qualidade que dialogue e promova práticas educativas diferenciadas beneficiando a aprendizagem e a pesquisa para um bem social" (FEITOSA e SILVA, 2016, p. 10 *apud* OKOCHI; MENDES, 2020, p. 5) e que "A arte estimula o aluno a perceber, compreender e relacionar tais significados sociais. Essa forma de compreensão da arte inclui modos de interação como a empatia e se concretiza em múltiplas sínteses." (BRASIL, 1998, pp. 19-20), por que motivo o mesmo não poderia se aplicar ao campo da saúde, no qual o espaço terapêutico garantido pela equipe multidisciplinar permite que "os arte-educadores (com todas as suas variadas formações, interesses e singularidades) podem ser importantes aliados nesse processo que a Reforma Psiquiátrica vem construindo nas últimas décadas" (AVERSA, p.159).

O profissional multidisciplinar da saúde muitas vezes não detém a técnica artística em sua linguagem específica, momento no qual entra o arte-educador para proporcionar aos participantes encontros que permitam a convivência através da arte e que estes se reconheçam em um lugar de protagonismo e potencialidade. Desse trabalho em conjunto podem surgir termos que se intercambiam, se entrelaçam e vibram com a mesma intensidade em ambos os campos do conhecimento.

Um destes termos é o conceito de 'afetar' na saúde. Afetar não é apenas afeto por alguém, ato direcionado e com apenas um destino; afetar é estar disposto a ser afetado também. Se "O vínculo deverá constituir algo não teórico, portanto, quesito básico para o bom desenvolvimento do trabalho articulado." (SÃO PAULO (cidade), 1992, p. 57), permitir-se afetar e ser afetado pelo trabalho, participantes e equipe é extremamente necessário para o sucesso da tarefa de pensar o cuidado e convívio através da arte.

Outros signos interessantes na saúde são a diferença entre 'grupo' e 'agrupamento', visto que, no processo de uma oficina em dispositivos de saúde, existe o momento em que ocorre um agrupamento - quando as pessoas diferentes se aglutinam em um mesmo espaço por conta do interesse em determinada linguagem - e um outro momento em que ocorre a formação de um grupo. O grupo seria a instauração de uma coletividade e respeito entre todos na oficina que permite que o cuidado e a convivência ocorram efetivamente em nome dos vínculos e afetos criados.

Tanto o conceito de afetar - afetando e sendo afetado - quanto o conceito de formação de grupo, podem ser muito caros para o arte-educador, tanto na escola quanto na saúde, visto que permitem pensar em formas de convivência que respeitem as diferenças.

Existem também diversos conceitos arte-educativos que podem ser importantes para a saúde, dentre eles, o que a autora chama de "ambiência", ou seja, a organização do espaço onde ocorrerá o encontro artístico de forma a imergir todos do grupo em uma jornada artística que encanta e aprofunda relações,

permitindo assim, na saúde, que os participantes consigam se enxergar em novas potências e papéis, que não os estigmatizados socialmente.

Citando a PCN de arte:

A dimensão social das manifestações artísticas revela modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade. (BRASIL, 1998, pp. 19-20)

As adaptações que o arte-educador provavelmente terá que fazer em seu trabalho em um campo da saúde mental, incluem, dentre outras coisas, o respeito às diferentes formas de conviver e agir frente a um encontro artístico. Um aluno aparentemente dormindo na sala de aula pode ser visto como sinal de desrespeito ao professor; um participante aparentemente dormindo na oficina pode, à primeira vista, ser considerado da mesma forma, porém, se o arte-educador olhar novamente, verá que algumas pessoas prestam atenção de olhos fechados e, mesmo que demonstrem uma suposta negação de prestar atenção ao que está sendo falado, suas produções, atreladas profundamente à proposta do encontro, dirão o contrário.

Outras mudanças no processo arte-educativo na saúde podem ser a necessidade de modificar modos tradicionais de comunicar conhecimentos, como Power Points e aulas expositivas, visto que nem sempre se encaixam na proposta de uma oficina de linguagem da arte como cuidado. Algo que a autora propôs em encontros e percebeu ao longo do processo arte-educativo em saúde, foi que os participantes parecem se interessar muito mais quando conseguem visualizar as coisas no concreto - como em mímicas de processos artísticos de artistas consagrados, imagens grandes impressas que podem ser pegas na mão, placas com detalhes de obras grandes que às vezes se perdem, dentre outros. O arte-educador, em especial na área da saúde, tem que estar preparado para lidar com dificuldades e visualizá-las em potencialidades de encontros que valorizem os participantes. Como, por exemplo, em uma oficina para idosos com dificuldade de visão, propor atividades com elementos grandes que podem ser vistos por todos, como quebra cabeças com peças gigantes. Através da criatividade, a potência dos encontros explorarem aspectos distintos das linguagens é imensa, visto que pessoas diferentes se motivam e se identificam com técnicas, sentidos e temas diferentes.

Outro fator importante é que propostas que tenham começo, meio e fim de forma específica e que buscam chegar a um lugar determinado podem frustrar o arte-educador que não for capaz de compreender que, em um contexto de saúde mental, muitas coisas podem acontecer e, para garantir que o encontro faça sentido para os próprios participantes, é necessário ter muita flexibilidade em aceitar e improvisar frente aquilo que os próprios frequentadores estão pedindo. Porém, isso não significa que o arte-educador não possa continuar com sua metodologia de ensino, apenas que ela precisa ser adaptada ao contexto terapêutico e que, um encontro às vezes se desdobra em dois, três e, a produção, apreciação e contextualização podem ocorrer em momentos distintos no processo contínuo da oficina.

Um arte-educador na saúde talvez perceba que, em momentos de crise, não se deve mandar a pessoa para fora do espaço do encontro artístico, como é comumente feito nas escolas. Em dispositivos de portas abertas, como os CECCOs, nervosismo, frustração, medo, angústia, dor e sofrimento devem levar ao acolhimento e não à exclusão. Se um participante está nervoso por conta de situações pessoais e não está conseguindo lidar com o nervosismo, por que não abrir o assunto para o grupo

poder compartilhar momentos em que se sentiram nervosos e as diferentes formas com que lidaram a situação.

Em um dispositivo de saúde mental, traz-se questões individuais que, à primeira vista, podem parecer casos isolados, para o grupo se dar conta de como todos passam, em diferentes níveis, por questões parecidas. Com um compartilhamento de diferentes formas de lidar com um mesmo problema, podem surgir encontros humanos potentes capazes de possibilitar que as pessoas possam lidar de outras formas com situações que as afigem. Essa conduta de trabalho é possível através da comunicação e parceria entre as áreas da arte e da saúde, visto que um arte-educador que pode contar com a coordenação de uma equipe multidisciplinar é capaz de aprender, com essa transdisciplinaridade, novas formas de resolver questões e conflitos através da escuta e da inclusão.

Para concluir este subcapítulo:

Projetos de arte-cultura e trabalho que vêm sendo criados e desenvolvidos nas últimas décadas por meio das lutas no campo da saúde mental [...] têm permitido o surgimento de formas inovadoras de relação com a loucura e a diversidade nas quais os sujeitos são compreendidos não mais pelo diagnóstico psicopatológico ou médico-psiquiátrico tradicional, mas pelas possibilidades de invenção de novos modos de vida que produzem cidadania, circulação social e ampliação do conhecimento e da liberdade, para os sujeitos em sofrimento mental, profissionais e familiares envolvidos nos processos inovadores (TORRE, 2018, p. 8 *apud* MENDES; OKOCHI, 2020, p. 5).

6. Conclusão

Citando o caderno do curso de capacitação profissional “Ensino de arte na Educação Especial” do INE EAD:

Aprender é uma ação humana criativa, individual heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e que clareiam o entendimento dos alunos e professores – essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele. (MANTOAN; et al, 2006, p. 13).

Preparar o aluno oferecendo a ele a oportunidade de compreender a arte na sua dimensão histórica, cultural, e das linguagens artísticas lhes possibilitam o acesso a esses e outros conhecimentos. Comungando com Tibola, a LDB nº 9.394/96 (Brasil, 1996) assegura a obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica, em todos os níveis, bem como, em vários artigos, aponta o direito de todo cidadão ao exercício das manifestações de cunho artístico – cultural. Do mesmo modo, trata do direito à formação escolar plena de todo cidadão, respeitadas e atendidas as suas necessidades no processo de construção de aprendizagens, de conhecimento, de interação com seu meio natural e social, de estabelecimento das inter-relações por meio das manifestações artístico - culturais. Assim, a todas as pessoas deve ser assegurado o direito à Educação de qualidade e, nela, a construção de conhecimento em Arte, independentemente de gênero, classe social, raça, características físicas cognitivas e afetivas individuais (TIBOLA, 2001, p.18) ((INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO, [201-], p. 29)

Dessa forma, a arte-educação na escola e na saúde se encontram quando entendem que “O diálogo com a arte, estabelecido na dimensão sociocultural, é sobremaneira importante, uma vez que o estímulo à capacidade criativa tem desdobramentos nas posturas diante da vida (ANDRADE, LIMA e VELOSO, 2016, p.134 *apud* MENDES; OKOCHI, 2020, p.5).

Em um dispositivo de saúde mental é totalmente possível que um arte-educador atue usando sua metodologia de forma a se permitir afetar pelos participantes e pela equipe multidisciplinar de forma a criar um encontro artístico que promova convivência, autonomia e protagonismo aos frequentadores.

Em um CECCO, os objetivos de uma arte-educação inclusiva não são formar artistas profissionais que entrem para o mercado de arte, o que até pode ocorrer, mas é possibilitar que, com o participante se reconhecendo como produtor e apreciador de arte, ele possa ocupar um papel diferente do paradigma diagnóstico-doença. Que o papel de artista permita com que ele ganhe novas percepções de si mesmo e do mundo; que enxergue potencialidades muitas vezes até então desconhecidas ou inexploradas.

O importante da interface arte e saúde é garantir a cidadania, os direitos, a expressão, a voz, a autonomia, a potência de pessoas que são, muitas vezes, excluídas e estigmatizadas. Uma vez que os encontros artísticos “Possibilitam bem-estar para os pacientes assistidos, proporcionando relaxamento, autopercepção e elevação da autoestima” (FEITOSA e SILVA, 2016, p.10 *apud* MENDES; OKOCHI, 2020, p.5), o papel do arte-educador é utilizar sua criatividade para tirar o participante do lugar de dificuldade para o lugar de potência; é de, em conjunto com uma equipe multidisciplinar, garantir que a arte seja uma projeção de vida, uma aproximação de pessoas, uma organizadora de afetos, uma geradora de grupos em que, respeito às diferenças não seja apenas uma regra de convívio, mas uma máxima que norteia cada encontro.

Para finalizar, não se propõe que o arte-educador em dispositivos de saúde mental deixe de ensinar a arte com sua metodologia e retome processos históricos anteriores de um ensino modernista que expressava livremente para elaborar conflitos e angústias, mas sim que possa exercê-la em um ambiente terapêutico com a liberdade e flexibilidade necessária para tal, garantida pelo apoio de uma equipe multidisciplinar que, em coordenação conjunta, possa trazer a arte com produção, fruição e contextualização que, enfim, culmine em uma faceta da arte como linguagem do cuidado de si e do outro; da projeção de vida; da aproximação entre diferentes.

BIBLIOGRAFIA

ABDALLA, Yasmim. Arte e saúde mental: uma relação histórica no Brasil. In: **SP-ARTE**. São Paulo, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/arte-e-saude-mental-um-relacao-historica-no-brasil/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

AVERSA, Paula Carpinetti. Vibrações possíveis: Arte/Educação e Saúde Mental na Contemporaneidade. **ARS (São Paulo)**, v. 12, n. 23, p. 148-159, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, [s. l.], p. 170-182, 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPgqBv6J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2025.

BARDARO, Rosália; JÚNIOR, Reynaldo Mapelli. Saúde mental–Legislação e normas aplicáveis. **Políticas de saúde mental**, p. 376, 2013.

BRASIL. MEC. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF.

FIORAVANTI, Carlos. Ateliê Juquery. **NORMATIZAÇÃO DAS AÇÕES NOS CENTROS DE CONVIVÊNCIA E COOPERATIVAS MUNICIPAIS**, São Paulo, ed. 247, set 2016. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/atelie-juquery/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

GALLETTI, Maria Cecília. Os Centros de Convivência e Cooperativas–Cecco em São Paulo: uma política inclusiva de construção de redes territoriais. **políticas de saúde mental**, p. 159, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO. **Ensino de Arte na Educação Especial**. [s. l.], [201-]. *E-book* (53 p.).

OKOCHI, Regiane Cristina Neto; MENDES, Jessica Toneloto. Arte-educação e Saúde mental: a inserção do arte-educador. **Revista Científica Novas Configurações - Diálogos Plurais**, Luziânia, v. 1, n. 2, p. 29-38, 12 ago. 2020. DOI 10.4322/2675-4177.2020.017. Disponível em: <http://www.dialogosplurais.periodikos.com.br/article/10.4322/2675-4177.2020.017/pdf/dialogosplurais-1-2-29.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2025.

KIYOMURA, Leila. Arte e educação para todos é a regra: Com essa certeza, Ana Mae Barbosa e Annelise Nani Fonseca lançam o livro “Criatividade Coletiva - Arte e Educação no Século XXI”. **Jornal da USP**, [s. l.], 30 jun. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/arte-e-educacao-para-todos-e-a-regra/>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

LEGISLAÇÃO EM SAÚDE MENTAL. Lei nº N° 10.216, de 6 de abril de 2001. DISPÕE SOBRE A PROTEÇÃO E OS DIREITOS DAS PESSOAS PORTADORAS DE TRANSTORNOS MENTAIS E REDIRECIONA O MODELO ASSISTENCIAL EM SAÚDE MENTAL. Brasília, 6 abr. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm. Acesso em: 9 abr. 2024.

MATEUS, Mário Dinis (coord.). **Políticas de saúde mental**: baseado no curso Políticas públicas de saúde mental, do CAPS Luiz R. Cerqueira. São Paulo: [s. n.], 2013. 400 p. ISBN 978-85-88169-227.

Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/outras-publicacoes/politicas_de_saude_mental_capa_e_molo_site.pdf&ved=2ahUKEwj1rtWYm7aFAxWoQ7gEHXixDy0QFnoECBEQAQ&usg=AOvVaw3StVKegFLU8uMV5PJmglen. Acesso em: 9 abr. 2024.

MATEUS, Mário Dinis; MARI, Jair de Jesus. O Sistema de Saúde Mental Brasileiro: Avanços e desafios. In: MATEUS, Mário Dinis (org.). **Políticas de saúde mental**: baseado no curso Políticas públicas de saúde mental, do CAPS. São Paulo: Atheneu, 2013. cap. 1, p. 20-55. ISBN 978-85-88169-227.

MELICIO, Thiago Benedito Livramento; ALVAREZ, Ariadna Patricia Estevez (org.). **Centros de Convivência**: Arte, cultura e trabalho potencializando a vida. Rio de Janeiro: [s. n.], 2021. 496 p. ISBN 978-65-89050-02-5. Disponível em: http://www.cprj.org.br/site/wp-content/uploads/2022/08/centros_convivencia.pdf. Acesso em: 9 abr. 2024.

NISE da Silveira. **O Museu Vivo de Engenho de Dentro**. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/museuvivo/nise.php>>. Acesso em: 19 de jan. de 2025.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Saúde. Grupo de Trabalho Centros de Convivência e Cooperativa. **NORMATIZAÇÃO DAS AÇÕES NOS CENTROS DE CONVIVÊNCIA E COOPERATIVAS MUNICIPAIS**. São Paulo: [s. n.], 1992.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE. **Portaria nº N° 964, de 27 de outubro de 2018**. Regulamenta os Centros de Convivência e Cooperativa e estabelece diretrizes para o seu funcionamento. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-saude-sms-964-de-27-de-outubro-de-2018>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE (São Paulo). Retorno da Consulta Pública. **Orientações sobre a atenção às crises em saúde mental e o acompanhamento longitudinal dos casos na Rede de Atenção Psicossocial no Município de São Paulo**: Estratificação e Classificação de Risco em Saúde Mental. São Paulo: [s. n.], 2023. 34 p. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Protocolo_Class_Risco_Mental_Consult_Pub_CORRIGIDO_1_6_2023.pdf. Acesso em: 19 jan. 2025.

VIEIRA, M. de S. As reformas educacionais e o ensino de artes. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 65–72, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/197>. Acesso em: 19 jan. 2025.



A arte da capa deste capítulo é uma adaptação do tema do Festival de Arte, Saúde e Cultura produzido pela autora deste TCC durante seu estágio no CECCO.



Esse capítulo traz detalhes do percurso pessoal da autora deste TCC até sua chegada ao CECCO e da criação da oficina Circulando pelas Artes, a fim de registrar a busca por uma arte-educação que também pensa a arte como linguagem de cuidado de si e do outro.

Eu passei meses tentando pensar por onde começaria a contar essa história, pois uma jornada tão pessoal, vivida por dentro, é algo muito difícil de achar palavras.

Costumo dizer que, para mim, a arte é minha língua materna, através da qual consigo me comunicar muito melhor do que com palavras. Primeiro veio a arte, depois a voz.

Para compreender a minha relação e entendimento individual com a arte é preciso voltar muito antes: 18 anos atrás em uma pequena escola de uma pequena cidade.

Sou uma adulta de estatura baixa, e era ainda mais baixa na infância. Onde existem muitas crianças, existem também diversas recriações de relações de poder, e ouvi durante muito tempo que era Meio Metro, ao ponto de pessoas de outros anos olharem para mim e me reconhecerem pelo apelido. Eu odiava. Não queria ser conhecida apenas como pequena, frágil, minúscula. Uma narrativa tão forçada e despejada sobre mim durante a minha vida que foi preciso uma década de trabalho interno para entender que sou grande, e ocupo espaço.

Durante uma aula conjunta com crianças do Fundamental I, lemos um livro e a proposta era que desenhássemos uma parte da história. Infelizmente não tenho mais esse desenho nem lembro do livro, mas me recordo das cores: amarelo, bege e azul.

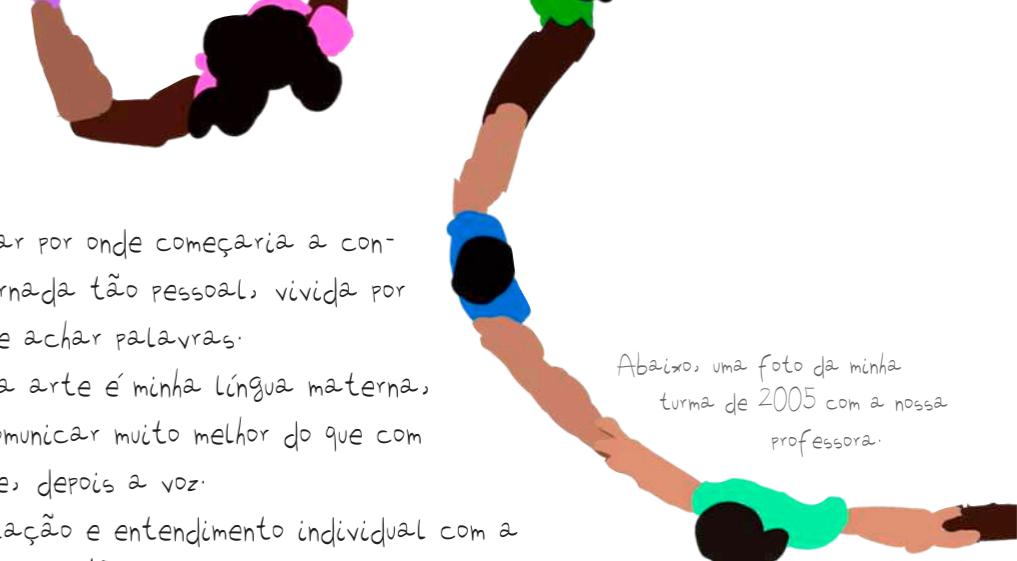
A partir desse desenho, que surpreendeu a todos na sala, eu não era mais Brígida, a pequena. Eu era Brígida, a artista.

A arte para mim surge como linguagem capaz de transformar narrativas, de fazer com que outros pontos de vistas e histórias sejam vistos. Através dela eu podia contar coisas que as palavras me faltavam, eu podia contar a minha própria história.

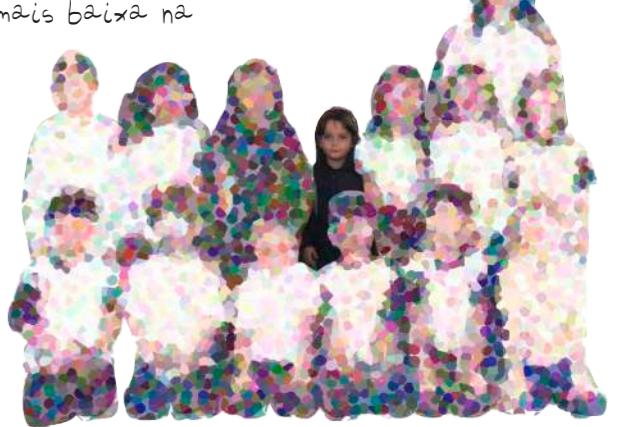
Outro momento curioso foi um projeto de ciências que fiz em 2012 com uma professora e uma colega sobre uma exposição chamada "Arte e Medicina: Interfaces de uma profissão", onde visitamos a Faculdade de Medicina da USP para uma monitoria e fizemos registros para montarmos nosso trabalho para a feira de ciências.

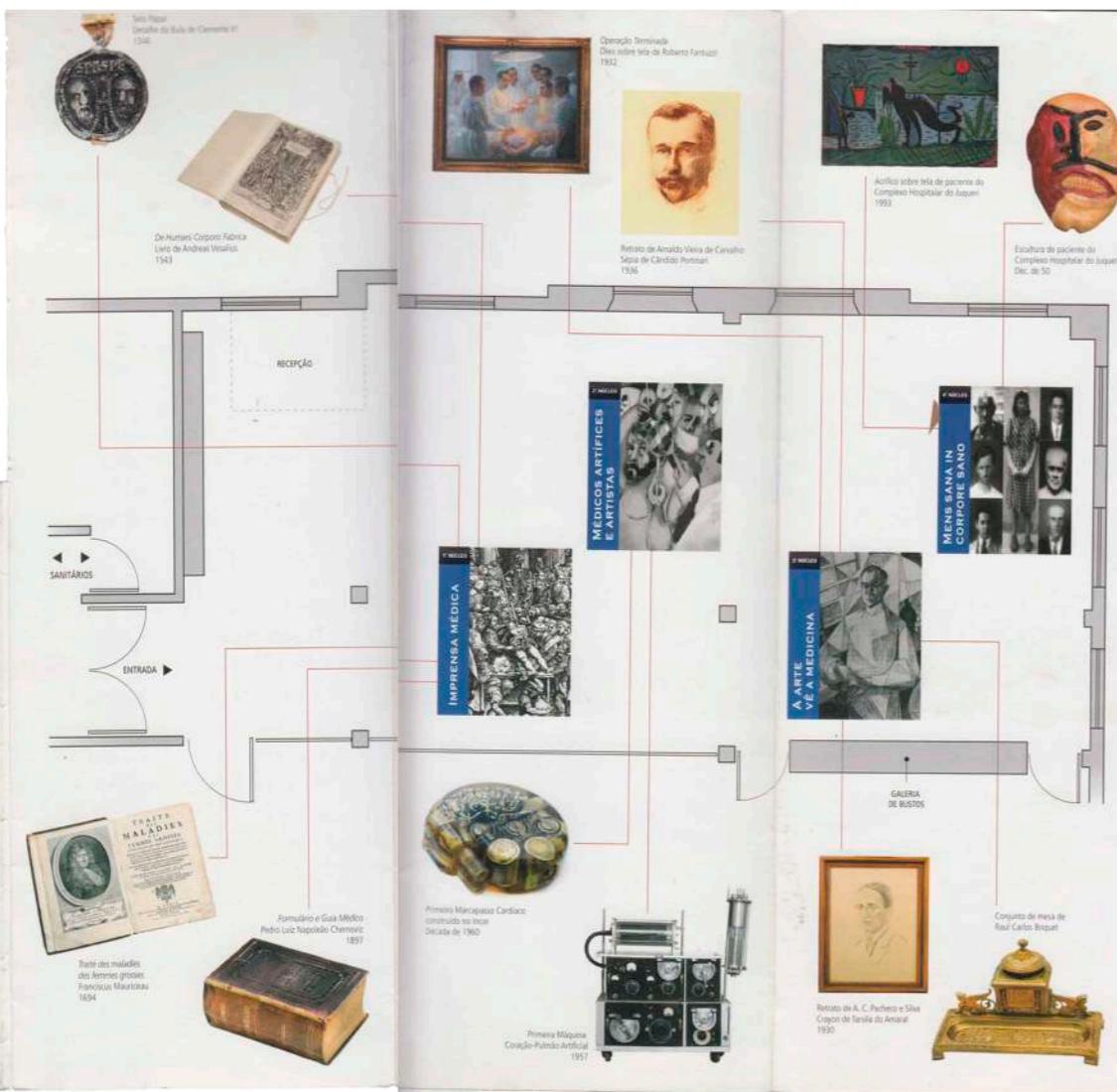


Acima a capa do livro "Arte e Medicina: Interfaces de uma profissão" que recebemos individualmente após a visita guiada à exposição de mesmo nome e que tenho guardado até hoje.



Abaixo, uma foto da minha turma de 2005 com a nossa professora.



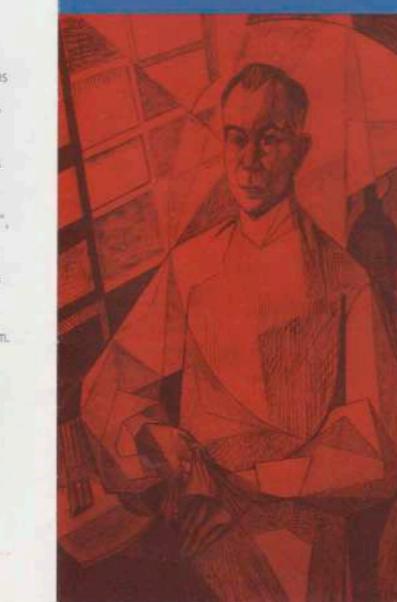


Acima, o panfleto da exposição fazendo um apanhado histórico da interface arte e medicina. Aqui, as multilinguagens que compõem a visão de saúde no CECCO já aparecem ao pensar arte e cultura como forma de cuidado.

ARTE E MEDICINA: INTERFACES DE UMA PROFISSÃO

A medicina como prática deixa-se capturar aqui em seus significados mais profundos e diversos, de um lado, por suas interfaces com os diversos tipos de manifestação artística e, de outro, por uma narrativa que expõe a arte visando não apenas o gozo estético, mas que está ativamente interessada no que tais manifestações nos revelam sobre o espírito, os valores, os contextos, e as motivações de homens e mulheres de diversas épocas e variadas formas de envolvimento com a medicina, os médicos, as ciências e as artes de cuidar. Pelos núcleos expositores, "Imprensa médica", "Médicos artífices e artistas", "A arte vê a medicina" e "Mens sana in corpore sano", poderá se observar esse entrelaçamento, essa capacidade de recompor o mundo a partir da ação criadora e no caso dessa exposição da tentativa de dirimir o sofrimento humano também.

ARTE E MEDICINA: INTERFACES DE UMA PROFISSÃO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DIRETOR Prof. Dr. Giovanni Guido Cerrit
VICE-DIRETOR Prof. Dr. José Otávio da Costa Auler Junior

COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PRESIDENTE Prof. Dr. José Ricardo C. M. Ayres

VICE-PRESIDENTE Prof. Dr. Cyro Festa Neto

SERVIÇO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

COORDENAÇÃO Meire de Carvalho Antunes

MUSEU HISTÓRICO PROF. CARLOS DA SILVA LACAZ

COORDENAÇÃO Prof. Dr. André Mota

CONFERÊNCIA Clébison Nascimento dos Santos

SECRETARIA Maria das Gracas Almeida Alves

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

SUPERINTENDENTE Dr. José Manoel de Camargo Teixeira

FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA

DIRETOR GERAL Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes

VICE-DIRETOR Prof. Dr. Yasuhiro Okay

CURADORIA DA EXPOSIÇÃO

Prof. Dr. André Mota

PESQUISADORA ASSOCIADA

Prof. Dr. Maria Gabriela S.M.C. Marinho

ARTE/CONCEPÇÃO

DIRETOR Marcelo Pacheco

ASSISTENTE Nan Catunda

MONTAGEM

Oficina de Artes/Marcos Albertin

IMPRESSÕES

Camera Press

MOLDURAS

Capricho Molduras



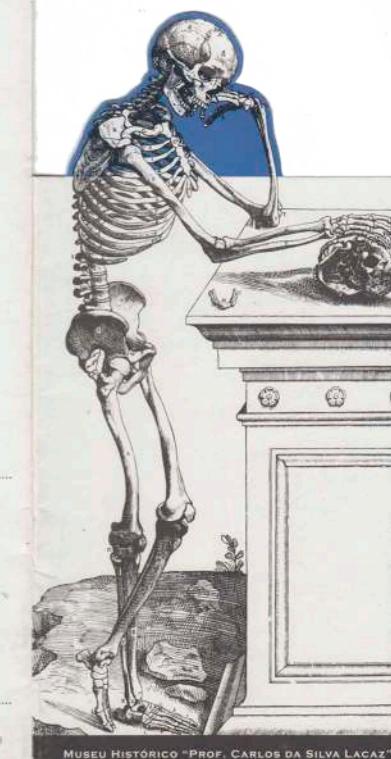
100 ANOS
MEDICINA

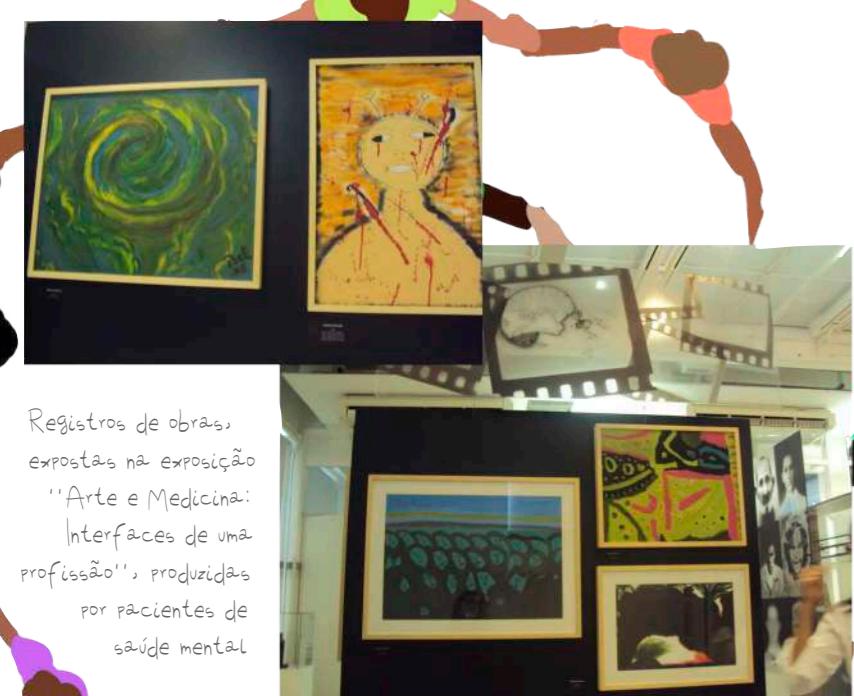
COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz

FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA

HC





Registros de obras, expostas na exposição "Arte e Medicina: Interfaces de uma profissão", produzidas por pacientes de saúde mental

Nessa exposição havia livros, tratados, ilustrações anatômicas, rótulos de medicamentos, instrumentos antigos e uma ala de trabalhos artísticos produzidos no Complexo Hospitalar do Juqueri, em acervos particulares e no Projeto Arteterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Aqui a arte já aparecia como forma de cuidados, como linguagem capaz de expressar e contar histórias, embora ainda não fosse o centro da nossa pesquisa escolar na época. A minha professora, Suzana, escolheu essa exposição para irmos e convidou minha colega e eu para o projeto.

Hoje, doze anos depois, enxergo admirada a sensibilidade dessa professora, pois virei artista e minha colega médica. Suzana me disse uma vez que não importava qual profissão eu escolhesse, que eu iria fazer o que escolhi muito bem. Eu penso o quanto importante foi essa fala em um momento tão crucial da minha vida, quando em breve eu teria de fazer a minha escolha profissional no ensino médio e no vestibular.

Quando adolescente, eu criei um livro de colagens que preenchia todo dia na escola. Eu tinha recortes, glitter, cola e tudo mais na bolsa para que, no momento que desejasse, pudesse trabalhar nessa espécie de diário visual. Dos 14 aos 16 anos, passei pelo meu próprio inferno. Desde então faço acompanhamento psicológico e psiquiátrico, tomo remédios e faço o mesmo desejo ao assoprar as velas de aniversário: paz, quero paz.



Brígida, a médica ou a artista?

Essa decisão foi sendo construída aos poucos, e sei que uma pessoa foi fundamental nesse processo: minha professora de filosofia Rosângela, uma figura muito importante na minha vida.

Não gostei dela no primeiro dia de aula por causa de ser muito direta, mas depois ela se tornou quem mais me acolheu e compreendeu na escola.

Sempre na primeira cadeira no canto, eu sentava na frente da mesa da professora e ela me via trabalhando no meu caderno durante as aulas quando tinha inspiração, até que, um dia, ela me perguntou se eu não queria responder uma de suas provas com um caderninho de colagem. Foi a primeira vez de várias em que entregaria respostas mais artísticas às suas indagações filosóficas.

Esse movimento foi um reconhecimento tão sensível do meu processo e interesses que me permitiu construir um outro caminho para mim, no qual a arte é o centro e não apenas um hobby. Ela compreendeu que a arte era a minha linguagem de comunicação pela qual conseguia ser verdadeira comigo mesma, meus medos, angústias, sonhos e desejos.

Nas suas provas, ela permitia que eu fosse longe, bem longe, respondendo às questões de formas às vezes até incompreensíveis para mim mesma agora.

Me pergunto se ela sabe o quanto importante foi essa abertura para mim, o quanto pude colocar para fora e me sentir validada e autorizada, inclusive incentivada, a falar o que havia dentro de mim, independentemente de qual linguagem eu usasse.

Não é à toa que eu nunca rasei nas suas provas, a abertura para a arte veio junto com a abertura da voz, mesmo que as palavras não fizessem tanto sentido, eu não tinha medo de errar.

Durante as aulas dessa mesma professora, eu me lembro da aula sobre a história da loucura.



Exemplos de cadernos que produzi para avaliação na disciplina de filosofia entre 2015 e 2016.

O assunto me fascinava muito porque eu estava passando por dentro de um processo pessoal muito doloroso e solitário, e consegui reconhecer-me na figura do bôbo e do louco muito mais do que naqueles que nomeei de "os que deram certo", os que aparecem na narrativa da história.

Eu me identificava tanto que foi muito engraçado receber a prova de volta e ver uma nota da professora dizendo que era "Nau dos Loucos" e não "Anal dos Loucos", como eu havia escrito. Não estava fazendo piada, eu coloquei no papel o que eu havia entendido e, agora, vejo que, além de uma ingenuidade, o fato mostrava também que o conhecimento e a relação com a loucura eram questões muito distantes e pouco faladas no geral.

Ela não anunciou para a sala, não fez piada, nem sequer conversou sobre esse erro. A palavra me faltou naquilo que não foi elaborado e o processo das visões sobre "os que deram errado, muito errado" demoraria ainda muitos anos para acontecer. O que fica evidente é que não fui punida pelo erro, fui compreendida, o que muitas vezes não é o processo habitual da rotina na escola.

Conhecimento: Todo o conteúdo assimilado no decorrer do ensino médio, na disciplina de filosofia.

Competências: Apreensão dos valores sociais e postura ética, política cidadã

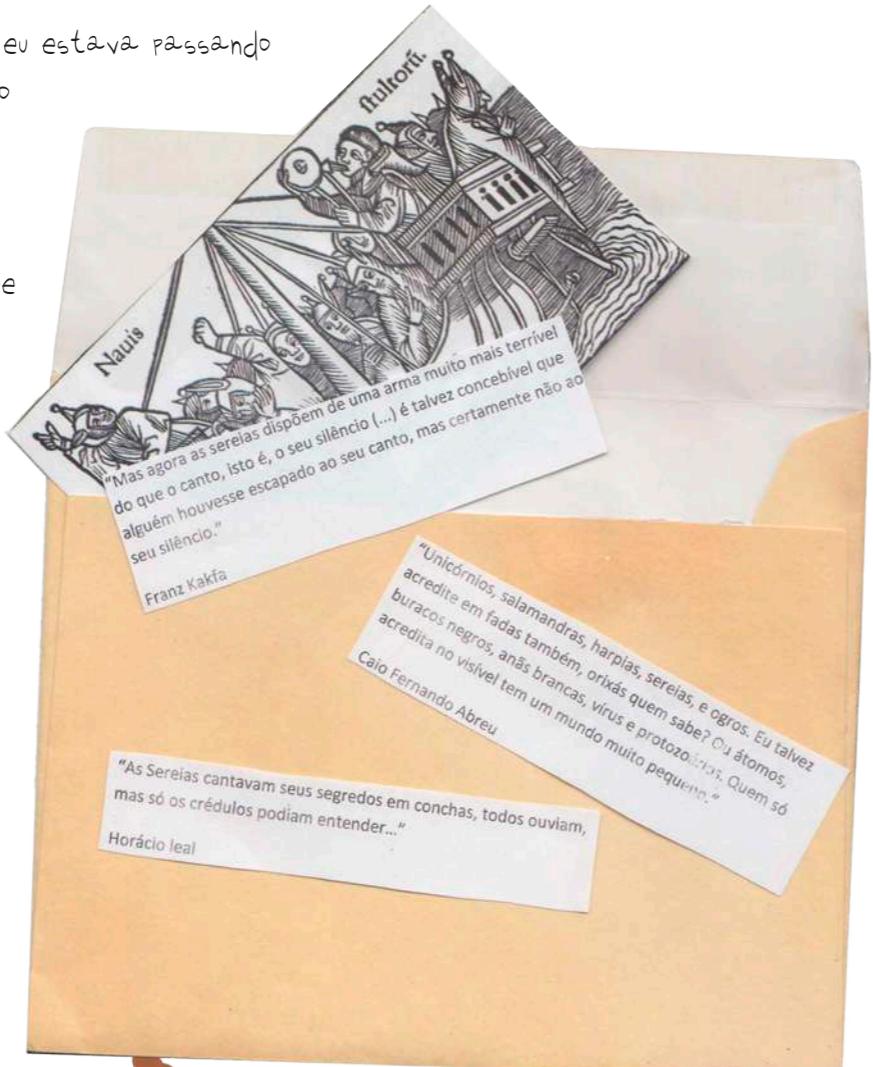
Critérios: Relacionamento de ideias, fundamentação postura ética

Instruções: Execute o que está sendo requisitado abaixo. Use apenas caneta azul ou preta.

Caro aluno, ao longo de nossa jornada, viajamos no tempo e no espaço, assimilamos conhecimentos e construímos conhecimentos. Com toda essa bagagem podemos dialogar sobre um assunto que nos inquieta muito, a "educação". Gostaria de saber como você aborda a importância (ou a falta dela) do ensino de filosofia no ensino médio, e seus reflexos na área educacional.

Justifique sua postura frente ao assunto de maneira clara e argumentativa.

Enunciado da prova realizada em 2016 e que avalia todo o conteúdo assimilado na disciplina de filosofia até o momento. A seguir, o verso da minha resposta, onde encontra-se o trecho citado anteriormente.



NOS DOENTES, LOUCOS, MANÍACOS, PSICOPATAS, INSANOS E ABOMINÁVEIS.

EU NÃO DEI CERTO. DISSE RAM-ME PARA SER FLOR. EU JÁ QUIS SER FLOR, MAS EU NASCI ERVA PANINTHA E NÃO VOU MUDAR.

FALANDO NISSO EU LEMBRO QUE PERGUNTARAM NAQUELE CÍRCULO SE EU TINHA FELICIDADE, EU DISSÉ SIM, MAS QUIS DIZER NENHUMA.

SOU BURRA E MIMADA, MINHA MÃE JÁ ME AVISOU PARA EU PARAR DE MENTIR, MAS NÃO CONSIGO. EU NÃO ACEITAVA MENOS DO QUE A PERFEIÇÃO, MAS EU ESQUECI QUE MEU NOME ERA SÓ MAIS UM NA LISTA DE CHAMADA.

NÃO ME OLHE ASSIM, NÃO SUPORTO ISSO.

NÃO SEI SE A FORMA COMO ESTAMOS APRENDENDO A VIDA É A CERTA, NEM SEI SE ESTOU VIVENDO. COMO SABER SE AQUI NÃO É O ANAL A NAU DOS LOUCOS E ESTAMOS INDO TODOS JUNTOS PARA LÁ?

CINQUENTA MINUTOS QUE EU QUERIA QUE FOSSE ETERNIDADE MINHA, ETERNIDADE SUA. ETERNIDADE NOSSA.

MAS ACREDITE, TODOS NÓS TEMOS MEDO DAS PROFUNDIZAS EM CADA UM DÉ NOSSOS CORPOS, E NOS CORPOS DOS OUTROS. DO QUE ADIANTA EU SER A MELHOR ALUNA SE SOU COMPLETAMENTE IGNORANTE A MIN ME SMA?

NÃO SEI, SERÁ QUE ESTOU FAZENDO A COISA CERTA? NÃO QUERO DECORAR QUEM EU FUI E QUEM EU QUERO SER, EU QUERO SABER QUEM EU SOU.

A FILOSOFIA É IMPORTANTE PORQUE EU PUDE ESCRIVER ESSE TEXTO, E SE EU FALHAR NA PROVA VOU FICAR DE RECUPERAÇÃO NA ESCOLA DAQUI E NA ESCOLA DE LÁ.

AGORA QUE VOCÊ JÁ SABE DA HISTÓRIA QUE TAL IRMOS PARA OMAR DE CRIANÇAS MORTAS NA INFÂNCIA? TEM ALGUMAS LEMBRANÇAS QUE EU QUERIA VER? IR LÁ SOZINHA.

Sem medo de errar, surgiu nas aulas de filosofia o embrião de uma história que me acompanharia até os dias atuais e se tornaria o meu TCC do bacharelado em Artes Visuais defendido em 2023. A Cidade de Cristal, lendária, transparente e em ruínas, surgiu a partir de um exercício em grupo de representar Deus/o divino proposto por essa professora. A partir dessa história eu iria escrever a minha narrativa tentando elaborar tudo aquilo pelo qual passei, e, através dos personagens que foram se criando e suas relações consigo e com o mundo, eu pude entrar fundo em questões difíceis de compreender e de compartilhar, mas que passaram a ter significações pessoais que podem ficar ocultas se não ditas.

A mágica da arte e o que chamo de mitologia pessoal é: se eu não quiser dizer o que significa a pessoa não irá descobrir. É falar tendo controle sobre como, com quem e de que forma se abrir.

Na Cidade de Cristal não tinha onde se esconder, no meio da sua ruína e luz brilhante eu apresentava a todos os cacos da minha alma e mostrava uma realidade fantástica, bonita e perigosa com personagens igualmente fantásticos, bonitos e perigosos.



Pinturas datadas de 2014-2015 que retratam o início da criação da história da Cidade de Cristal, presente no TCC de bacharelado da autora (2023).



Uma alma em pedaços buscando respostas que pareciam não existir, querendo encontrar alguém que entendesse esse sofrimento e buscando na arte uma maneira de achar caminhos possíveis para compreender que não havia nada fundamentalmente errado comigo e que não há nada de vergonhoso em passar por questões de sofrimento mental.

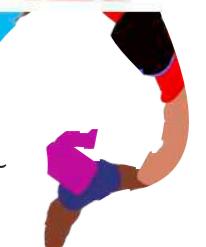


Desenhos e pinturas que buscavam expressar através da arte sensações e sentimentos difíceis de serem compreendidos racionalmente.

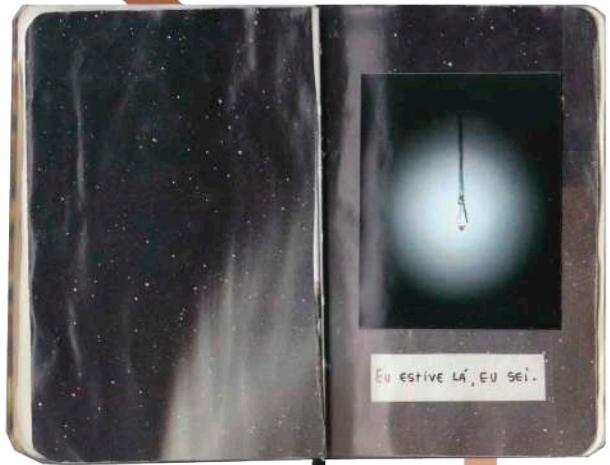
A minha entrada na faculdade marcou um período muito importante da minha vida, foi nesse lugar que pude construir amizades, raízes e muita, mas muita arte.

Entrei no departamento de artes plásticas querendo licenciatura, queria ser professora. Via na figura do professor uma possibilidade de construir vínculos com os meus futuros alunos e poder estar lá para eles como a minha professora de filosofia esteve para mim.

Mas até chegar a essa compreensão houve um enorme caminho pela fren-te.



No meu caderno de colagens eu escrevi "Eu estive lá, eu sei." e tinha noção de que queria estar lá para aqueles que também passaram por lá e também sabem: queria ajudar como alguém que passou por dentro de um processo de busca por saúde mental.



Página do caderno de colagem feito durante o Ensino Médio que traz uma frase recorrente em meus diários "Eu estive lá, eu sei".

a todos, mas era humanamente impossível. O vínculo com todos era irrealizável, e isso me frustrava muito.

Houve um caso de suicídio na escola e eu assisti horrorizada à forma como os profissionais e crianças responderam a essa tragédia. Comentários dizendo que essa menina era malvada e que não aguentou a consequência de suas ações entraram pelas minhas orelhas, eu, Brígida, que tentou se suicidar durante a adolescência.

Isso criou uma cisão em mim, e trabalhar nessa escola se tornou impossível. Eu me demiti e fui em busca de outro estágio. Nesse contexto, estava fazendo a disciplina MEAV III com a professora Dália Rosenthal, na qual planejei e ministrei a oficina "Literapintura" com colegas em uma biblioteca - um dos campos de estágio da matéria.

Em conversa com a professora Dália, surgiu a possibilidade de uma bolsa PUB para mim. Pensando em formar novas parcerias, fomos eu, Dália e Érico - na época, mestrandos e monitor da disciplina - até um CAPS, Centro de Apoio Psicossocial, para ver a possibilidade de um estágio nessa instituição.

Fomos muito bem recebidos e descobrimos a existência de um grupo de artes de sexta-feira, o qual eu e Érico começamos a acompanhar e observar semanalmente. Nesses encontros comecei a encontrar respostas para as perguntas trazidas no antigo estágio sobre como lidar com a dor e complexidade humana de forma sensível e afetiva.

Durante os primeiros estágios em escolas, esse desejo ficou latente e esperando apenas por uma pequena abertura para poder se manifestar. Infelizmente, o caminho até ele poder se realizar foi bem tortuoso e doloroso.

Fiz um estágio em uma escola e tive várias experiências em assistência nos ateliês e durante as aulas. Eram 900 alunos por ateliê, e essa quantidade absurdamente grande me deixava tonta: eu queria conhecer os nomes e poder conhecer



Desenho feito pela autora durante uma assembleia geral do CAPS

Nessa experiência no CAPS diversos momentos marcaram-me muito, tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Um deles foi uma conversa com um frequentador que disse ter raiva da Mona Lisa, que ela está muito distante lá no Louvre, enquanto a arte do dia a dia não é valorizada e não entra no museu. Nessa conversa ficou óbvio a cisão entre arte e vida e a necessidade de retrabalhar a relação entre essas duas esferas que artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica tanto buscaram em sua trajetória. A arte é e está para todos, mas nem todos se reconhecem na arte consagrada pelo museu.

Um desejo grande que surgiu, e foi se concretizar mais pra frente, foi valorizar o que é produzido durante os encontros de forma a fazer com que as pessoas sintam que também pertencem aos espaços de exposição e museus, tanto como observadores quanto como artistas, ocupando espaços e mostrando suas produções ao mundo.

Outro momento que me marcou muito foi uma conversa bem densa com dois participantes sobre depressão e suicídio. Um deles disse que queria morrer e queria saber se isso iria passar em algum momento.



Desenhos produzidos pela autora durante os encontros do grupo de artes do CAPS retratando o clima e ambiente das atividades.



Comecei falando que, para mim, demorou seis anos para que eu ficasse boa novamente e contei que tive depressão grave quando adolescente, o que foi importante para um dos participantes, pois ele disse que essa minha passagem é algo "bom, porque você passou por dentro". Essa conversa durou a oficina inteira e só parou quando chegou a hora do almoço.

Fiquei tensa, porém tinha enorme consciência da importância dessa escuta e de falas enfáticas pontuais. Enquanto falava, sabia que estava lidando muito bem com a situação, o que só foi possível depois de todo o aprendizado de 6 meses no CAPS.

As trabalhadoras da equipe do CAPS acompanharam silenciosamente a conversa prestando atenção caso fosse necessário intervir e, diferentemente do estágio anterior que fiz, senti que pude encontrar um caminho para lidar com o sofrimento do outro com humanidade e carinho. Dentro do grupo de artes, acompanhei pessoas que produziam 5 ou mais obras de uma vez e outras que demoravam meses para concluir uma única produção. Foi dentro da dinâmica desse grupo que apareceu o termo "artistas arteiros" que também seria utilizado posteriormente e as "fuxiquentas do bem" na confecção de fuxicos decorados.

A experiência de um ano como bolsista PUB e voluntária no CAPS, acompanhando o grupo de arte, foi uma vivência muito significativa para minha formação enquanto professora, artista e como pessoa. Neste lugar de afeto, cuidado e convivência, aprendi muito sobre como compartilhar e trocar momentos, experiências e vivências das mais distintas.

Outro dizer que encontrei respostas para o meu desejo profissional e para perguntas pessoais que tinha e outras que nem imaginava que teria. É preciso muita coragem, franqueza e humildade para encontrar outro ser humano e muita sensibilidade para saber quando apenas ouvir e quando falar.

Como conviver com as diferenças?

Uma participante, respondendo a um colega que contou sofrer preconceito na família por conta da depressão, chamou-o pelo nome e disse: "o que foi que eu disse para você?"

Imagens do caderno de campo que a autora usou durante todo o período de experiência no CAPS. Uma prática que se tornou um hábito foi a coleta de flores e plantas que a autora encontrava no caminho até o CAPS e colava no caderno como registro.



"Quando eu te vejo no ônibus eu sento do seu lado e te pergunto 'como você está?' A gente vem conversando até chegar no CAPS. É assim que a gente faz."

Como lidar com questões relacionadas à saúde mental?

Com o convívio, a conversa, o diálogo e, de forma nenhuma, afastamento ou apagamento.

A possibilidade de estar nesse espaço me ensinou muito. Ao longo de um ano, conheci a maioria da equipe e dos usuários, podendo estabelecer relações de parceria, amizade e afeto muito fortes. O CAPS possui diversas características e dificuldades próprias - como qualquer instituição - e ver esse processo de cuidado realmente acontecer me fez encontrar e fortalecer o propósito da minha formação como licencianda em artes visuais.

A ponte do CAPS para o CECCO começou a ocorrer na preparação para a passeata da luta antimanicomial em 2023, onde pessoas do CECCO foram compor uma parceria de serviços no grupo de artes do CAPS para fazer cartazes e bandeirolas. Foi nesse dia que conheci as pessoas do CECCO e, desde então, começou a se formar uma ligação com esse outro serviço.

A coordenação do CECCO me contatou para pensar na criação de um vídeo institucional, visto que eles sabiam que eu era uma pessoa da área de artes que estava muito interessada na interface com saúde mental. Uma reunião aqui, outra ali, fui convidada também a participar da festa junina em julho e, algumas semanas depois, fui chamada para uma oportunidade de estágio no CECCO.

A possibilidade de conseguir seguir nessa área de arte como cuidado se tornou possível com o apoio e suporte sensível da professora Dália e da equipe do CECCO para abrirmos uma pequena porta e plantarmos uma semente da arte relacionada com a saúde mental que, desde então, apenas cresceu, cresceu e cresceu.

Continuei a ir ao CAPS meses depois de começar no CECCO, em nome do vínculo e afeto que se formou durante todo esse período, até sentir que o trabalho começou a se perder e não estávamos mais conseguindo sustentar essa dinâmica.

O CECCO, como falar do CECCO?

Costumava dizer que não entendia pessoas antes de entrar nele, pois tinha dificuldade em me relacionar e compreender as interações com as pessoas. Hoje, digo que comecei a entender pessoas e ver como é possível gente tão diferente se dar bem juntas.

No CECCO aprendi tanto. Profissionalmente é uma oportunidade única e maravilhosa de entender a arte como linguagem de cuidado e de maneira pessoal com o acolhimento da equipe e dos participantes.



Registro em desenho da primeira reunião de equipe do CECCO da qual a autora participou.

O CECCO é o lugar onde os encontros acontecem, onde os vínculos se formam.

O CECCO é um lugar de inclusão, de vulnerabilidades, de público geral. Um lugar de todos.

Abaixo, uma ilustração feita pela autora para uma apresentação de formação em Power Point sobre inclusão e arte feita pela equipe do CECCO em uma das oficinas que a autora participou.

Estar no CECCO é a realização de um sonho, estar cercada de gente que acolhe, entende, inclui, e comprehende. O sonho que me manteve viva nas horas mais difíceis da minha vida. Existe um histórico pessoal de dor, sofrimento e desespero e, quando tinha 15 anos, fiz uma aposta. Eu decidi continuar viva na esperança de que um dia as coisas seriam diferentes e de que um dia eu sairia do mundo de dor em que vivia e iria encontrar um lugar onde eu seria aceita, valorizada, comprehendida e estimulada a fazer várias coisas que acho que jamais conseguiria. Aprendi a dizer não a uma autoridade, a dizer não a um colega, a dizer não a um participante e dizer não a mim mesma.

Também aprendi a não só cuidar da minha mente, mas também pensar no meu corpo; voltei a praticar esporte, a introduzir legumes e vegetais na minha rotina.

Aprendi a lidar com a ansiedade de ministrar encontros e ficar responsável, a dividir tarefas, risadas, alegrias e tristezas também.

A conclusão que chego é que se estou onde estou é porque mulheres incríveis acreditaram em mim, me apoiaram e toparam caminhar comigo em uma jornada para buscar sentido emocional, pessoal e profissional. Não tenho palavras para agradecer à sensibilidade, ao carinho e à força que essas mulheres me deram e me ensinaram a ter, porque, se eu estou viva e estou aqui é porque também, além de tudo, eu acreditei que seria possível ser diferente e estar num lugar que celebra as diferenças.

Se eu posso passar adiante o conhecimento visceral que tive com a arte como linguagem de cuidado é porque decidi acreditar

na minha vida e eu decidi acreditar na minha vida. Por esse motivo, eu pulo com vida dentro desse lugar, porque eu queria muito dizer à Brígida e àquelas com as quais não tenho mais contato, que valeu a pena apostar e que eu encontraria o que estava procurando, embora nem soubesse o que estava tentando encontrar, mas todas elas me ensinaram: um espaço onde faz sentido ser quem eu sou, ter vivido tudo que eu vivi e poder compartilhar o que aprendi e aprender muito, muito mais. A arte como linguagem de cuidado pode não fazer sentido para todos, pois é apenas uma das várias facetas dessa área do conhecimento, mas para mim, essa é a arte que me toca, me encanta e me fascina.

É essa arte que canta sua canção de sereia e eu, como sereia, fico muito grata e realizada de poder cantar a música de volta. A sereia do cuidado em saúde mental pode parecer perigosa e assustadora, mas ela não é, ela não afunda, ela ensina a nadar e respirar embaixo d'água; ela ajuda a lidar com a nossa loucura interna que é inerente a estar vivo, ela ajuda a entender que existem muitas formas de viver e solta as amarras do que se acredita ser certo ou errado.

Depois do último encontro da oficina de artes antes das férias, eu finalmente ouvi claramente a sereia cantando e, desde então, uso meu colar de sereia no pescoço nos encontros. A sereia cantou para mim quando tinha 15 anos, ela me ajudou, me guiou e me sustentou cantando sobre mundos que eu não conhecia e, agora, eu canto de volta dizendo que estou aqui e sei que é possível tantas pessoas tão diferentes compartilharem com muito afeto o mesmo espaço.

Canto para ela de uma arte educação que faz sentido para mim e ela me responde que essa é uma arte educação que faz sentido para ela.

CECCO: um lugar onde a arte é linguagem de cuidado e o cuidado é uma linguagem da arte.

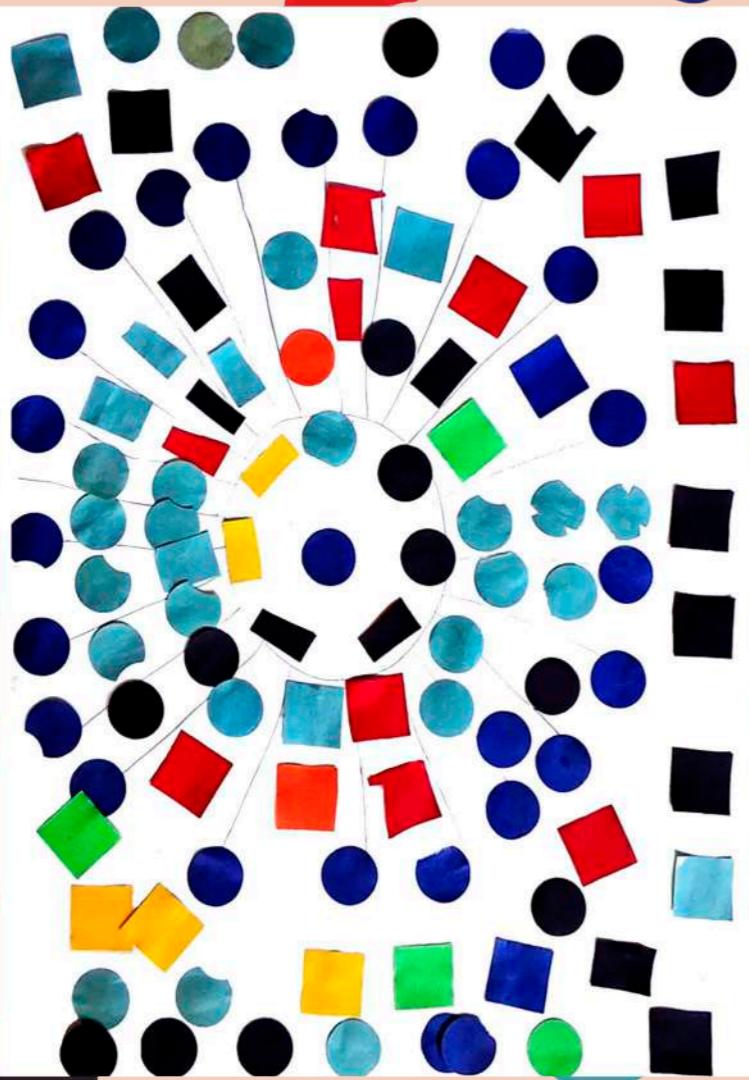


Ao lado, a Brígida de 15 anos faz um chamado à sereia e abaixo, a sereia da saúde mental responde à Brígida de 25 anos que existe um lugar que pensa arte como linguagem de 'cuidado de si e do outro'.



CIRCULANDO PELAS ARTES

CAPÍTULO 3



Acima, um desenho feito por um participante que frequenta a oficina desde o início e toda terça-feira pergunta se "amanhã tem?"

Todas as imagens presentes neste capítulo são do acervo pessoal da autora e da equipe do CECCO. Os rostos foram recortados e / ou borrados para que os participantes não pudessem ser reconhecidos e suas informações preservadas no texto, trazendo os encontros como estudo de caso e não mencionando nenhuma informação que pudesse identificar alguém.

Este capítulo traz o percurso de idealização, elaboração, início e toda a trajetória da oficina *Circulando pelas Artes* durante o período de pesquisa e realização deste TCC.

Essa oficina é a realização de um sonho pessoal da autora de mergulhar na interface arte, saúde e cultura e, também, uma demanda trazida pelos frequentadores do serviço no CECCO e pela equipe.

Durante as reuniões iniciais em fevereiro para pensar a criação da oficina, discutiu-se muito qual seriam suas características, propostas e objetivos com um primeiro nome de "Oficina de Linguagens Artísticas". Nesse momento foram esboçados a duração da oficina, com 2 horas e tempo de 30 minutos para reunião de coordenação após os encontros; e o público, pensado para adultos da população geral e do público-alvo do CECCO.

Foram elencadas ideias e propostas que a equipe gostaria de fazer, como: uma dinâmica inicial para entender o perfil e vontade do grupo para pensar futuros encontros; mosaico; produção de tinta com ovo com a técnica têmpera; argila; máscaras; escultura em sabão; entre outros.

A partir desses anseios, pensou-se na oficina como uma possibilidade de poder circular por atividades coletivas e individuais perpassando várias técnicas das artes visuais. Além disso, uma vontade de aproximar as esferas da arte e vida de forma que os participantes se entendam como artistas e apreciadores da arte, trazendo as linguagens visuais em seu repertório como forma de empoderamento e protagonismo.

Escolheu-se então o nome "*Circulando pelas Artes*" dentre vários nomes elencados pela equipe, como: Pintando o CECCO; Arte Diversa; Caminhando pelas Artes; Diversa Arte; entre outros. No ano de 2024, a oficina teve 38 encontros divididos em ciclos de técnicas e/ou temáticas que duraram cerca de 3 a 4 semanas. Devido ao grande número de encontros, decidiu-se fazer para este TCC um breve apanhado dos ciclos de aulas e foram escolhidos 10 encontros para uma análise mais profunda e apresentação das obras produzidas mais individualmente na intenção de acompanhar a trajetória da oficina em seu início, meio e fim.

O presente capítulo buscou também trazer uma organização e estética semelhante com os cadernos de campo da autora que foram produzidos ao longo de todo o seu período no CECCO, com fotografias em porta fotos transparentes, obras individuais recortadas e agrupadas em pastas zip locks e produções coletivas ou de grande escala com recortes que extrapolam os limites do formato da folha de tamanho A4.



A seguir, foi feita uma linha do tempo de todos os encontros da oficina *Circulando pelas artes* para uma melhor visualização dos encontros e ciclos, assim como a dimensão desse grande projeto.



Ao final das reuniões, foi produzido então o panfleto da oficina, que foi distribuído para os frequentadores do CECCO, postado nas redes sociais e site do serviço e foi feita uma divulgação presencial na região.

O primeiro encontro caiu numa quarta-feira de cinzas em um dia frio e chuvoso, dessa forma, a equipe - composta por uma psicóloga, estagiárias de artes e fonoaudiologia e, no início, por um doutorando em artes visuais - achou que ninguém viria.

No entanto, uma participante veio e realizou-se uma proposta do Cadavre Exquis, um jogo surrealista onde uma folha sulfite é dobrada no meio duas vezes e cada um desenha em uma face e passa para o próximo sem ver o que o outro fez. Os desenhos começaram tímidos, mas depois passaram a ocupar mais o espaço da folha com mais liberdade e criatividade.

No segundo encontro, a participante da semana passada chamou seus colegas e amigos de outras oficinas e muitos deles vieram conhecer a oficina,

dando no total 11 participantes. Agrupados no chão, explorando texturas e representações com barbante e giz de cera em duas fileiras de papel kraft grandes, todos contaram suas experiências com arte e vontades de aprender. Em turnos, todos puderam complementar as produções de todos formando uma obra coletiva intitulada "Desenho CECCO arco (x) bagaceira quadro tricolor vivendo aprendendo superando e surpreendendo".

No terceiro encontro iniciou-se o ciclo do mosaico com uma breve apresentação da técnica e sua história no computador e uma proposta de construção de imagens através de círculos, quadrados e outras formas recortadas em papel colorido. A atividade se dividia em uma mesa com um papel kraft para uma produção coletiva e outra com produções individuais em folha sulfite para quem preferisse. Todos os participantes pareceram entrar na proposta, cada um à sua maneira.

O quarto encontro precisou de três mesas, pois o grupo estava bem grande e ocupava o salão todo do CECCO. Como o desenho coletivo da semana passada não havia sido terminado, a proposta foi continuá-lo e, em paralelo, o convite para que criassem seus próprios personagens. A maioria escolheu desenhar e algumas pessoas entraram imediatamente na proposta, enquanto outras precisaram de um convite e atenção maior. Foram ensinadas técnicas de simular uma mesa de luz no celular/Tablet e como simplificar um desenho complexo em formas geométricas mais simples. No domingo seria o aniversário de um participante, e ele nos comunicou que queria que cantássemos parabéns para ele.

ENCONTRO 5

Antes da oficina, os participantes foram chegando e sentando no salão central e organicamente se formou uma espécie de karaoke, onde cada um pedia uma música e cantava. Ou seja, antes da oficina sempre acontece um espaço de convivência entre os frequentadores que chegam mais cedo.

Iniciamos a oficina propondo a criação de um projeto em mosaico e desenho. Para que os participantes compreendessem melhor a proposta, foram impressas várias imagens coloridas com exemplos e referências de diferentes formas de construir um mosaico - o que pareceu ajudar na hora de pensar em seus projetos - assim como um pequeno exemplo de formas de cortar azulejos e pastilhas com os alicates em uma plaquinha de MDF.

Para o mosaico, instruímos cada um a pensar no que gostariam de fazer a partir dos vários objetos de MDF disponíveis. Depois de escolhida a base, quem pegou caixinhas, cabides e outros, pintou a madeira com tinta acrílica e, enquanto secava, escolheu as cores e formatos das pastilhas. Quem preferiu os quadros já pôde fazer o desenho em cima da placa de madeira e começar a colar os azulejos e pastilhas com cola branca.

Vieram para esse encontro 10 participantes e, cada um à sua maneira, iniciou um projeto de mosaico e/ou desenho. Alguns resolveram suas obras em um encontro, enquanto outros levariam até 5 semanas para finalizar, salientando que a beleza desse ciclo do mosaico foi ver cada um desses projetos tomando forma e se concretizando encontro a encontro. Um participante já havia feito mosaico antes em outra oficina e a equipe incentivou que ele ajudasse e ensinasse aos colegas como cortar as peças e usar o alicate torquês. Algumas pessoas da equipe baixaram o aplicativo de celular HandTalk como ferramenta de comunicação com um participante, que inclusive ensinou a todos o sinal de seu nome em Libras. O público surdo normalmente não acessa facilmente o CECCO, por isso sua volta foi comemorada e a equipe começou a se movimentar para garantir uma comunicação entre todos.

Para quem escolheu desenhar, cada um fez seus projetos pessoais com cantoria e aparentando muita animação.

Um participante enviou uma carta com um desenho de presente, hábito que muitos participantes têm de entregar para a equipe e colegas produções artísticas, panfletos de exposição, livros, etc. como demonstração de afeto.

Em determinados casos, a equipe ficou com uma ideia de ajudar alguns participantes a se demorar e debruçar mais em suas produções.

Cada um produziu à sua maneira e a cada encontro ficou mais evidente que as pessoas participam de formas distintas e todas são válidas, sem julgamento de valor.

Anotações mosaico

Passos:

1. Pintar o suporte e deixar seco por 30-60 min (não precisa ficar perfeito nem pintar onde será o mosaico)
2. Desenhar e colorir as peças com cola dando um espaço (melhor menos espaço do que muito)

aplicar começando pelas laterais e ir preenchendo o centro

3. Misturar rejunte com água e aplicar no mosaico com espátula flexível (a mistura tem que ficar pastosa, mas não muito líquida, e é possível adicionar corante ao rejunte)

passar o rejunte com o dedo nos cantinhos e, em vez da espátula, dá para usar pinhos

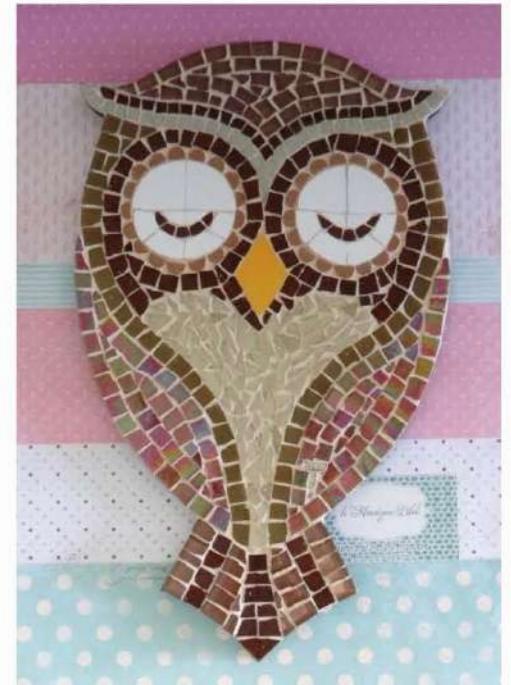
o rejunte quando seca, fica mais claro

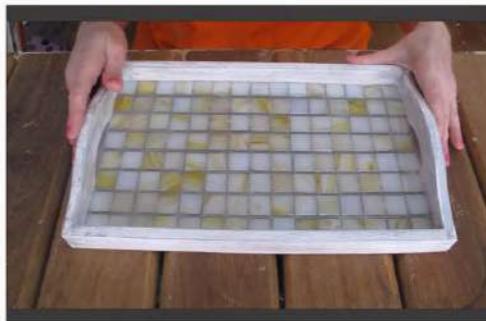
4. Esperar 30 minutos e depois passar esponja com o lado mais de liso para não tirar o rejunte

5. Passar verniz a base d'água com estopa para proteger o rejunte, retirando o excesso das pastilhas depois com uma estopa seca

6. Retocar com a tinta onde for necessário

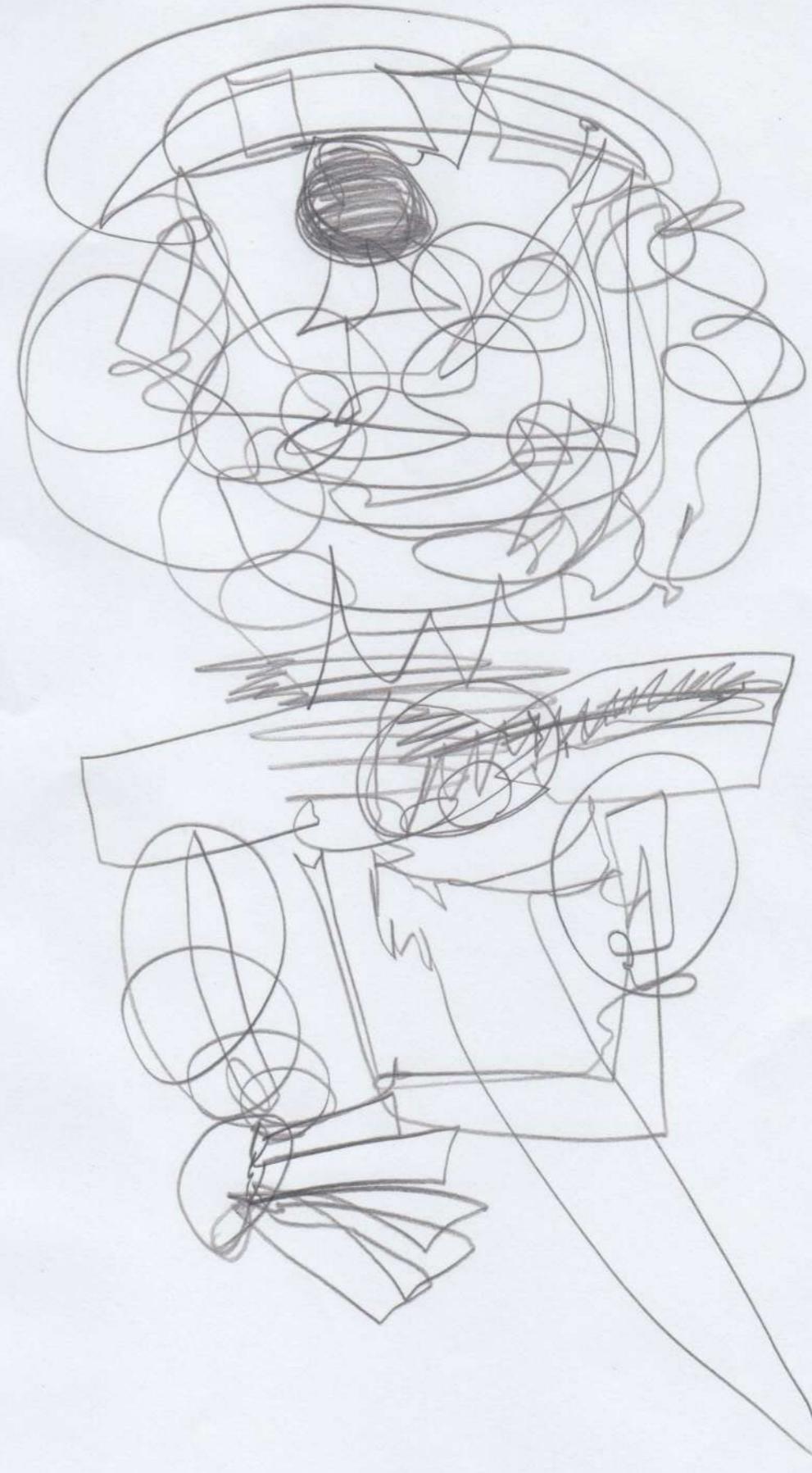
Formatos:   













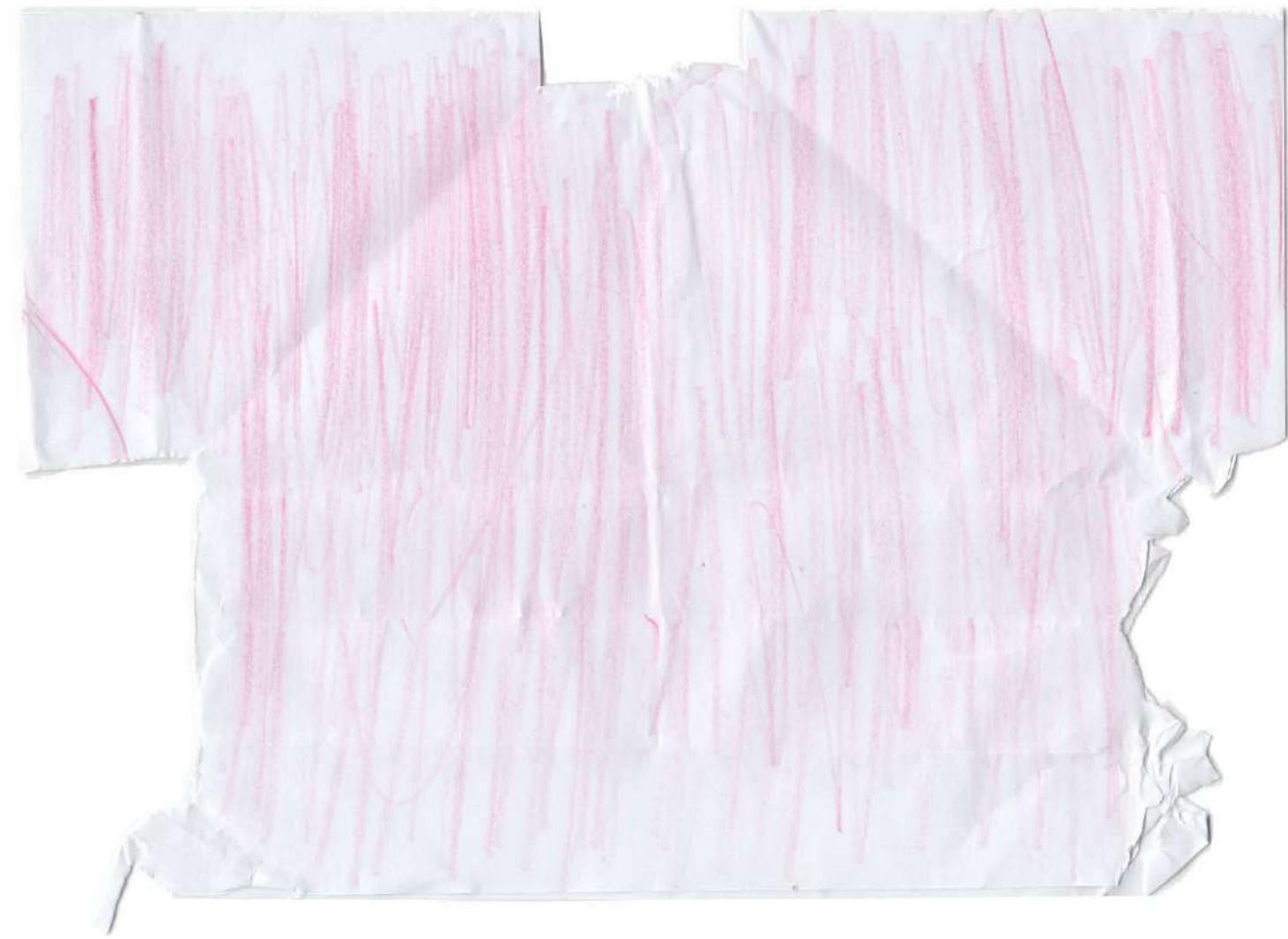
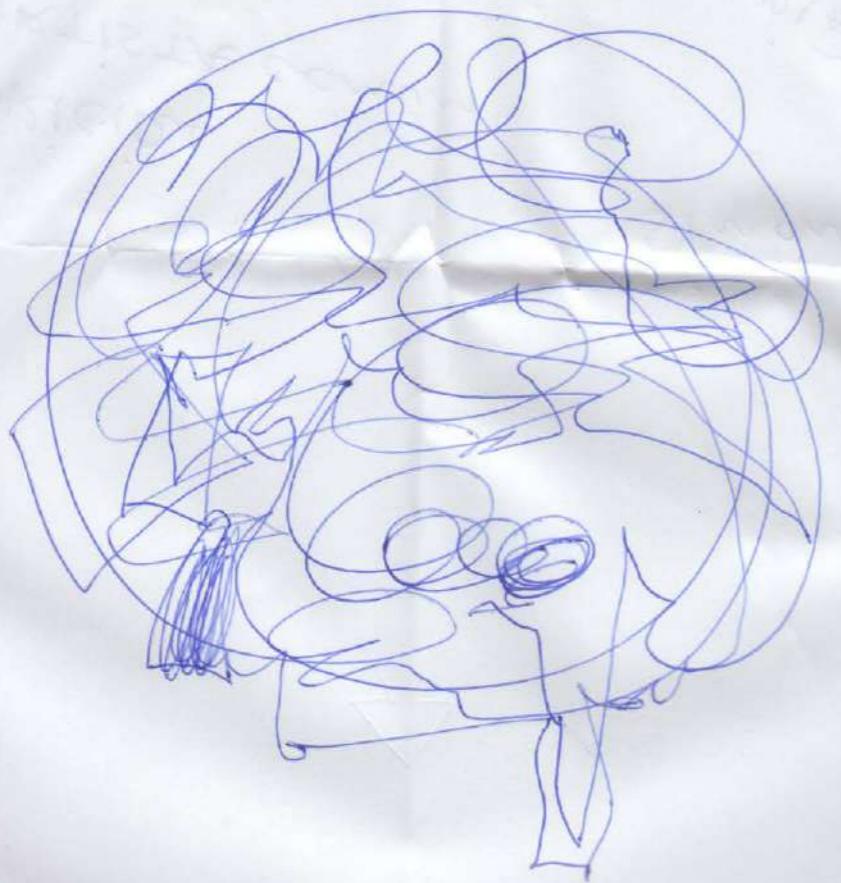
MALVADÃO
BAGACEIRA
ORAGÃO

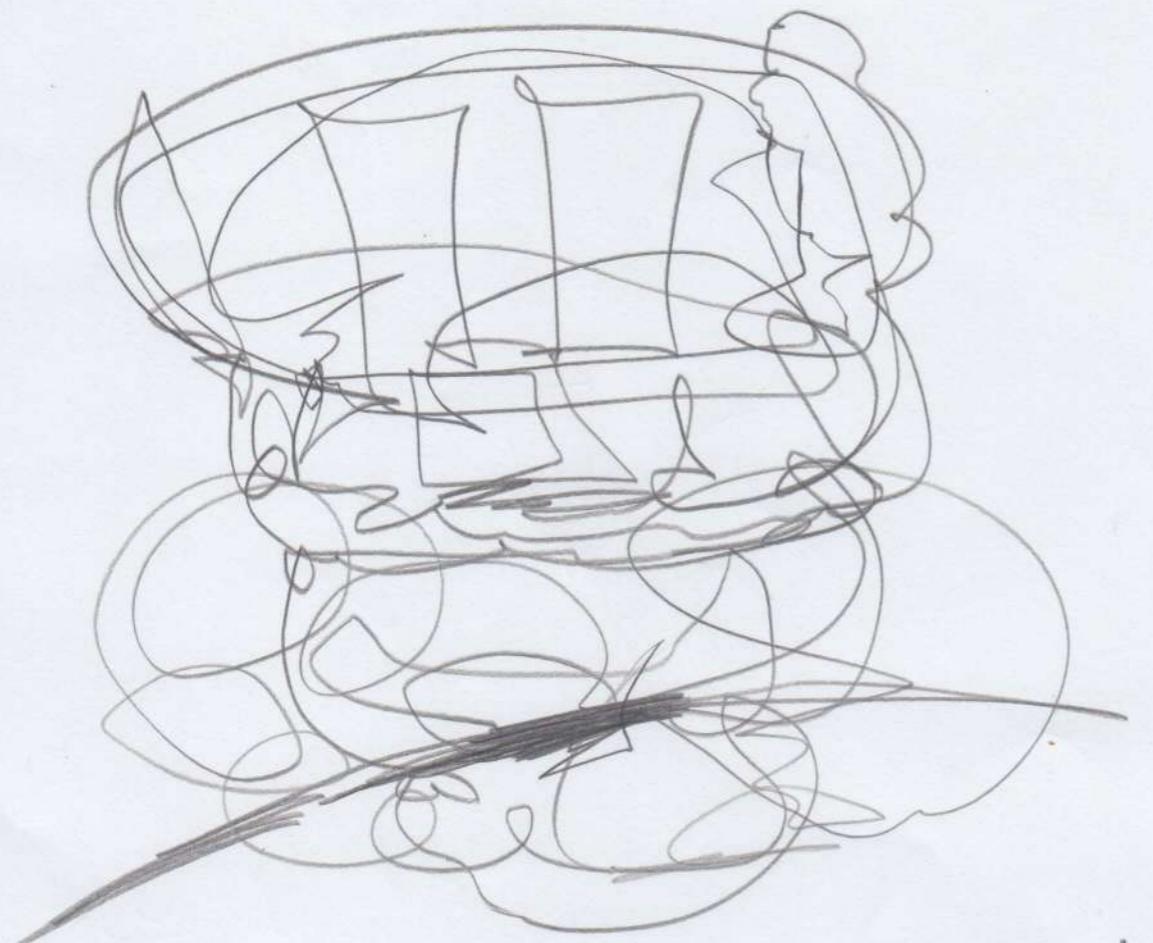
MAR



SPFC









Dragão Mistery

2024

Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e sobre papel
14,8 X 21 cm



Sem título

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Caneta sobre papel
29,7 X 21 cm



Continuando no ciclo do mosaico e desenho, no encontro 6 ocorreu em paralelo produções de desenho, pintura e a continuação dos projetos de mosaico da semana anterior.

Vale salientar que os participantes se mantevam como grupo e muitos retornaram à oficina para continuar projetos que demandavam mais de um encontro, parecendo criar uma continuidade do processo artístico pessoal e da oficina.

Um participante rasgou e jogou fora os seus desenhos anteriores que estavam na pasta da oficina enquanto a equipe tentava argumentar que todas as formas de representar são válidas, trazendo uma apreciação do que ele já havia feito e da importância de guardar os registros do processo. Os que continuaram seus projetos em mosaico cortaram e colaram as peças de azulejos e pastilhas de vidro, ficando de continuar as suas produções na semana seguinte.

No encontro 7, um dia chuvoso, com menos pessoas e mais tranquilo, iniciou-se a oficina com duas mesas com técnicas artísticas diferentes: uma para quem queria fazer mosaico e outra para desenho e/ou pintura em tela. Uma pessoa da equipe ficou na mesa dos desenhos e ensinou a usar o celular como mesa de luz e passar desenhos para o papel. Grande parte dos participantes da mesa testou e pareceu se interessar pela técnica. Outra integrante da equipe ficou na mesa dos projetos de mosaicos, enquanto eu rodava por todas as mesas tirando fotos, respondendo dúvidas e acompanhando os processos individuais de cada um.

Pessoas novas chegaram à oficina e continuaram a frequentar os encontros futuros. Cada encontro demandava muita energia e empolgação, o que me deixava exausta, porém muito contente. Foi um aprendizado ir descobrindo o que eu conseguia fazer versus o que eu queria.

O oitavo encontro dividiu o salão com três mesas: duas de mosaico e uma de desenho.

Alguns participantes que nunca haviam pintado em tela ou feito mosaico testaram as técnicas e estranharam um pouco no começo, mas com muitos incentivos para não desistir do processo, pareceram gostar.

Com a chegada de pessoas novas, a equipe reiterou que na oficina não se joga desenho fora e que os processos de cada um ficam registrados na pasta.



ENCONTRO 9

Neste encontro ocorreu a chegada de 4 estagiários de artes do CAP - ECA/USP, em que todos vieram e pareceram se integrar e interagir bem com o grupo da oficina.

A proposta do encontro era a finalizar os projetos de mosaico. Duas mesas eram para essa primeira técnica e uma para desenho e pintura. Foi muito interessante ver os participantes tentando outras técnicas além do desenho com lápis de cor e usando tinta em tela.

Uma pessoa comentou como a oficina de artes e as discussões sobre as próprias produções começou a reverberar em outras oficinas, deixando algumas pessoas mais soltas e à vontade em responder questões mais rapidamente.

Definimos em reunião que alguns dos responsáveis que acompanham certos participantes precisarão sentar-se longe dos filhos para a equipe acompanhar melhor os processos artísticos de cada um.

A equipe sempre reiterou que a frustração no processo artístico faz parte e que às vezes é preciso se distanciar um pouco do trabalho por uma semana e continuar nas etapas para descobrir o que pode surgir a partir dos "erros".

Alguns participantes começaram a fazer experimentações com formas geométricas e cores, tanto no desenho quanto no mosaico, sempre com muita cantoria e conversa - um ambiente que poderia ser considerado "indisciplinado" ou "barulhento", mas naquele momento todos produziam muitos afetos preciosos enquanto cantavam e conviviam.

Nessa convivência, uma participante fez um desenho e o comentário de uma colega a inspirou a continuar e transformar sua arte que havia abandonado.

Pela especificidade do CECCO como parte da Rede de Apoio PsicoSocial, alguns momentos de crise acabam acontecendo, mas a equipe é sempre muito bem treinada e preparada para lidar com as questões através do diálogo com muita humildade e franqueza. Seja resolvendo uma situação isoladamente ou trazendo a questão para o grupo auxiliar e compartilhar outras maneiras de lidar com certas questões, o mais importante é que os vínculos se mantenham e as diferenças sejam acolhidas e apreciadas em suas possibilidades.

Neste encontro surge uma vontade de aprofundar sobre elementos que estão no desenho, mas que a pessoa não faz; e os que não estão no desenho, mas que a pessoa faz que está - indagações muito importantes para a arteterapia como vim a aprender ao longo do estágio com a arteterapeuta do CECCO e com um curso de expansão cultural de arteterapia no SEDES Sapientiae.

No final foi feita uma exposição com os trabalhos de todos em uma mesa, e comentou-se sobre as produções. Um participante puxou uma salva de palmas para o grupo.

Na reunião após a oficina, os estagiários relataram terem sido bem acolhidos pela equipe e pelos participantes. Conversou-se sobre o dia 18 de maio e a luta antimanicomial para pensar uma proposta de confeccionar camisetas para a passeata na Paulista, elencando serigrafia e stencil como possibilidades. Contudo, pendemos para os stencils pela impossibilidade de limpar as telas serigráficas que o CECCO tinha.

Anotação do caderno de campo
deste dia

Em 11/05/2018, nos encontramos as 08:00 no CAP-ECA-USP para ver se conseguímos limpar as telas serigráficas. Nivaldo, o técnico tentou limpar, porém o desenho não saiu por ser uma tela de estamparia que precisa de outro decapante que não temos no CAP.

Algo que começou a ficar evidente a partir deste encontro, foi como os planejamentos mudaram. Primeiramente passaram de "planejamento de aula" para planejamento de "encontro". No CECCO, as oficinas não são aulas que podem ser programadas do início ao fim, e até eu conseguir entender e me sentir confortável nessa nova forma de compreender um encontro demorou várias semanas. Um encontro artístico no CECCO demanda uma vontade norteadora, visto que a proposta é algo muito mais maleável que tem que estar pronta para sofrer alterações caso tudo mude na hora.

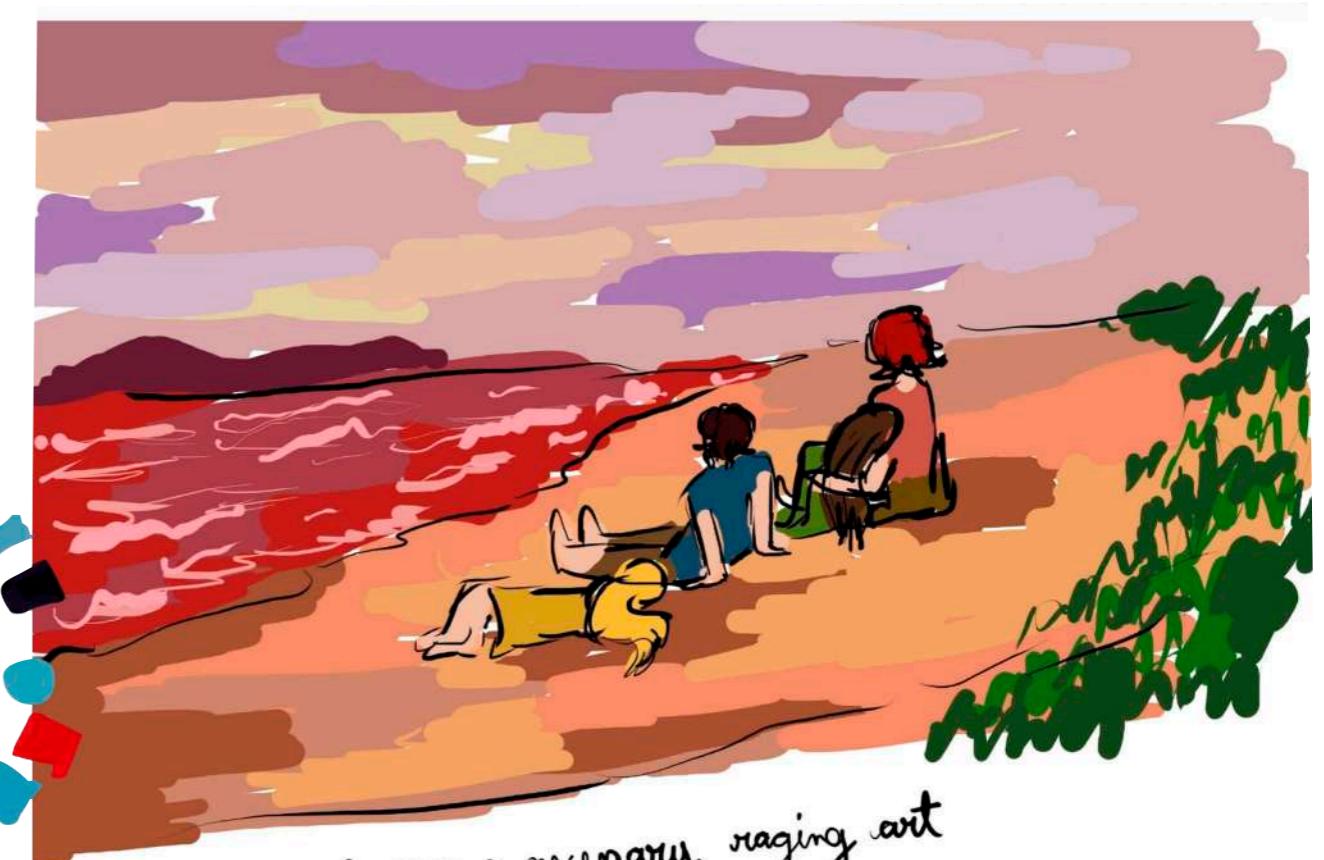
Essa característica do serviço fica óbvia na mudança de registro dos meus cadernos. No início, fazia propostas detalhadas e repletas de instruções

do que iria fazer e, aos poucos, isso foi mudando até, no encontro 9, o registro ser a vontade norteadora e os resultados.

É importante ressaltar como a integração entre faculdade e CECCO, com a vinda dos estagiários das disciplinas do CAP-ECA USP, foi um movimento que trouxe extrema riqueza e profundidade para a oficina e para mim.

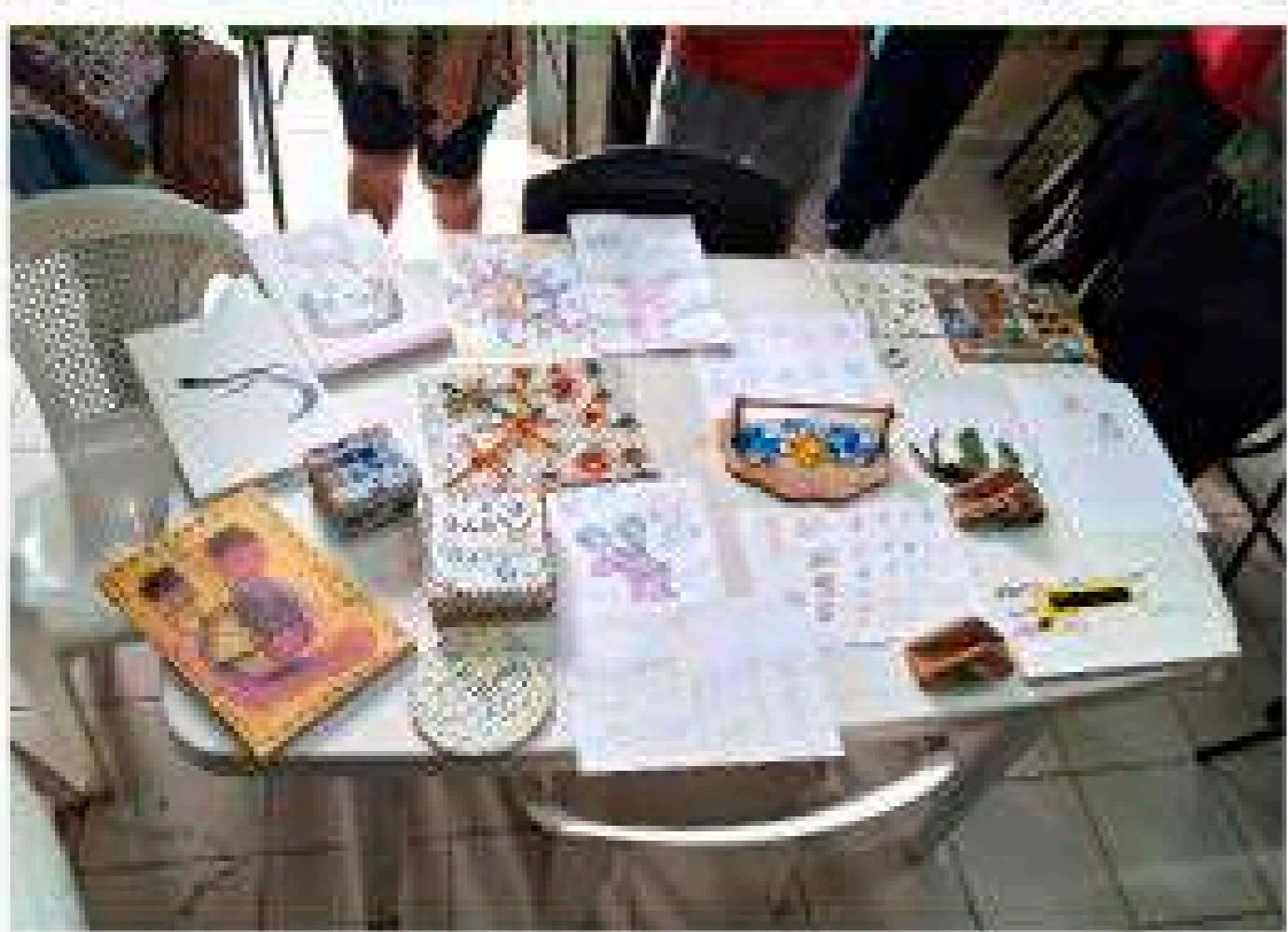
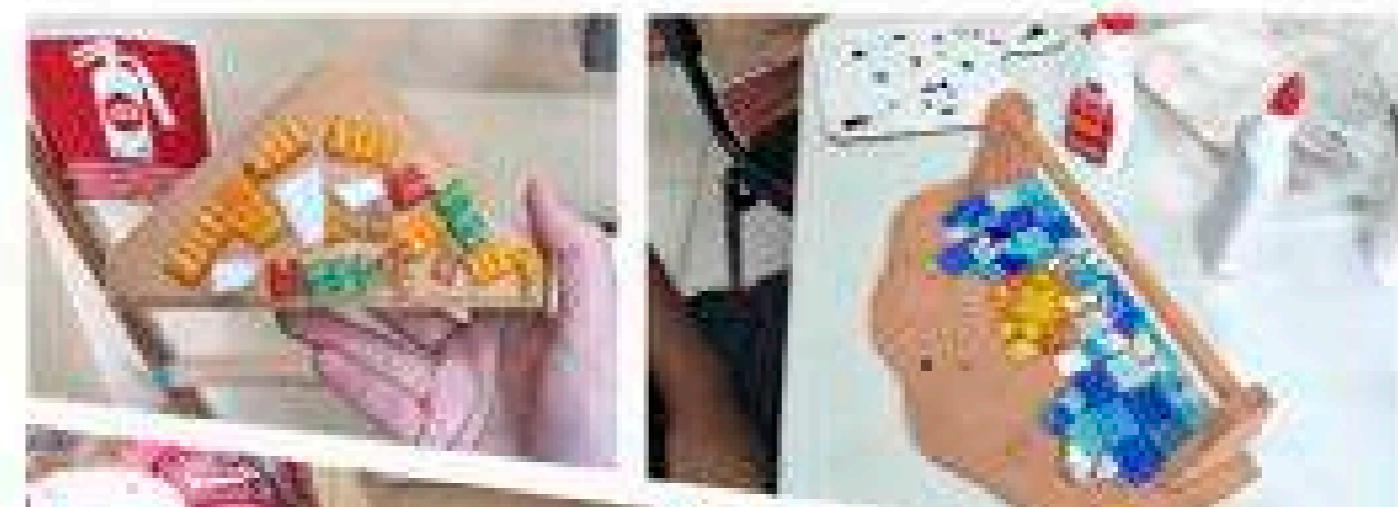
A junção de esferas da minha vida tão importantes e especiais foi algo muito profundo, que permitiu com que conseguisse enxergar futuramente uma poética para o Circulando pelas Artes. Essa troca tão bonita entre estudantes, professora e a equipe permitiu com que o trabalho se aprofundasse e se fortalecesse.

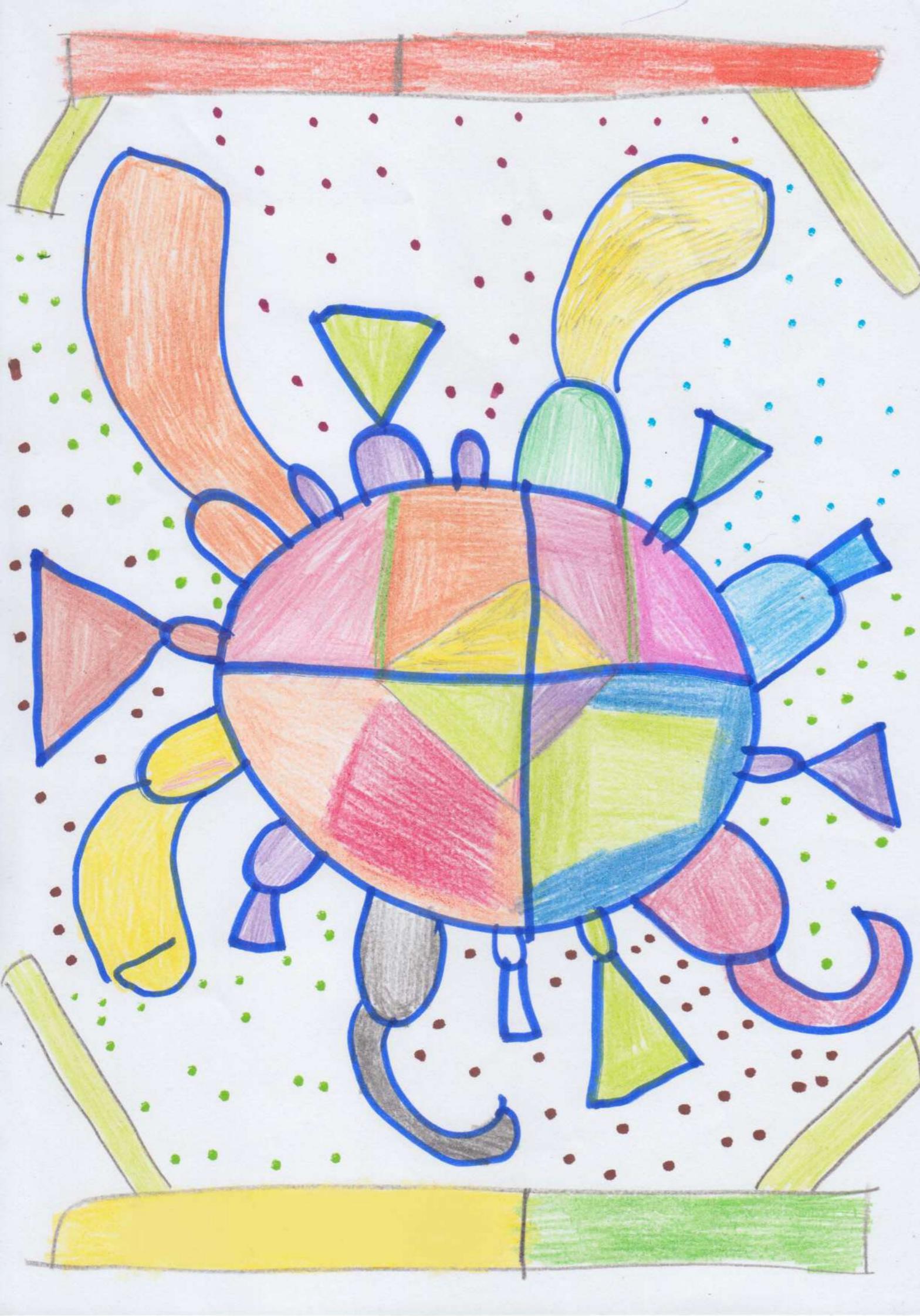
Abaixo, um registro do meu caderno no dia do encontro 9 sobre como a vinda de pessoas tão queridas para compor com o Circulando pelas Artes foi um movimento integrador e importante.



*Building my soul was a necessary raging art
Building it all up is a masterpiece*

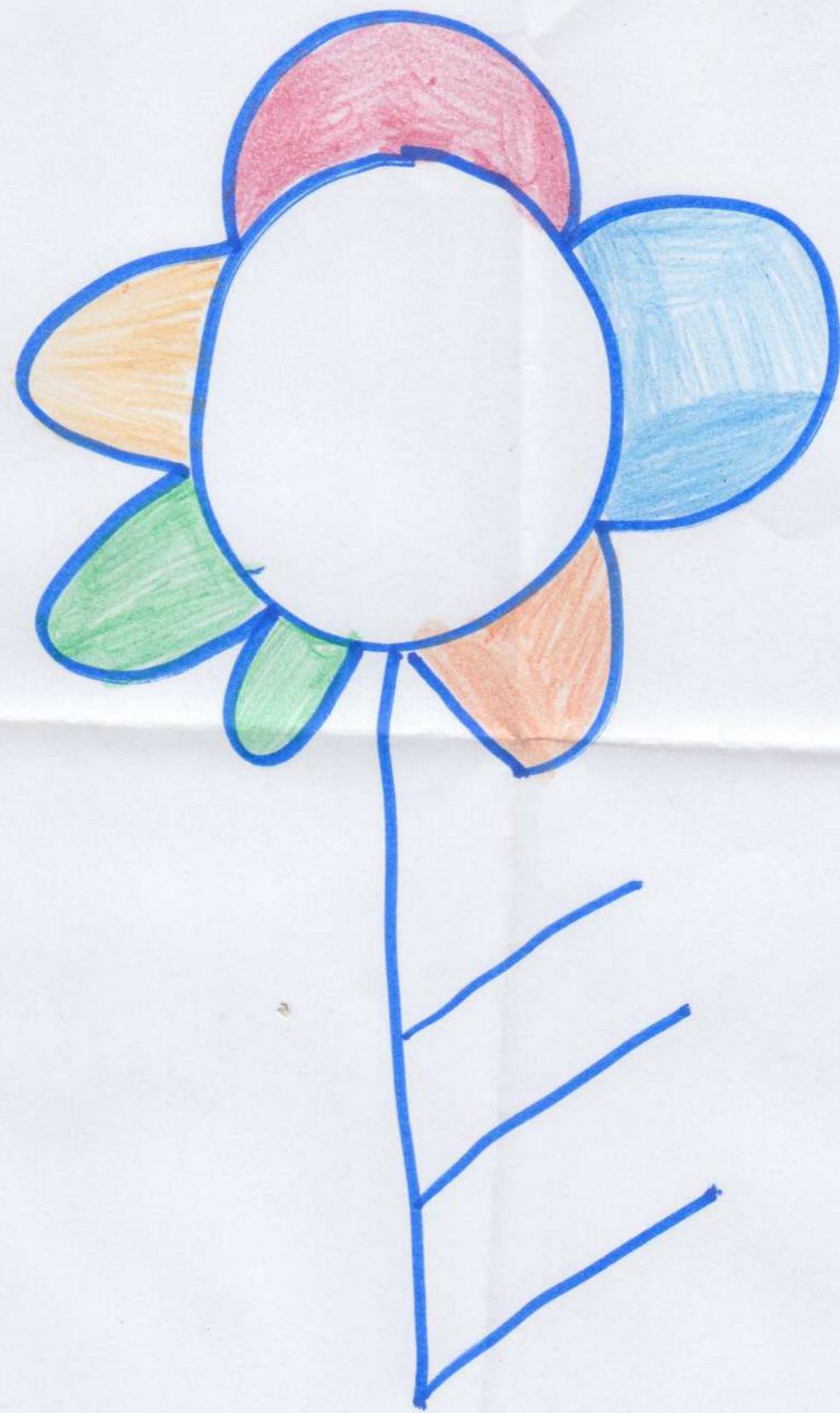
A pintura retrata as quatro personagens da minha história em quadrinhos presente no meu TCC do Bacharelado ao final de uma grande batalha, observando um horizonte pacífico. Enfim conseguiram a paz que tanto procuravam.





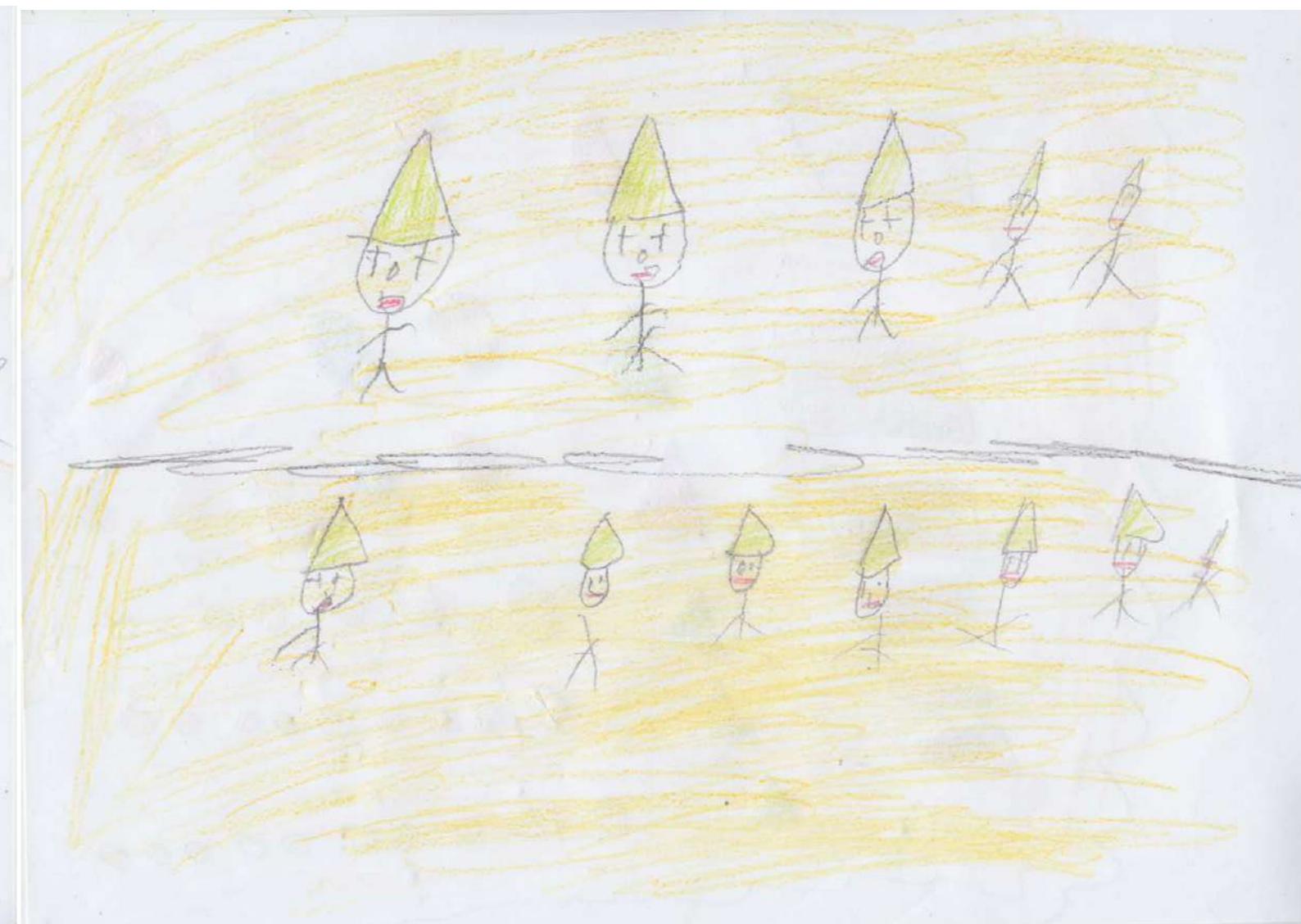
CORRAGEM

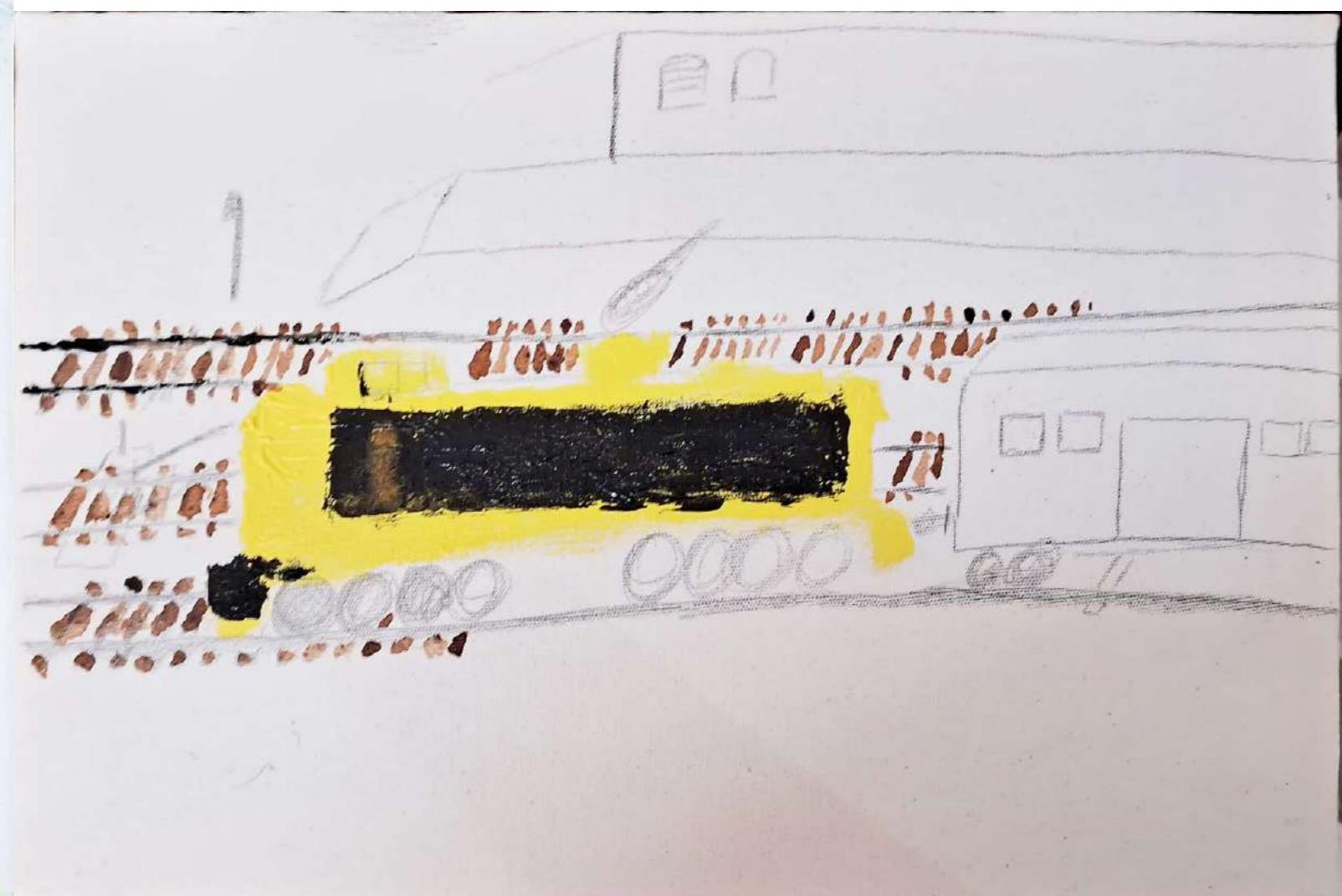






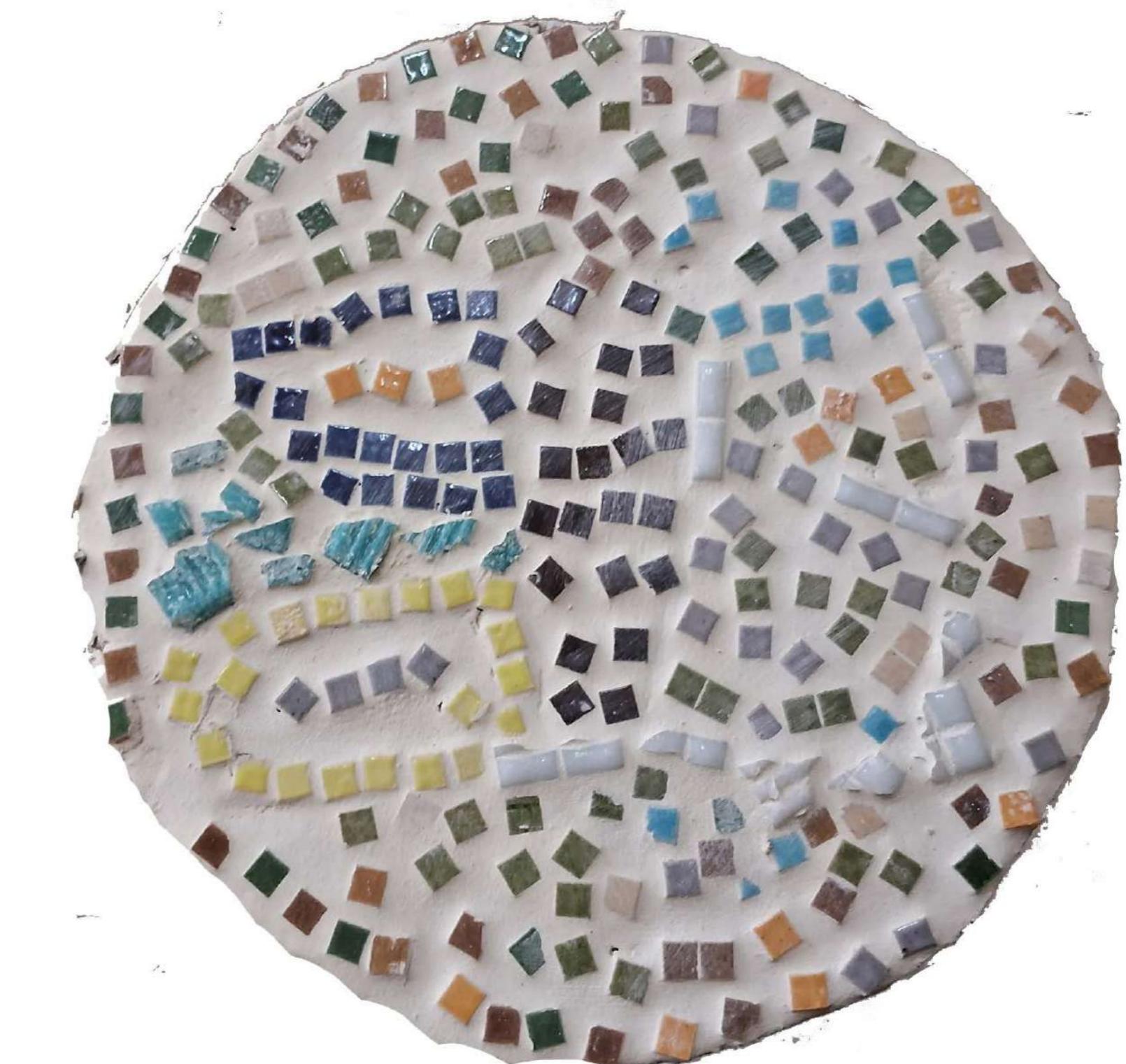
















Sem título
2024
Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Scorpion
2024
Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



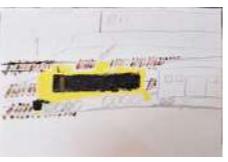
Abstrato
2024
Mosaico sobre placa de MDF
15 X 15 cm



Sem título
2024
Tinta PVA e canetinha sobre tela
30 X 20 cm



Joaninha
2024
Grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Tinta PVA e grafite sobre tela
20 X 30 cm



Sem título
2024
Mosaico sobre placa de MDF
20 X 20 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Mosaico sobre placa de MDF
22,5 X 26,7 cm



Sem título
2024
Mosaico sobre suporte de MDF
23 X 19 cm



Sem título
2024
Lápis de cor sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Mosaico sobre placa de MDF
18,7 X 24 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Palhaçinhos
2024
Lápis de cor e grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Mosaico sobre suporte de MDF
9 X 13 X 6 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Lápis de cor sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Mosaico sobre suporte de MDF
9 X 13 X 6 cm



Sem título
2024
Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Lápis de cor sobre papel
29,7 X 21 cm



Cocco Arte e Saúde
2024
Mosaico sobre caixa de MDF
15 X 15 X 7 cm

No encontro 10, deu-se então o início da proposta de criação e impressão das camisetas para a passeata do dia da Luta Antimanicomial, que ocorreu neste ano de 2024 no dia 17/05. A equipe abriu a oficina falando e contando sobre a luta antimanicomial, o que ela representa e que tipos de pensamentos da sociedade ela quer modificar e conscientizar. Os participantes entraram na conversa muito apropriados e interessados por essa luta e movimento, dizendo que já foram várias vezes a essas passeatas na Paulista.

Propomos então que eles fizessem frases e desenhos sobre a luta antimanicomial pensando

nos elementos que gostariam de compor o design da camiseta.

Surgiram frases como "Manicômio nunca mais, liberdade para nós. Nada de choque para nós, queremos ver o sol e respirar o ar daqui de fora, estar com a família sem camisa de força"; "somos humanos"; "somos pessoas"; "brincar com os amigos"; "mais uma forma de resistência"; "valeu Nise: a arte cura, salva e liberta!"; "lute, caminhe, supere"; "brincar com os amigos"; e, por fim, "Sem manicômio Lei 10216-2001 18/05".

Apareceram elementos visuais como pássaros saíndo de gaiolas, punhos cerrados e mãos chutando para a luta, asas, sol e várias letras estilizadas.

Os processos individuais de cada um até chegar nas suas frases e desenhos passaram por: produções em conjunto; pedir ajuda aos estagiários de artes sobre como representar a mão; uso do celular como mesa de luz; pessoas que já surgiram com frases; e outras que, após uma conversa, tiveram ideias. Vale ressaltar que, de forma curiosa, a frase "luta antimanicomial" é longa e não coube inteira em nenhum desenho.

ENCONTRO 11

Para a proposta de montar o design da camiseta com os participantes, a equipe digitalizou os desenhos e frases feitas na semana passada sobre a luta antimanicomial e os editou para que ficasse com fundo transparente a fim de serem impressos em papel vegetal.

Essas produções transparentes seriam para que todos na oficina pudessem montar o design colando, mexendo e ajeitando os elementos de forma que eles pudessem ser vistos mesmo um em cima do outro. Os desenhos podiam ser dispostos sobre dois papeis cortados em formato de camiseta, um representando a frente e outro representando atrás.

Os participantes aderiram à proposta e depois, gradualmente, foram migrando para suas próprias produções pessoais. As pessoas participaram à sua maneira: algumas com o grupo todo e outras esperaram ter menos pessoas para dar suas ideias e opiniões.

Depois, pontualmente, perguntávamos aos participantes que tinham feito certas frases ou desenhos sobre propostas de alterações e separamos alguns designs e frases que não foram parar na camiseta para a confecção de cartazes e stencils.

Os estagiários da ECA se concentraram mais nessa parte de produção e montagem do design das camisetas ao longo da oficina.

Nas outras produções vale destacar os vários trabalhos feitos em conjunto e uma sequência de desenhos que partiram como referência um do outro: uma primeira obra usou um desenho da semana passada como referência, e essa gerou uma segunda com a criação de uma personagem com a lua e nuvens atrás. A partir da observação desta personagem, criou-se um terceiro trabalho com uma figura com cabeça de cogumelo.

Um participante fez um desenho com várias casas e seus respectivos preços. Perguntei se poderia comprar a casa de 1000 reais e, assim que a pessoa permitiu, outros também quiseram comprar suas casas e viramos todos vizinhos no jogo. Os envolvidos pareceram se divertir muito no processo.

Um participante acabou tendo momentos em que falava coisas desconexas e, para o caso dele, a psicóloga da equipe nos instruiu a chama-lo com perguntas ou a mudar de assunto, como por exemplo pedindo para mostrar e contar sobre os desenhos que fez.

O mosaico de um participante ficou pronto depois de muitas semanas de produção, ele pareceu ficar muito contente com o resultado e de estar finalizando esse trabalho. Disse animado já querendo começar outro.

Por fim, todas as produções foram colocadas na mesa e foi feita uma rodada de conversa sobre o que foi visto, o que chamou a atenção, e comentários acerca dos projetos dos outros. Mostrou-se também para todos como ficou a primeira etapa da composição da camiseta.

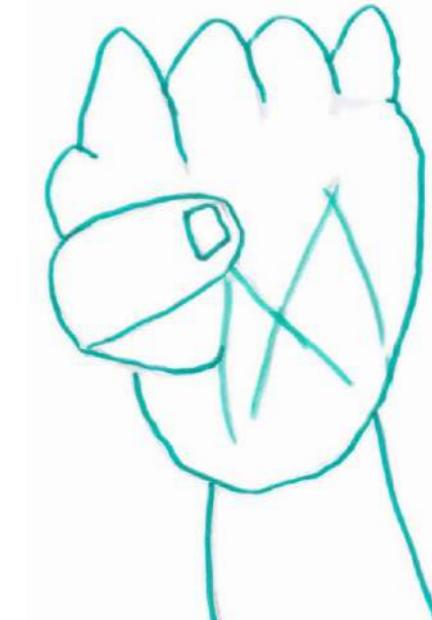


Ao lado, a mesa com algumas das obras produzidas durante o encontro.

Na reunião após a oficina, os estagiários e a professora Dália, junto da equipe do CECCO, conversaram sobre os processos de formação da oficina e como o Circulando pelas Artes está no começo do seu percurso. Discutiu-se sobre como resolver o design das camisetas e um estagiário de artes se dispôs a fazer a vetorização e levar as telas serigráficas para a impressão. A equipe enfatizou que o design deve se manter o mais fiel possível aos desenhos produzidos pelos participantes, podendo fazer alterações muitas simples de composição e nas letras. Decidiu-se fazer uma reunião dos estagiários de arte em outro horário para pensar a composição da camiseta.



A seguir os arquivos dos elementos visuais e frases recortadas digitalmente e impressas em papel vegetal para os participantes componem a camiseta.



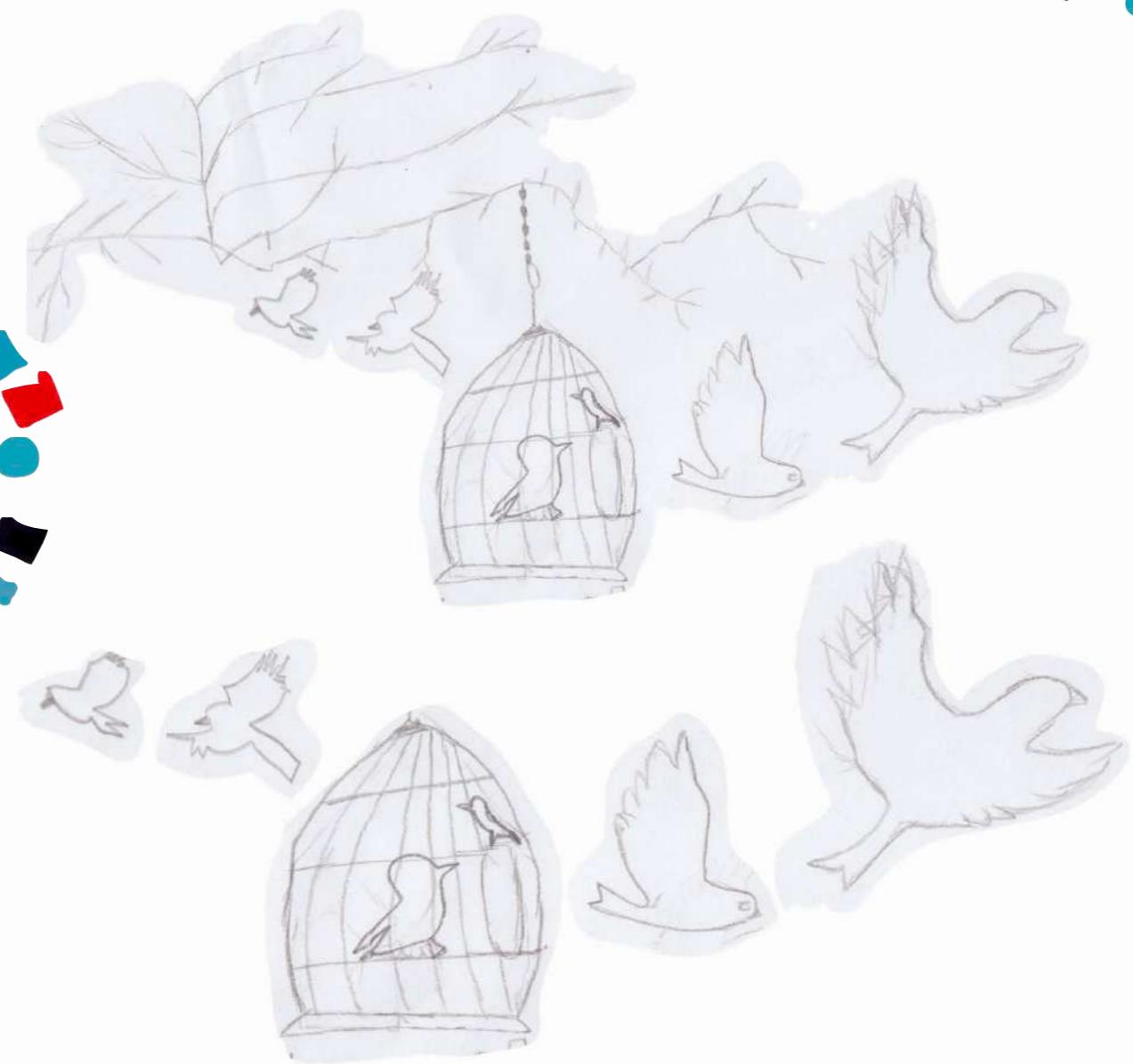
LUTA PELA IGUALDADE

18/05

Sonar Icessos

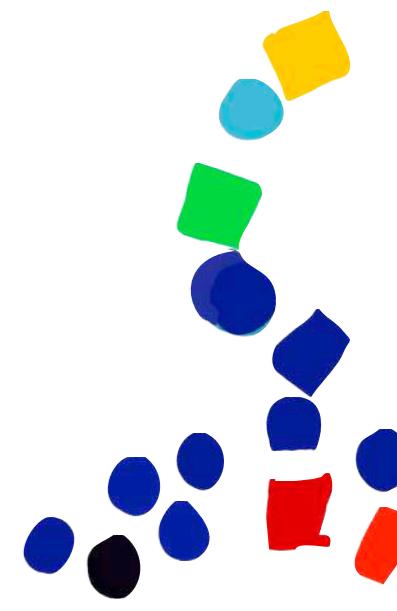
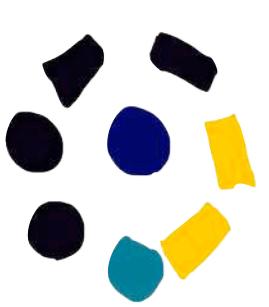
BRINCAR Com MEUS Amigos

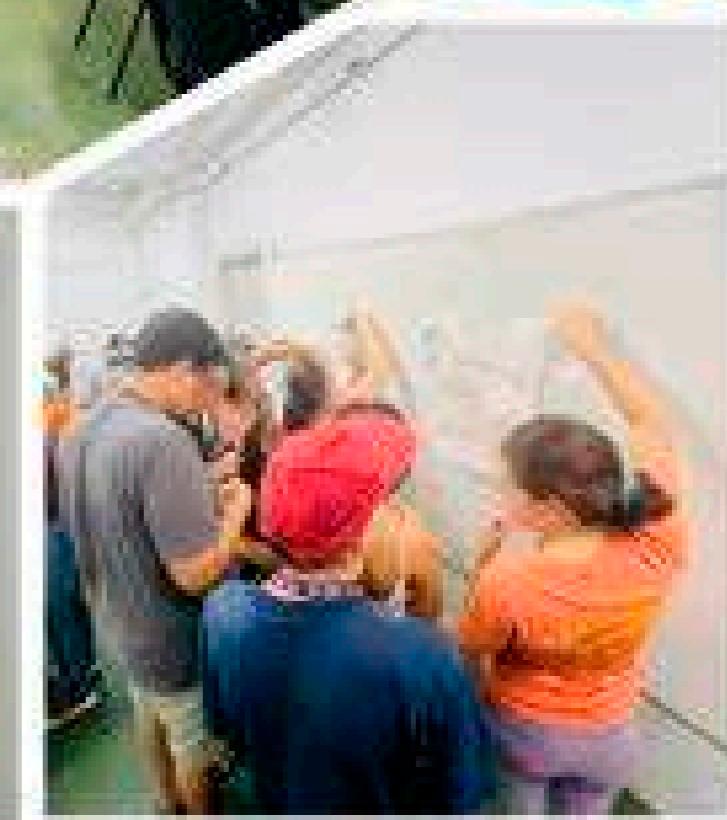
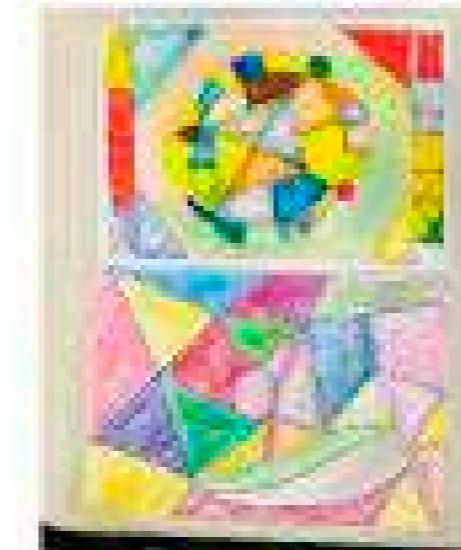
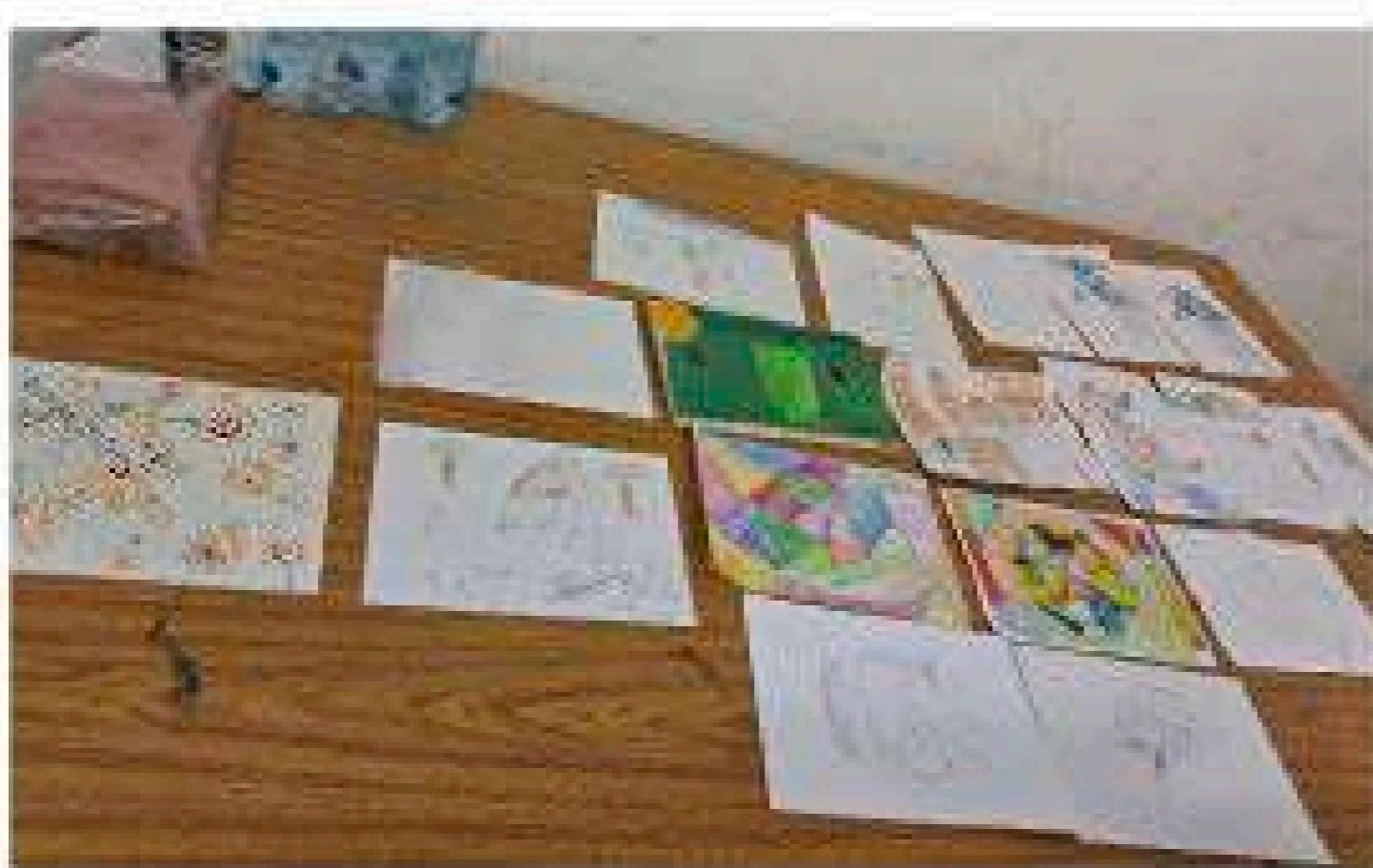
SOMOS HUMANOS

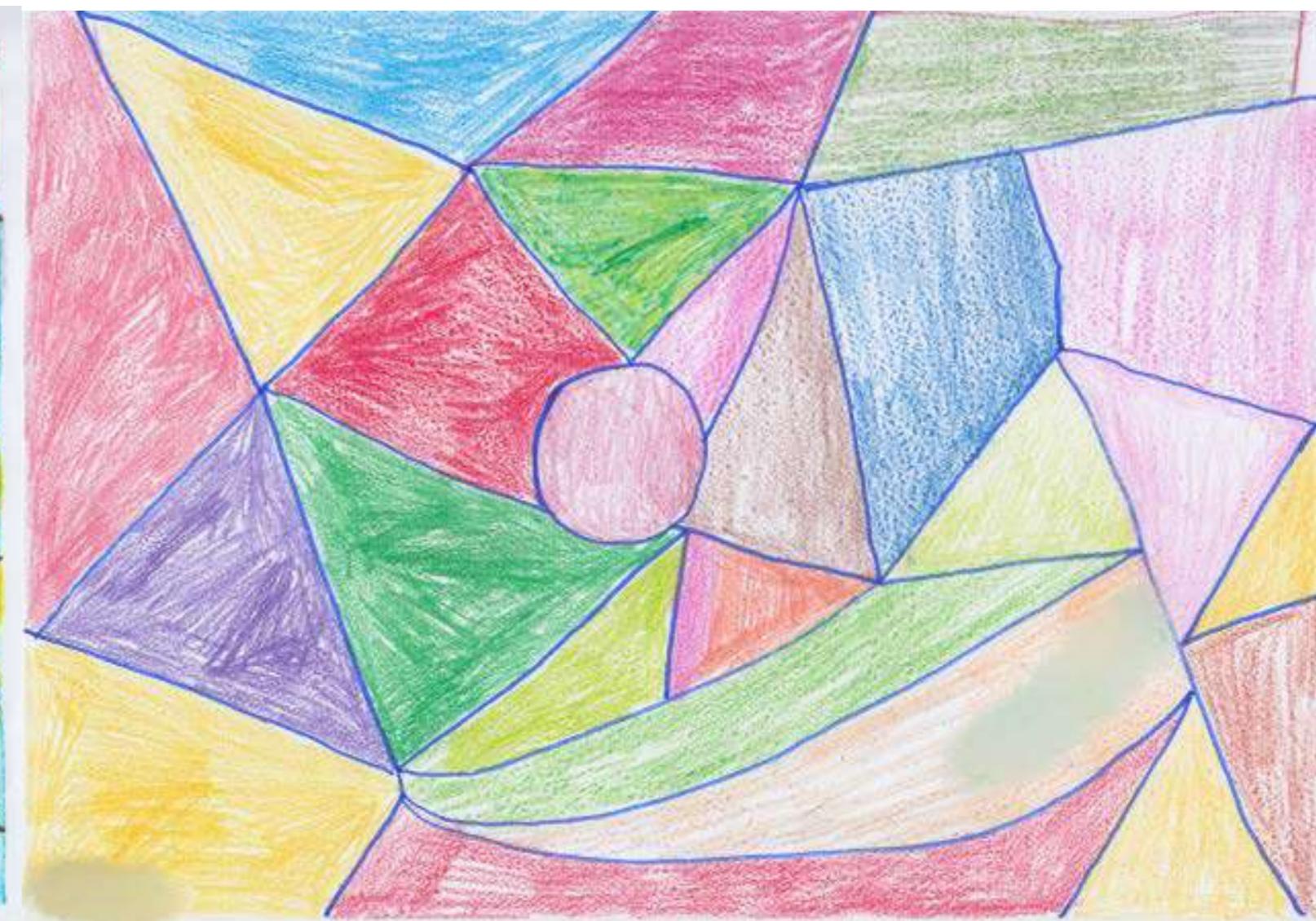


MANICÔMIO NUNCA MAIS
LIBERDADE PARA NÓS

nada de cheque para nós, queremos ver o sol e respirar o ar
daque de feno, viver com a família, sem sombra de fofoca e sem
cheque

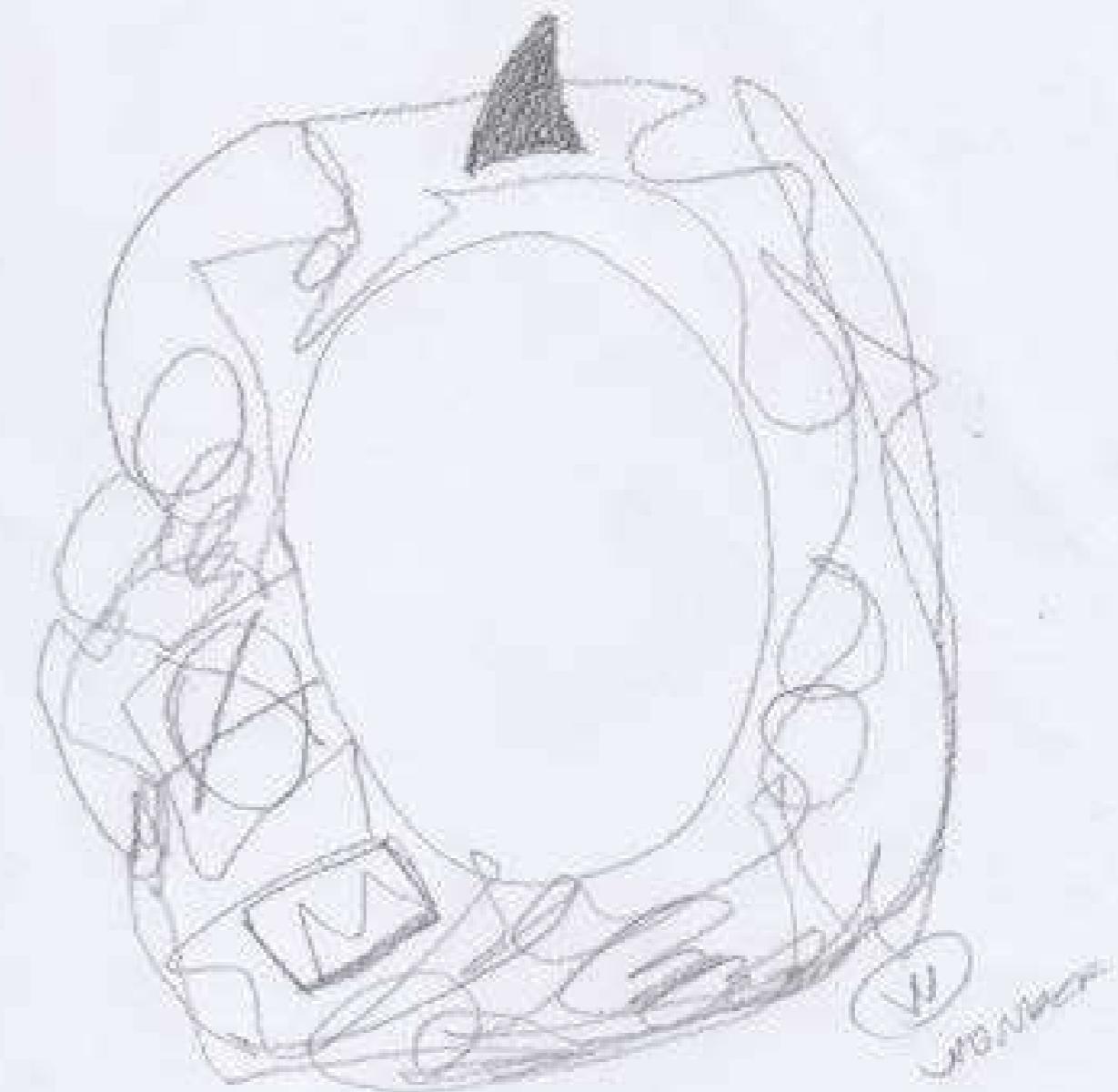










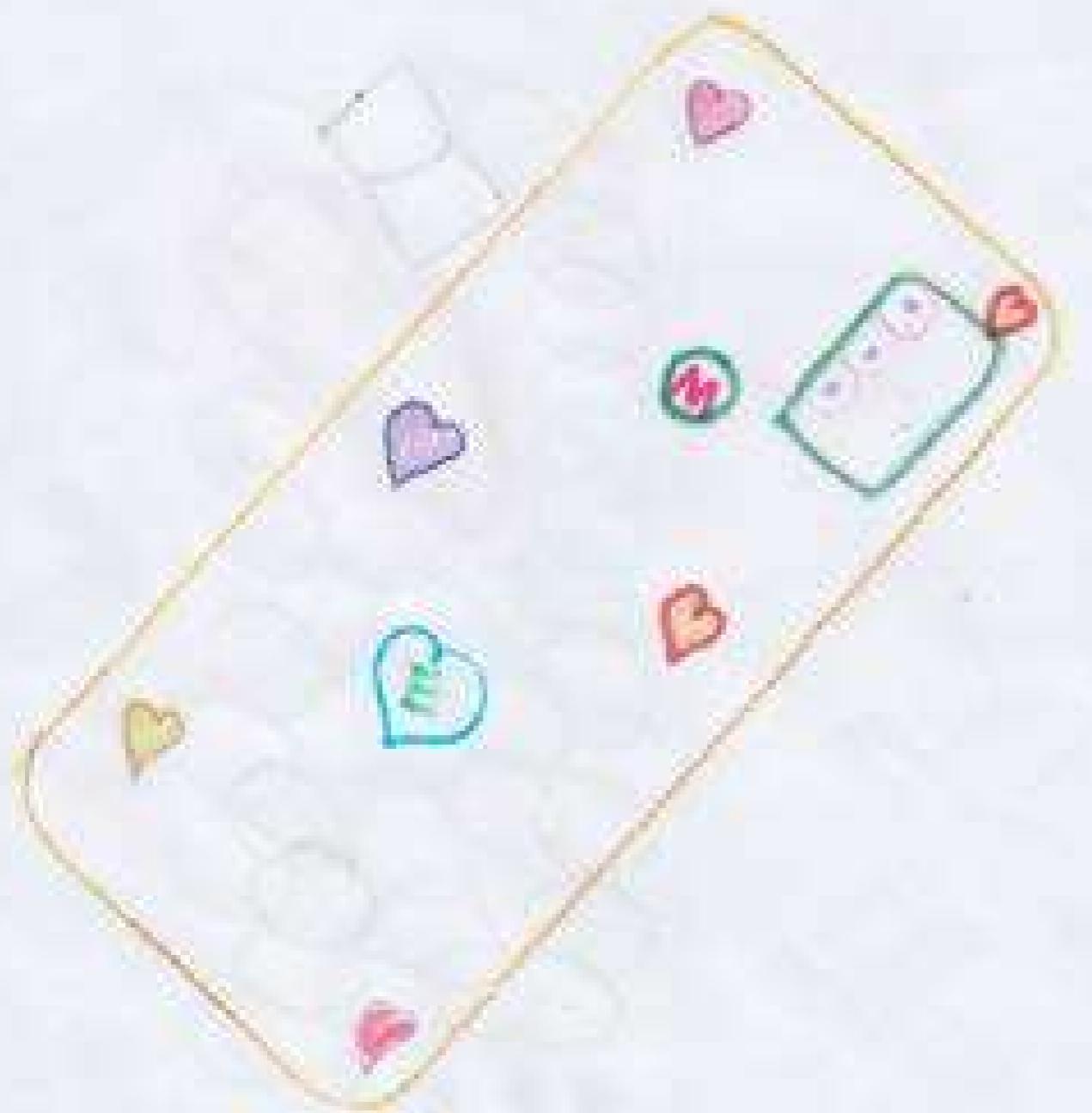


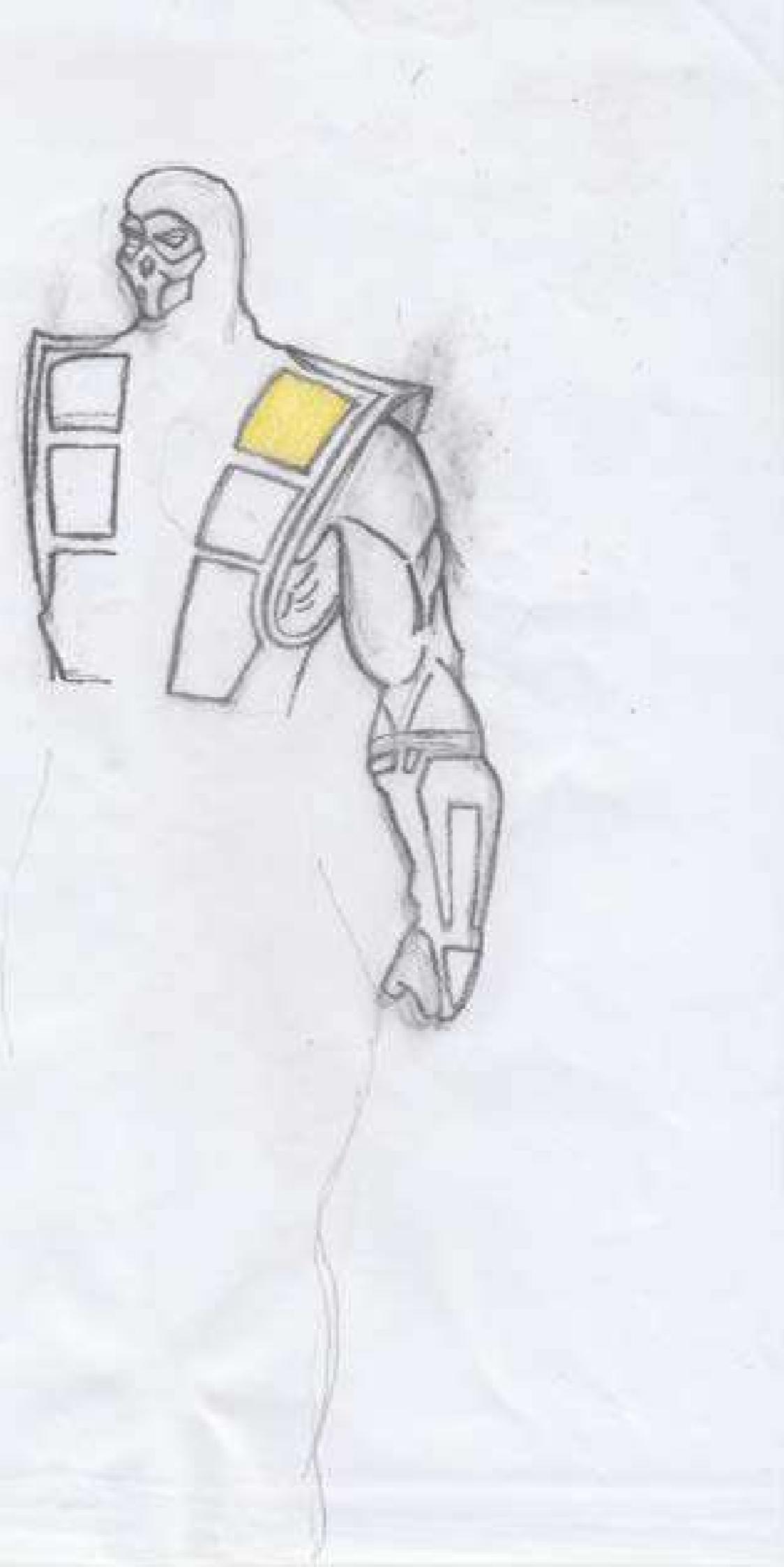














Sem título

2024

Lápis de cor e canetinha
sobre papel
21 X 29,7 cm



Anjo Anárquico

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor, canetinha e
grafite sobre papel (frente e
verso)
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e canetinha
sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Canguru

2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Scorpion

2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel (3 peças)
29,7 X 21 cm (cada)



Sem título

2024

Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Espelho Anárquico

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Sem título

2024

Grafite e tinta PVA sobre tela
20 X 30 cm



Indiana

2024

Grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



O jardim das rosas

2024

Mosaico sobre placa de MDF
22,5 X 26,7 cm

Em reunião online com os estagiários da ECA, um deles apresentou a versão do design definido no encontro anterior. Foram feitas algumas alterações e foi finalizado o projeto da estampa.

Dois telas de serigrafia foram levadas na galeria do rock para gravar as estampas frente e verso e o mesmo estagiário trouxe as telas durante a semana.

Na manhã do encontro 12, a equipe tentou imprimir em algumas camisetas, porém a técnica não estava funcionando por não estarmos misturando e diluindo a tinta com água.

Na oficina, foram montadas duas estações, uma mesa de serigrafia para estampar as camisetas e outra mista de pintura e desenho.

Os estagiários da ECA, que detinham a maior propriedade com a técnica, montaram uma pequena linha de produção com as camisetas que foram separadas para os participantes e para a equipe da oficina. O processo consistia em: colocar papelão dentro da camiseta para não vazar a tinta para o outro lado; por o conjunto na mesa e encaixar a tela enquanto as pessoas seguram-na no lugar; e, por fim, alguém puxa a tinta de cima para baixo com bastante força para imprimir no tecido. Após a impressão de 4 ou 5 camisetas, a tela era lavada no tanque e as camisetas colocadas para secar no varal montado no parque.

Os participantes eram chamados de 3 em 3 para acompanhar o processo de impressão, auxiliar no encaixe e segurar as telas. Enquanto toda essa dinâmica ocorria, os participantes ficaram nas mesas produzindo diversos trabalhos em desenho e pintura.

No encontro 13, eu faltéi, mas a equipe e os estagiários continuaram na confecção de camisetas e cartazes para a Luta Antimanicomial a fim de preparar, engajar e mobilizar os participantes para a passeata do dia 17/05 na Avenida Paulista.

A atividade contou também com a participação do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e do SRT (Serviço Residencial Terapêutico), em que todos os participantes colaboraram na impressão das camisetas. Em paralelo, ocorreu a produção de cartazes.

No encontro 14, foram organizadas duas estações: duas mesas para pintura de CDs com tinta acrílica e duas para desenho.

Houve uma preparação anterior à oficina, separando os plásticos dos CDs em duas partes e imergindo-as em cândida para limpar a película de informação e deixar os CDs transparentes. A equipe explicou como foram feitos os CDs e trouxeram a proposta de pintá-los para construção de mobiles.



Houve muita exploração de cor, misturas, tintas e pinceladas expressivas. CDs que tinham um lado de cada cor, imagens figurativas de cachorro, gato, peixes, flores e experimentações com manchas, linhas, uso da parte de trás do pincel e muita criatividade.

Os participantes pareceram se entregar e produzir de forma pouco receosa e muito expressiva, e uma possibilidade para isso pode ser o tipo de suporte para a pintura ser um CD, um material que seria descartado, e que talvez assuste menos do que uma tela ou folha em branco.

O encontro de número 15 foi organizado em três estações que se interligavam: três mesas formando uma espécie de S. Em uma mesa ficaram pessoas que queriam trabalhar com o desenho, em outra, quem iria fazer pintura e na terceira, aqueles que iriam montar os mobiles em um bambolê.

No início do encontro, mostrei o Padlet da oficina, apresentei os trabalhos dos próprios participantes e como estes estão organizadas na exposição virtual no Padlet. Em seguida, apresentei dois artistas trazendo suas obras para contextualizar e propor o que seria feito com os CDs produzidos na semana passada.

Perguntando como era a experiência deles no museu, os participantes manifestaram que já tiveram vontade de tocar ou chegar bem perto de uma obra. Foram apresentados a Lygia Clark e Hélio Oiticica como artistas que pensaram em outras formas de relação entre público e obra. Falei sobre movimento concretista, do qual os artistas fizeram parte, que, entre outras coisas, buscava aprofundar as relações e estreitar laços entre arte e vida. A primeira artista foi Lygia Clark e foram entregues fotos impressas de pessoas manipulando suas obras "Bichos" do acervo da artista, contando como essas produções ganham vida quando o público as toca e interage com elas.

Depois, foram mostradas fotos coloridas dos parangolés de Hélio Oiticica. Mostrou-se primeiro registros da roupa vazia e, depois, das pessoas explorando o vestível para, enfim, explicar que ele se inspirou em estandartes, capas e outros elementos de desfiles de samba e que o Parangolé não era a roupa, mas sim a experiência de dançar, mexer e se mover livremente ao vesti-lo ou de ver ou outros fazendo isso.

Os participantes pareceram se identificar muito com a menção dos estandartes e elementos do samba, visto que vários deles também participaram de uma oficina de cordão de carnaval. Com isso, foi apresentada a proposta de colocar os mobiles em um bambolê no qual as pessoas pudesssem tocar, vestir e adentrar como quiserem, ao invés de deixá-los imóveis em algum lugar.



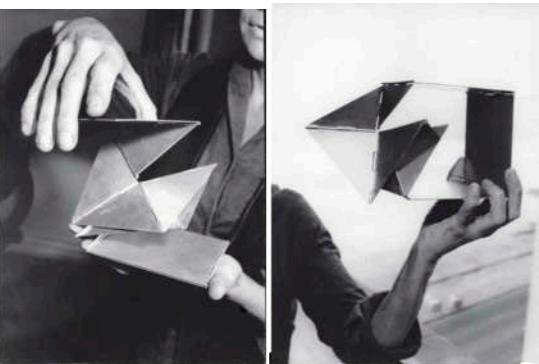
Quando os mobiles foram sendo feitos, um participante e eu íamos com o bambolê apresentando o trabalho para as outras mesas.

No início, as pessoas não ficaram muito atraídas pela mesa de montar mobiles, mas aos poucos a equipe foi chamando as pessoas e, quem se interessou, foi ficando.

Inclusive, na mesa de desenhos, esse trabalho com CDs reverberou e um participante fez círculos com outros círculos dentro que se transformaram em olhos e depois em uma pessoa, criando um desenho muito expressivo e hipnotizante.

Na oficina foi importante também aprender a lidar com as frustrações dos participantes que apareciam quando não conseguiam fazer o que tinham planejado, incentivando-os a confiar no processo e testar outras técnicas, temas ou maneiras de se expressar.

Em reunião após a oficina, conversamos sobre as propostas de regências dos estagiários da ECA e a importância de montarmos as propostas enquanto equipe. Conversamos também sobre as especificidades da oficina e como ela se difere da montagem e planejamento de aulas para uma escola.



Nesta página estão as imagens de referência impressas para apresentar os artistas Lygia Clark e Hélio Oiticica aos participantes da oficina



ENCONTRO 16

Nesse encontro houve a montagem final da obra com os CDs pintados. Após ficar pronta e os participantes olharem, experimentarem e brincarem com ela o grupo nomeou-a "Sonhos e Desejos".

A sala foi organizada com duas mesas uma do lado da outra de comprido e outra mesa na horizontal em uma das pontas. Uma mesa ficou para a produção dos mobiles com CDs para compor no bambolê, outra para a pintura dos CDs e a terceira para desenho.

Na mesa de montagem dos CDs, foram escolhidos como organizar os CDs na confecção. Alguns participantes ficaram na montagem dos fios que compõem o mobile e produziram bastante, escolhendo miçangas e passando as cordas coloridas. Um participante inclusive desenvolveu uma forma de passar o fio em que os CDs ficavam na direção certa e não era necessário dar nó, maneira que ele desenvolveu sozinho.

Assim que os mobiles iam ficando prontos, eles eram fixados no bambolê e uma estagiária passava um isqueiro para fixar o nó.

Ficamos sabendo da internação de um dos integrantes do grupo no hospital, e aproveitamos o espaço da oficina para a confecção de cartões desejando melhorias, saúde e alegria para ele com a participação de todos os integrantes do grupo.

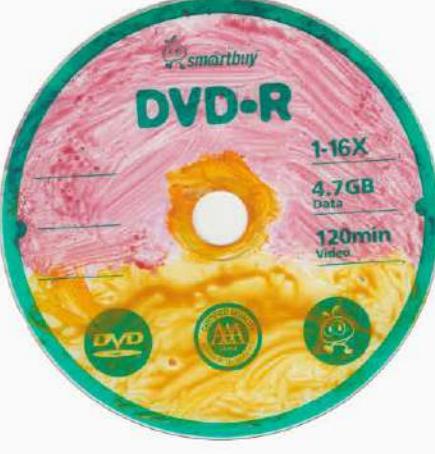
Ao final, também foi gravado um vídeo com todos ao redor da obra pronta desejando melhorias e o retorno dele ao CECCO.

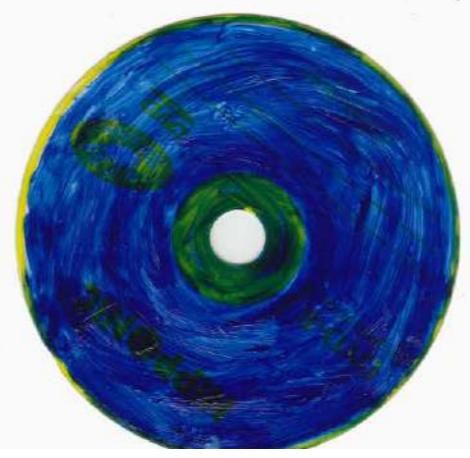
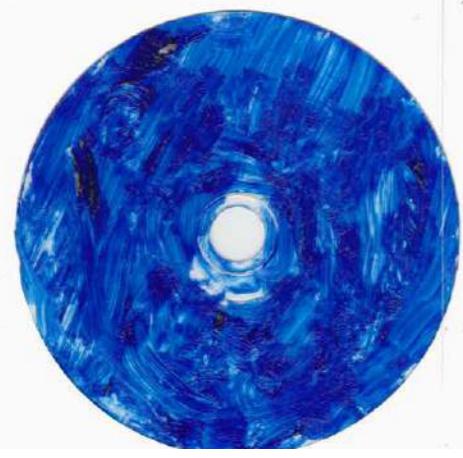
Mais para o final do encontro, foram registrados fotos e vídeos dos participantes experimentando e brincando com o mobile.



Durante a semana após esse encontro, fiz um vídeo reunindo imagens, fotos e filmagens deste encontro para mostrar aos participantes na próxima semana.

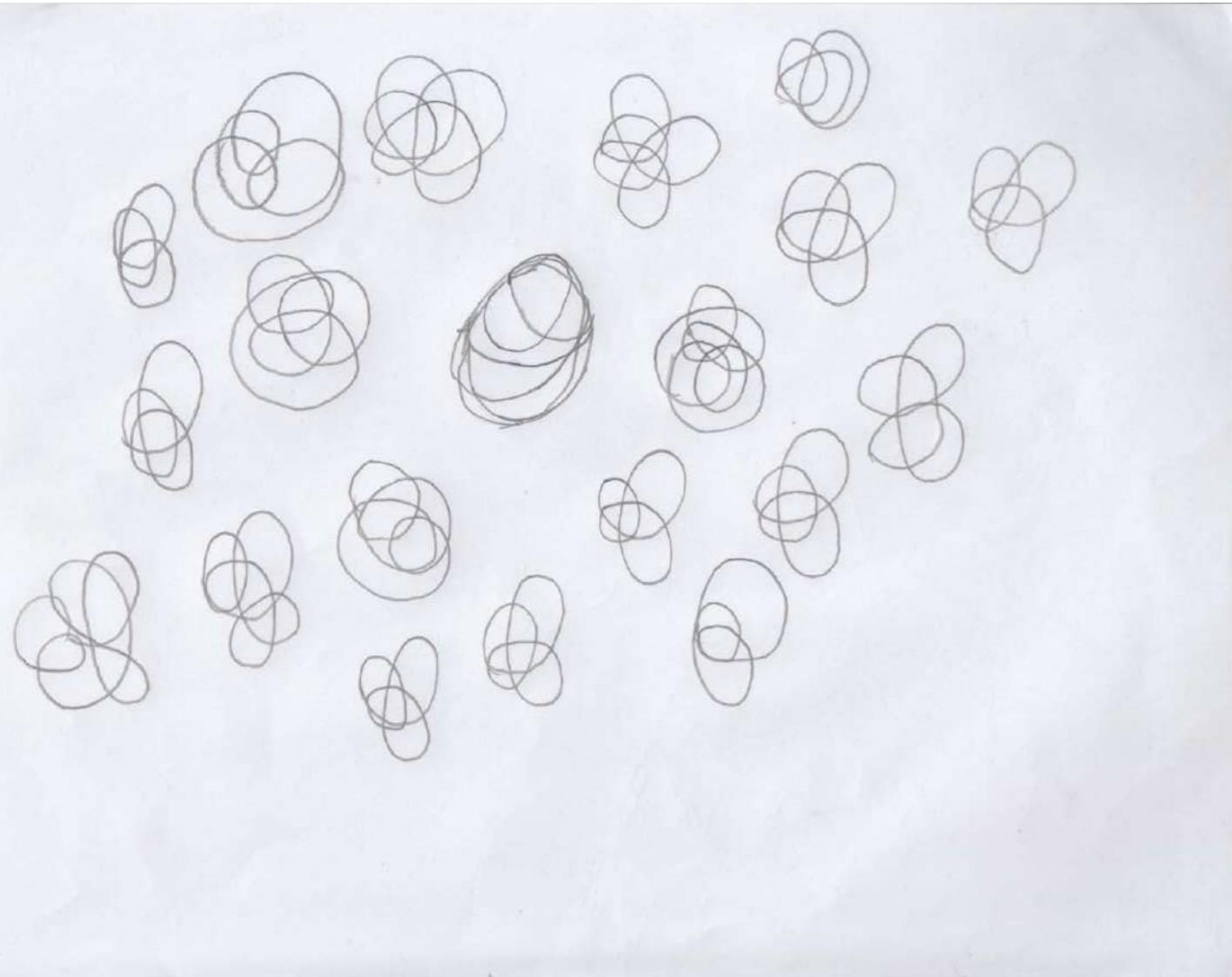












Circulando pelas Artes

Sonhos e Desejos

2024

CDs, tinta acrílica, bambolê, miçangas,
fio encerado
150 X 84 cm



Sem título

2024

Lápis de cor sobre papel
14,8 X 21 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e canetinha sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Grafite sobre papel
21 X 29,7 cm

Para o encontro 17, a proposta foi elaborada em equipe com os estagiários do CAP ECA USP em uma reunião online.

A sala foi arrumada com três mesas interligadas em U mais afastadas da porta do auditório: uma com aquarela e giz; outra com lápis de cor, lápis grafite e borracha; e, por fim, uma com tinta PVA, pratinhos e pincéis. As cadeiras foram colocadas em círculo no centro da sala e as pessoas foram chegando e se acomodando ao redor de um centro que tinha um abajur com luz colorida.

A estagiária que ficou mais à frente na ministração do encontro começou com uma dinâmica com as luzes apagadas e o abajur colorido perguntando que palavras os participantes associavam a cada cor, o que lembravam com cada uma e propondo que fizessem movimentos que as representassem.

No vermelho surgiram palavras como "cinema, amor, paixão, sangue, maçã", teve música do filme "Os cavalos de fogo" que outro participante adivinhou e falaram bastante do amor.

A cor verde trouxe palavras como "grama, limão, esperança", teve movimento de árvore com os braços levantados e eu deitei no chão representando a grama; outro participante fez movimentos e sons imitando um sapo, que afirmou ser seu bicho preferido.

O azul trouxe temas como "mar, céu, bichos marinhos, água" e apareceram movimentos de natação, nuvem e vento.

Após algumas outras cores, a estagiária propôs que cada um escolhesse duas ou mais cores que chamaram atenção e as representassem no papel, usando tinta acrílica, aquarela, lápis de cor e grafite.

Com as luzes acesas, as pessoas foram se sentando nas mesas que tinham os materiais que iriam usar.

Sairam pinturas abstratas repletas de significado, gente se inteirando melhor ao grupo, experimentações, pinceladas. Apareceram muitas produções relacionadas ao vermelho e rosa com o tema do amor e do coração que surgiu na relação entre sentimentos e cores, influenciando também pela comemoração do dia dos namorados que ocorreu nesta mesma data.

Observei o início da formação de um grupo entre todos, em que uma pessoa queria um papel maior e outra prontamente entregou; ou quando um precisava de uma certa cor e outro emprestava-a. Ao final do encontro, todos se reuniram em uma grande mesa com todas as produções feitas no dia e conversamos sobre as obras. Foram contados caminhos de como chegaram nas suas produções; as estagiárias explicaram o que é monocromático (uma cor), dicromático (duas cores) e policromático (várias cores); e, por fim, foi mostrado o vídeo produzido com imagens e vídeos da semana passada para todos, que pareceram vibrar e gostar muito do resultado.

Todos começaram a gritar "Brígida, Brígida, Brígida", foi um momento um pouco chocante e muito, muito tocante de demonstração de um enorme carinho e afeto comigo. Fiquei muito realizada, feliz e lisonjeada. Que espaço de afetar e ser afetada.

Na reunião após a oficina, fizemos uma devolutiva de como tinha sido o encontro, mencionando que houve muita participação e envolvimento dos frequentadores com a dinâmica inicial e a passagem para a produção, com muitos elogios à coordenação do encontro.

Houve falas para serem repensadas posteriormente para garantir a compreensão de que os encontros realizados no CECCO são diferentes daqueles propostos para escolas.

ENCONTRO 18

Último encontro antes das férias. Estavam presentes todos da equipe, estagiários da ECA e a professora Dália.

A proposta desse encontro foi definida na reunião passada após a oficina com todos os integrantes da coordenação. Outra estagiária ficou mais à frente para apresentar a proposta do encontro, que se consistiu na exploração e experimentação de sombras, luz e cores através de lanternas com celofane colorido e com as luzes da sala apagadas.

As três mesas foram colocadas uma do lado da outra fazendo uma enorme linha horizontal. Foram colocadas várias cartolinhas grandes uma do lado da outra seguindo a mesa, na qual pessoas sentadas de todos os lados podiam fazer suas produções em um trabalho coletivo bem comprido.

Após os participantes escolherem as lanternas e as cores dos celofanes, cortaram pedaços desses e fixaram nas lanternas com elástico. Primeiramente, explorou-se o espaço com as luzes, misturando cores e compreendendo o espaço de uma forma não habitual.

Pedimos para que as pessoas escolhessem algum objeto de suas bolsas para colocar nas mesas iluminadas e depois escolhessem os materiais artísticos para representar as sombras e luzes que emergiam a partir deles.

Muitas pessoas exploraram bastante o uso do giz pastel seco e oleoso, representando, contornando e preenchendo sombras de copos, garrafas, tesouras, mãos, chaveiros, CDs, pincéis, óculos, entre outros.

A experiência gerou um resultado visual muito bonito e potente, e a partir das sombras que iam surgindo, os participantes desenharam outros elementos que fizeram o trabalho crescer. Em determinado momento, um participante pareceu se empolgar muito e começar a desenhar por cima e invadir o espaço de desenho de outra pessoa. Conversei sobre respeito e que não podemos avançar sobre o espaço do outro sem autorização.

Quando a produção foi se encerrando e as pessoas terminando seus desenhos, apagamos as luzes e colocamos o longo trabalho no chão e comentamos sobre os processos e resultados.

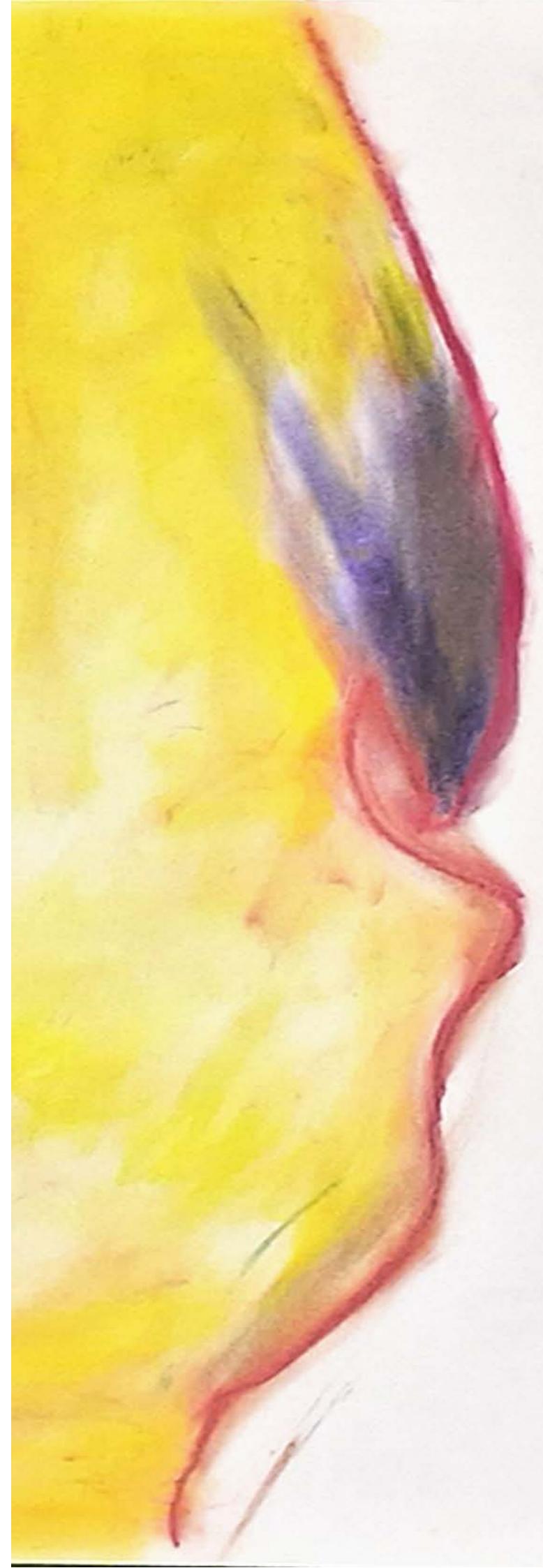
Ao final do encontro, houve uma confraternização com lanche e bebidas para celebrar esse ciclo da oficina e foram entregues uma foto para cada integrante do grupo com todos reunidos ao redor da obra "Sonhos e Desejos" e uma etiqueta atrás desejando boas férias e avisando do retorno da oficina no próximo mês.

Após a oficina, fizemos uma reunião com a equipe, professora Dália e estagiários da ECA para uma avaliação do estágio e dos processos da oficina, conversando sobre os aprendizados e diferenças de um cenário de estágio em museu ou escola, além de mencionar que, nesse espaço, o mais importante é a convivência, a expressão e transformação e não a qualidade de uma produção contínua do início ao fim do encontro.

Houve o compartilhamento das experiências de estágio de cada um e da nossa visão enquanto equipe, além de uma conversa sobre a continuidade do estágio e o retorno deles no semestre que vem.







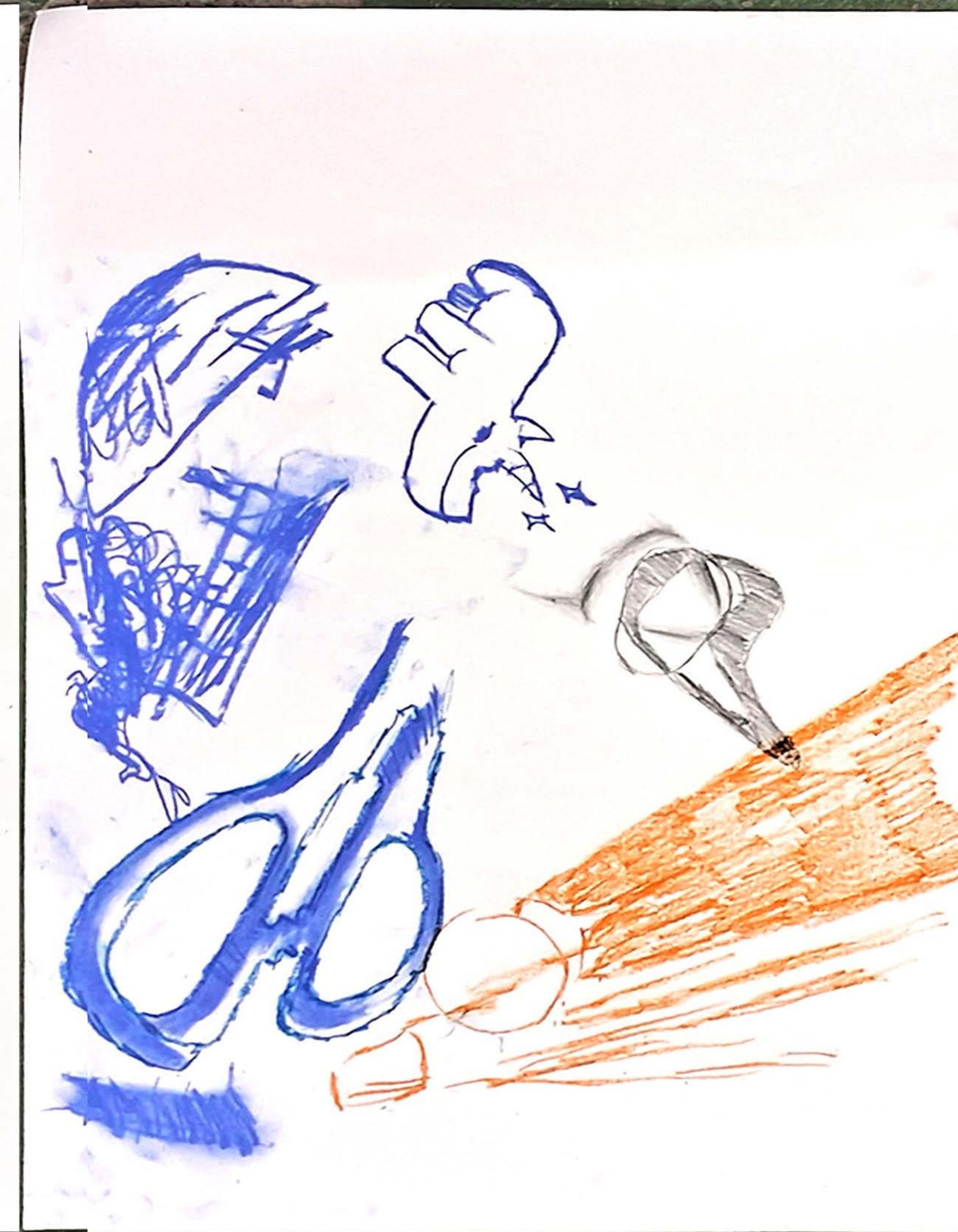














Circulando pelas artes

Luz, cor e ação

2024

Lápis de cor, aquarela, giz e canetinha sobre papel
50 X 330 cm



O encontro 19 foi o primeiro após as férias. Iniciou-se a oficina mostrando o vídeo produzido a partir de fotos e filmagens do último encontro e, a partir do gancho com os resultados obtidos na grande obra coletiva, apresentou-se trabalhos da artista Regina Silveira que conversam com as representações e distorções das sombras de objetos presentes na produção coletiva.

Foram distribuídas imagens impressas das obras e os participantes pareceram ficar empolgados em manuseá-las.

A partir das obras e das distorções, apresentou-se a proposta de pintar rostos com acetatos encaixados em arquinhos que, ao serem colocados na cabeça, ficam curvos e seguem o formato do rosto. Dessa forma, ao serem tirados dos arcos e esticados, serão geradas distorções nas pinturas. Os participantes se organizaram em duplas e começaram a pintar o rosto um do outro no acetato com tinta acrílica e PVA. Todos aderiram à proposta e fizeram pelo menos um rosto no colega, enquanto alguns chegaram a fazer 3 acetatos. Os resultados variaram muito desde pinturas cheias com luz e sombra até

representações sintéticas e minimalistas dos elementos

principais dos rostos, gerando uma enorme variedade de formas, cores e tipos de retratos. Conforme os frequentadores foram finalizando os retratos e esgotando a proposta, passaram organicamente a realizar produções pessoais.

Como estavam trabalhando com tinta, uma participante disse que não sabia pintar. Expliquei como usar a paçinha para colocar a tinta no prato e molhar o pincel um pouco antes de colocar no papel. Ela começou a pintar e pareceu ficar satisfeita e, no compartilhamento das obras, ao ser perguntada sobre, ela disse que sabia sim pintar. Esses são os momentos preciosos em que alguém descobre uma nova capacidade, uma nova visão de si como um artista arteiro.

No encontro 20, houve uma preparação prévia do espaço pela equipe com um varal que intercalava as máscaras de acetato produzidas no encontro passado com obras de artistas como Picasso, Matisse e Braque que dialogavam com as produções dos participantes. Iniciou-se o encontro com as cadeiras em roda e foi realizada uma apresentação e uma conversa sobre a história dos retratos, passando pelas obras que eram encomendas de pessoas ricas para eternizar suas imagens até a popularização da fotografia, que permitiu que os artistas pudessem escolher e desenvolver novas maneiras de fazer retratos.

Depois, todos se levantaram para passarmos pelo varal de obras

que cruzava a sala e mostrou-se como os traços, cores e



e formas de representação dos participantes conversam muito com elementos valorizados na arte, mas que às vezes nós não nos damos conta no dia a dia.

Após a explicação, foram apresentados os artistas presentes no varal, intercalando "por quem é esse artista ? (nome de um participante)! E esse artista ? Picasso! Quem é esse artista ? (nome de outro participante)! E esse ? Matisse!". Fiz esse movimento de intercalação entre as obras de arte dos participantes do CECCO e das obras dos famosos de forma intencional para valorizar a produção artística feita na oficina e para que o grupo comece a reconhecer suas potencialidades enquanto artistas. Como haviam muitas obras de Picasso, foi chegando no final do varal e houveram falas como "Picasso de novo ?" e "adivinhem quem é esse artista, tá fácil! Picasso!". A equipe trouxe que esses artistas se repetiam pela importância que têm na história da arte. Em reunião, a equipe discutiu que esses artistas, que achamos serem amplamente conhecidos por todos, não eram conhecidos pelos participantes. Dessa forma, apareceu a ideia de trazer um pouco de história da arte nos próximos encontros.

No último fio do varal, havia duas obras que traziam os exercícios que seriam propostos a partir delas. O primeiro consistia em desenhar o retrato de alguém sem tirar o lápis do papel e o outro, sem olhar para o desenho enquanto o faz.

Havia folhas sulfite brancas e coloridas para que cada um escolhesse, assim como vários materiais como giz, giz pastel, lápis de cor, canetinhas ...

Cada um participou da proposta à sua maneira: alguns passaram o encontro todo fazendo o retrato de uma mesma pessoa sem seguir as dinâmicas; outros fizeram os exercícios várias vezes até entender a proposta; e alguns fizeram o desafio de desenhar cronometrando o tempo, fazendo retratos com 30, 50 e 60 segundos. Quando a proposta de retratos se esgotou, todas as produções foram coladas na lousa branca, conversou-se sobre o que foi feito e foi tirada uma foto do grupo. Iniciamos o encontro 21 com uma breve apresentação de todos, pois haviam pessoas novas no grupo. Depois, passamos para uma explicação sobre momentos e estilos artísticos a partir de um mural onde estava escrito "Clássico", "Cubismo", "Surrealismo" e "Impressionismo" com imagens de obras de grandes artistas representando cada um desses temas. Além dessas imagens, havia também a impressão da primeira fotografia fixada reconhecida historicamente junto com uma foto da minha bisavó representando o processo de foto analógica.

Ao longo da explicação, procurou-se mostrar como o processo fotográfico impulsionou revoluções na arte ao possibilitar que os artistas pudessem escolher e buscar outras respostas para a arte que se desprendem de uma representação clássica e realista.



Paralelo a essa explicação, também mostrou-se que o conhecimento da câmera escura, fenômeno físico que gera imagens invertidas através de um furo numa estrutura que não deixa passar luz por outros lugares, já existia no tempo da Mona Lisa e apresentou-se como o artista Vermeer usava a câmera escura para fazer os seus retratos e obras.

A invenção da fotografia foi a capacidade de fixar esse fenômeno em papel e mostrou-se também que pintura e fotografia andavam juntas através de uma foto em preto e branco que foi pintada para ser colorida.

Após essa explicação, contou-se como nos movimentos artísticos, os artistas buscaram respostas diferentes para qual seria o papel da arte: representar várias faces e ângulos da realidade ao mesmo tempo de forma a quebrar a realidade (Cubismo); expressar emoções através de pinceladas e cores para criar atmosferas e sensações que impressionam o observador (Impressionismo); e representar o irreal, surreal e buscar elementos dos sonhos que ultrapassam a realidade (Surrealismo). Depois, distribuiu-se uma obra diferente para cada participante colar no mural relacionando o que estava na imagem que receberam com os movimentos artísticos apresentados na lousa. As pessoas foram colando as obras e mostrando muito discernimento e compreensão do tema, colocando nos lugares que achavam ser os certos. Depois, mostramos o mural para o grupo todo e perguntamos se concordavam com a organização.

O rosto surrealista de Magritte estava próximo dos retratos clássicos e, ao ser perguntado, um participante explicou que era por conta de ser um rosto e nos quadros surrealistas apresentados não havia nenhum rosto. Em outro contexto isso poderia ser interpretado como um erro, mas nessa oficina foi ouvida a explicação, que tinha um sentido lógico. Valorizou-se esse pensamento e se conversou sobre em qual outro lugar da lousa a imagem poderia ser colocada.

Um momento muito interessante foi quando, no início da explicação, o grupo foi perguntado se conheciam algum dos quadros e artistas que estavam no mural e a resposta foi que conheciam a minha bisavó, pois havia contado antes para eles sobre ela. A presença da foto de alguém próximo talvez tenha feito toda diferença na identificação e aproximação dos participantes com as obras de arte trazidas.

A proposta para o encontro foi que as pessoas escolhessem algum estilo, obra ou artista com quem tivessem mais se identificado e produzissem algo a partir disso. Ficaram disponíveis livros dos artistas mencionados em uma mesa para todos folhearem e alguns escolheram usar imagens desses livros como referência.



ENCONTRO 22

Após a semana passada, a equipe decidiu fazer um encontro apresentando um artista mais profundamente, escolhendo Picasso para dar continuidade na explicação iniciada anteriormente.

Antes da oficina, fiz uma apresentação do que havia planejado falar no encontro para duas técnicas da equipe e organizamos as imagens e placas com detalhes das obras na ordem da explicação.

A sala ficou organizada com as três mesas colocadas separadas no espaço e um semicírculo de cadeiras no fundo em frente à lousa branca. O início da apresentação foi um pouco desafiador, com muitas interrupções.

Assim que conseguimos iniciar a apresentação, falamos sobre as diversas fases de Picasso, seu início em uma escola de Belas Artes quando adolescente e suas obras clássicas, passando pelas suas experimentações e tentativas nas fases azul e rosa. Com um mesmo quadro da fase azul impresso em várias cores diferentes, discutiu-se sobre o impacto que o uso das cores faz na interpretação e atmosfera da obra. Disseram que o quadro azul parecia um dia nublado; o amarelo, um dia bem ensolarado; o verde, uma grande floresta; e o rosa, um momento eletrizante de rosa "choque". Um participante questionou



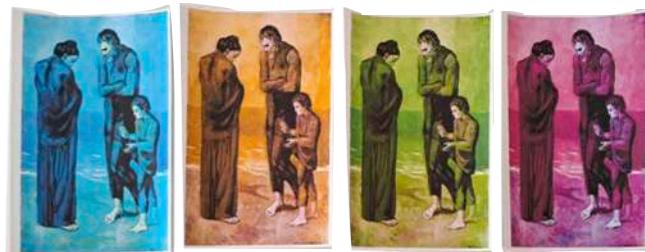
sobre a cor azul ser triste, pois disse que não entendia dessa maneira e a equipe explicou que as cores possuem vários significados diferentes e que Picasso escolheu essa cor para representar sua tristeza, mas o azul pode ter várias outras significações também.

Apresentamos a obra "Mademoiselles d'Avignon" contando sobre o impacto dela no mundo artístico e traçando relações entre os rostos das mulheres e as máscaras africanas que eram expostas em feiras na época. Ao serem

perguntados sobre como estavam as mulheres, alguns responderam que estavam de boa na praia tomando sol e não captaram as sutilezas do olhar e poses ameaçadoras dessas mulheres, o que apresenta muito a característica desse público alvo de não reconhecer esses pormenores no cotidiano.

Depois, falamos sobre o cubismo mostrando uma imagem de um boi realista do qual foram sendo retirados detalhes e simplificado até quase não ser reconhecido mais como boi, mencionando que, para Picasso, suas imagens sempre partiam de algo real e iam se decompondo em versões geométricas e angulares até a inspiração do real quase sumir.

Para exemplificar isso, usamos uma obra em que, à primeira vista, não se identifica nada, e trazendo em outra folha apenas os traços que formavam a mulher, as pessoas conseguiram identificar a imagem.



Em seguida, falamos sobre "Guernica" e como essa obra trazia a guerra como algo destrutivo, desesperador e repleto de muito sofrimento. Trouxemos vários detalhes em plaqüinhas para eles observarem, como a mãe chorando pelo filho morto, o homem gritando e a espada quebrada com um flor bem pálida nascendo, representando uma esperança tênue de que as coisas podem melhorar.

Por fim, falamos como Picasso é considerado um dos primeiros artistas a usar a colagem de materiais como papel, papelão e outros na tela e comentamos sobre suas esculturas tridimensionais com objetos tirados do cotidiano.

Por conta do desafio inicial de começar a apresentação, acabamos não falando algumas das coisas preparadas e focamos no mais importante, deixando a sequência de auto retratos de Picasso ao longo da vida para outro momento.

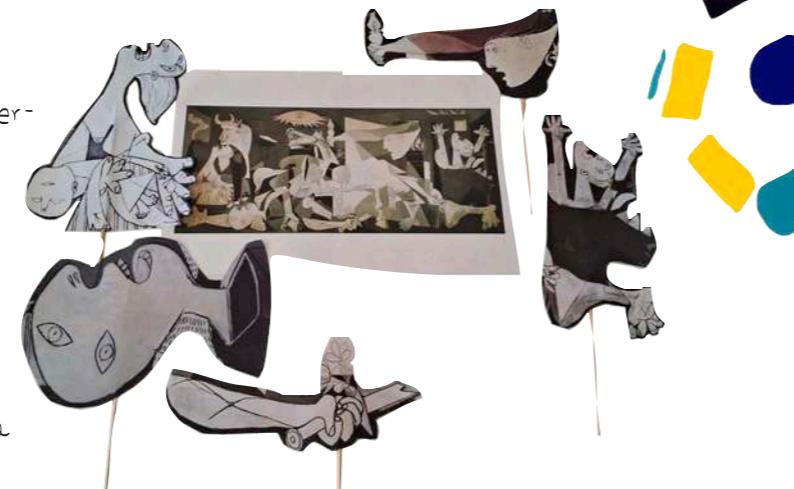
Algumas pessoas participaram muito falando e perguntando sobre os temas, mas outras, mesmo que aparentemente estivessem dormindo, fizeram produções na parte prática do encontro que tinham tudo a ver com o que foi falado. O que demonstra muito o que o CECO propõe ao mostrar que existem muitas formas de participação e que é preciso olhar para elas de uma forma sensível.

O tema do encontro foi apresentar diversas formas artísticas, mostradas através de Picasso, para inspirar os participantes em suas produções.

Um participante fez uma releitura da obra "que tem a espada quebrada", e escolheu dentre as plaqüinhas com detalhes da "Guernica" a mãe chorando com o filho no colo. A pessoa foi fazendo a releitura deixando tudo ainda mais expressivo e rompendo com uma representação mais realista.

Algo extremamente interessante para mim, enquanto arte educadora em formação, foi o desafio de pensar em maneiras de tornar o ensino de história da arte algo mais dinâmico, interessante e lúdico para encantar os participantes com esse conhecimento.

Elaborei junto da equipe plaqüinhas com detalhes das imagens para que os participantes pudessem pegar as obras na mão enquanto eu explicava. Essas plaqüinhas fizeram um enorme sucesso e me senti realizada com um participante que se referia à "Guernica" como a obra "que tem a espada quebrada", pois esse é um detalhe que, por ser um trabalho enorme, às vezes poderia passar despercebido.



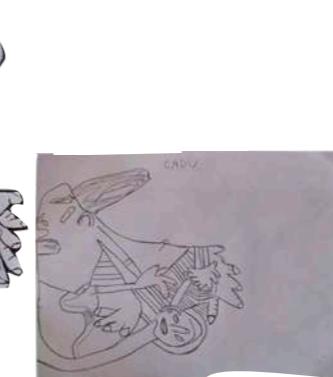
A imagem detalhando a forma e a silhueta da mulher presente na obra de Picasso também foi muito importante para que os participantes compreendessem de onde vinha a palavra "cubismo", mostrando detalhadamente e literalmente os cubos.

O importante nesse encontro não era que os participantes soubessem os nomes das obras ou da história completa de Picasso, mas sim que pudessem se ater a alguns detalhes que fizessem sentido para eles, como uso das cores, de releituras, da colagem - que viria a aparecer nos trabalhos deles no encontro seguinte - e de uma ampliação de um repertório visual, para que, através dessas sensibilizações, pudessem pensar em uma produção.

Nesse encontro começamos a incentivar que os participantes e a equipe dessem títulos a suas produções, os quais fui anotando ao longo do encontro.

Um participante desenhou e pintou numa tela e, depois de terminar, cobriu tudo com a tinta vermelha, pintando inclusive atrás da tela, o que chamou de Suco 'Nei', retomando sua produção anterior de uma folha inteira pintada de laranja que disse ser suco.

Ao final do encontro, comemoramos o aniversário de um dos participantes, apagamos as luzes, cantamos parabéns e cortamos o bolo. A família da pessoa veio comemorar junto e ele apresentou cada um dos seus amigos para o pai, demonstrando como esse espaço de convivência é importante para ele.

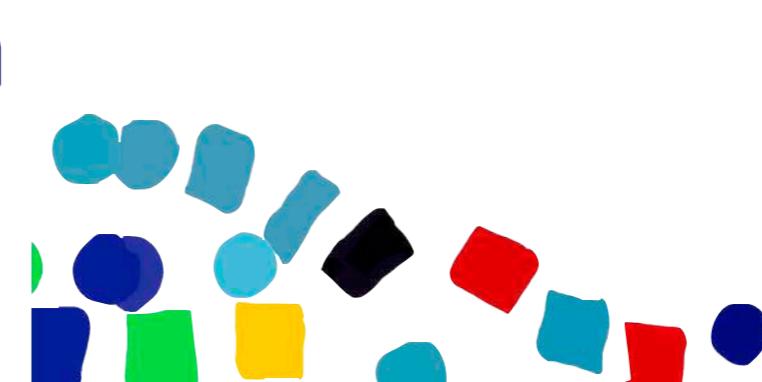


O que mais cubista/cubo que o Bob Esponja ?

Ou um desenho geométrico cheio de formas coloridas ?

Ou vasos com formas recortadas ?

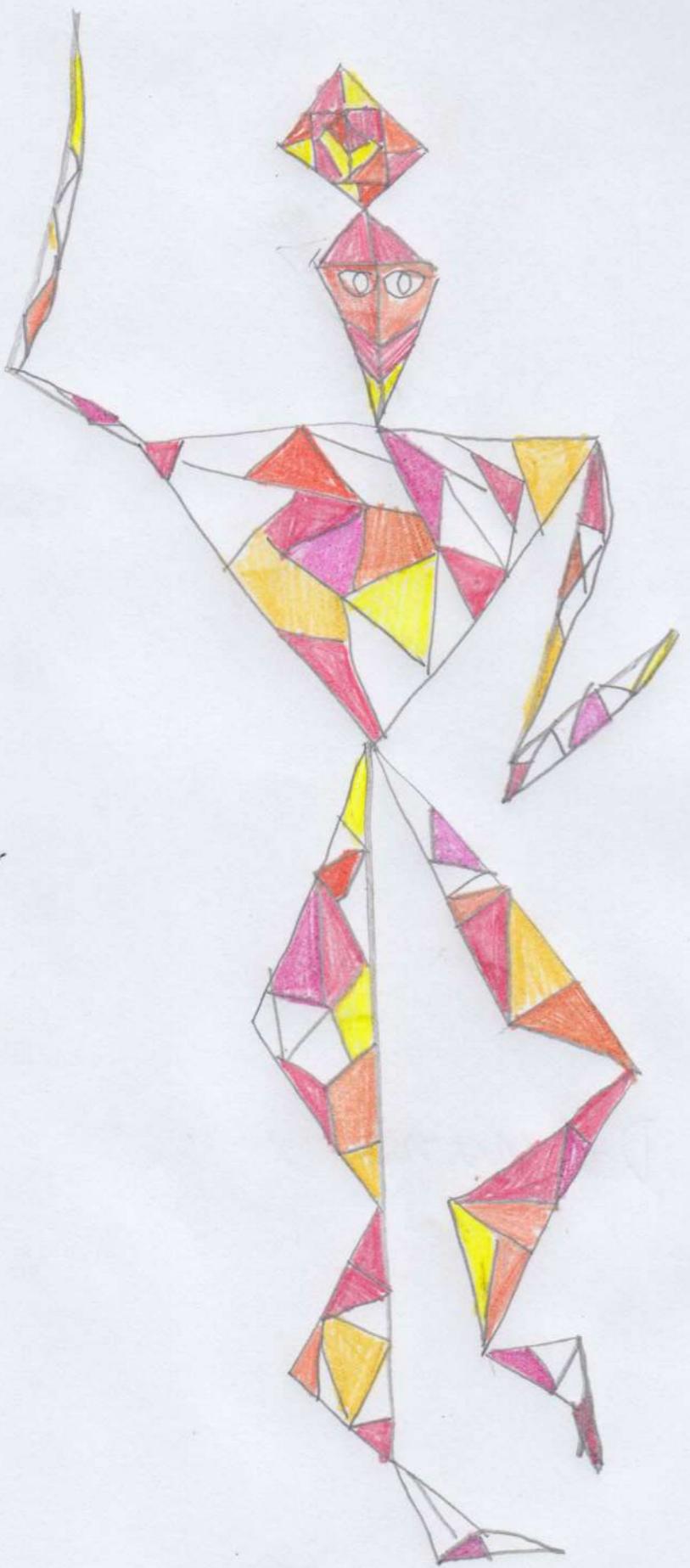
(anotação do caderno de campo deste dia)

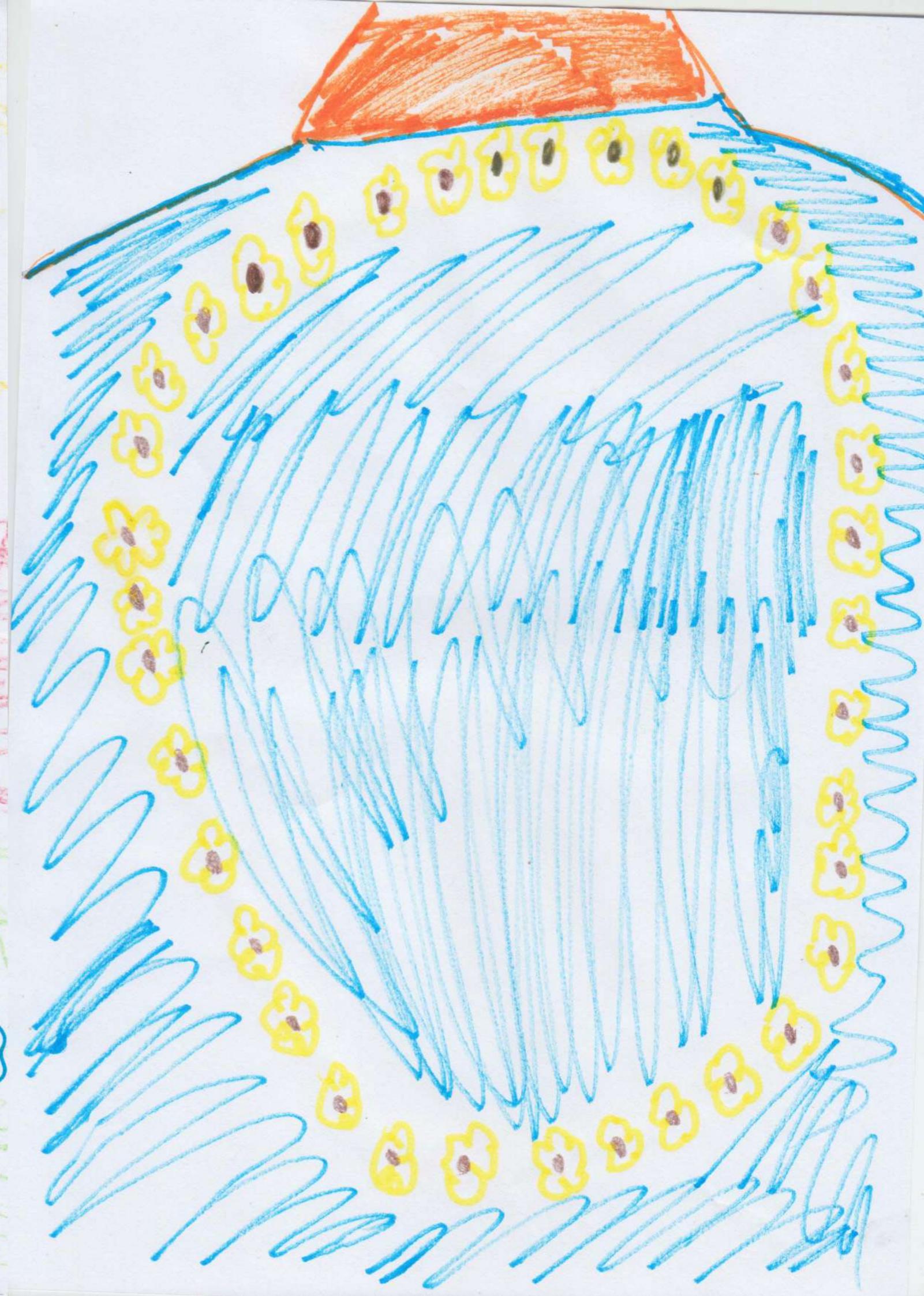








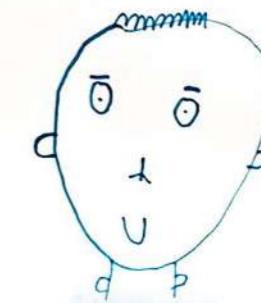






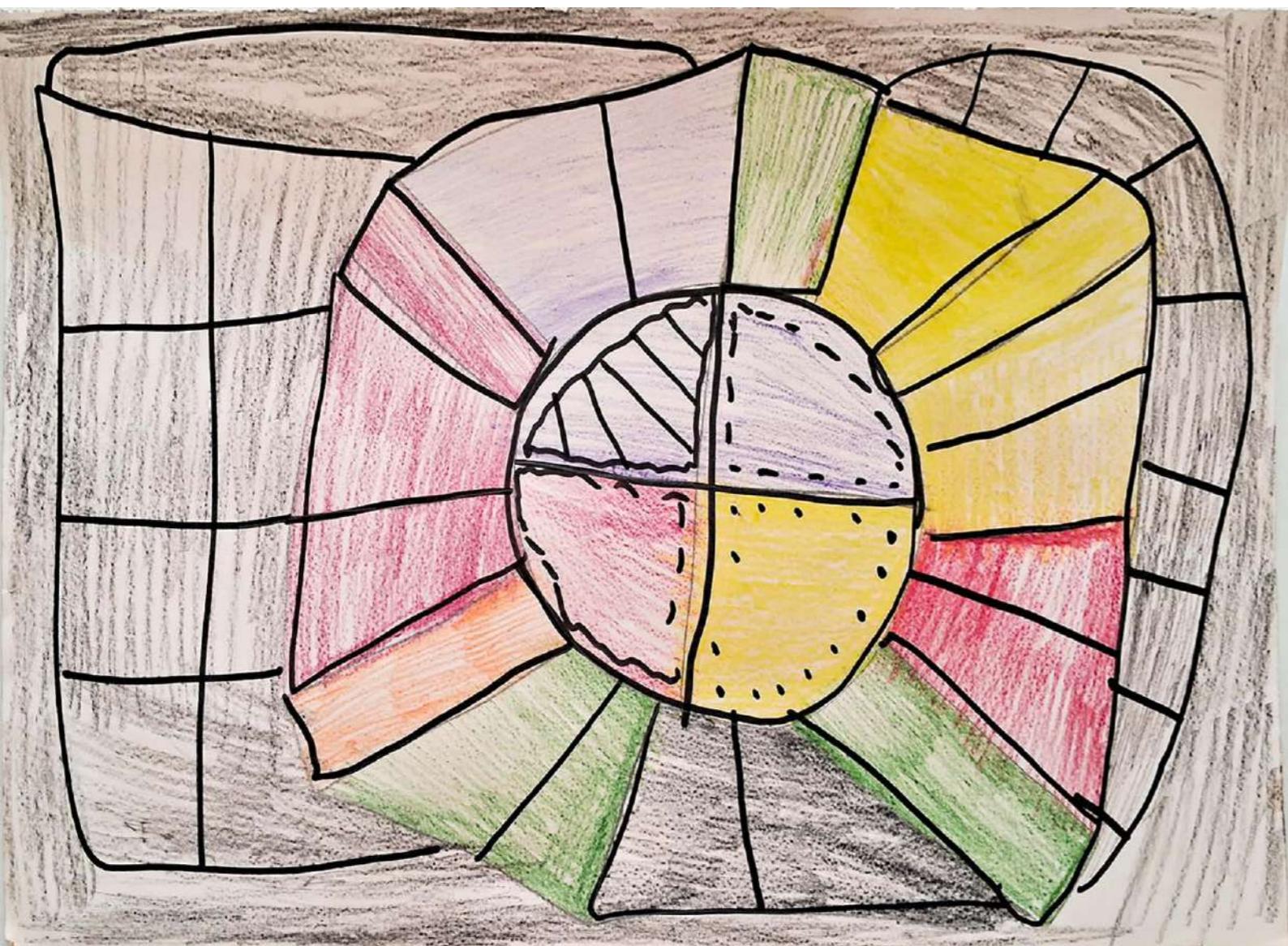


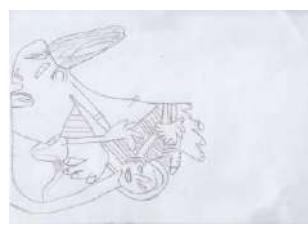
SONIC



MINHA FAMILIA







Sem título

2024

Lápis de cor
sobre papel
21 X 29,7 cm



Girassol

2024

Lápis de cor e canetinha sobre
papel
29,7 X 21 cm



Suco

2024

Lápis de cor, tinta PVA e canetinha sobre
tela
20 X 30 cm



Picasso

2024

Cola glitter e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Dias de glória

2024

Tinta PVA sobre papel
21 X 29,7 cm



Jardim

2024

Tinta PVA, grafite e cola glitter
sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

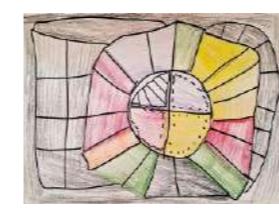
Lápis de cor e grafite sobre
papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

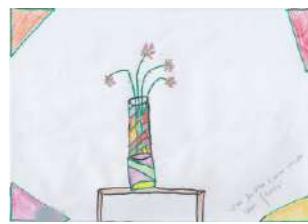
Tinta PVA sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Lápis de cor, grafite e canetinha
sobre papel
25 X 33 cm



**Um livro e um vaso
com flores**

2024

Lápis de cor, grafite e
canetinha sobre papel
21 X 29,7 cm



Olimpíadas

2024

Tinta PVA, cola glitter e
grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Tubarão

2024

Grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



A dançarina

2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Peixinho do mar

2024

Tinta PVA, grafite e cola
glitter sobre tela
20 X 30 cm



Sem título

2024

Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Sonic

2024

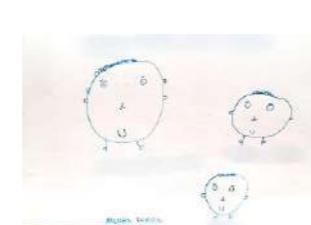
Lápis de cor e grafite sobre papel
29,7 X 21 cm



Bob Esponja Calça Quadrada

2024

Lápis de cor e canetinha sobre papel
29,7 X 21 cm



Minha Família

2024

Canetinha sobre papel
25 X 33 cm

Começamos o encontro 23 com todas as mesas em linha uma do lado da outra e, em sequência do encontro passado, foi apresentado um breve apanhado histórico do cubismo e de artistas abstratos, passando por diferentes artistas para mostrar soluções visuais distintas.

Do cubismo para o abstracionismo, todos puderam se aventurar em representações não figurativas e figurativas com tinta, recortes de tecidos e materiais variados para montar suas obras.

A explicação iniciou-se com Kandinsky e seu pensamento de pontos, linhas e planos, além de falar sobre a ligação com a música e sons em suas pinturas. Falou-se sobre Pollock e sua técnica do "dripping" de pingar tinta em telas grandes dispostas no chão, chamadas "action paintings". Mostrou-se então uma obra de Rothko em tamanho pequeno na folha sulfite e perguntou-se sobre o que parecia, alguns falaram que parecia uma porta. Depois exibiu-se a mesma imagem preenchendo uma folha A4 inteira, e por último, a mesma obra formada por 4 sulfites A4 colados. A dinâmica foi pensada para que os participantes compreendessem como o tamanho de uma obra influencia no sentimento, atmosfera e percepção do observador. Isso se mostrou efetivo, visto que disseram que a obra grande parecia um pôr do sol. Comentou-se sobre como as obras de Rothko são geralmente muito grandes para gerar uma atmosfera e imergir o observador dentro das cores.

Por fim, falou-se de Mondrian e Ellsworth Kelly e, propôs-se uma atividade para quem quisesse testar montar obras com quadrados de diferentes cores brincando com composições, contrastes, e possibilidades através de papéis coloridos cortados a serem colados em folhas com quadrados vazados, como os da pintura mostrada de Kelly.

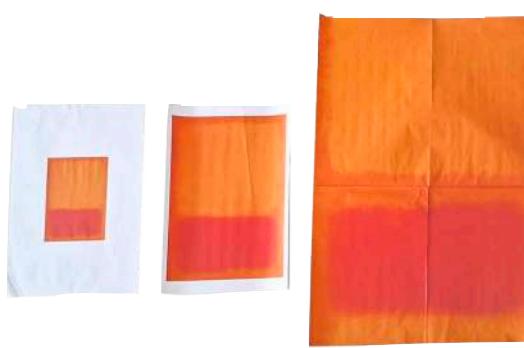
Enquanto isso, aqueles que assim desejassem, passaram para a produção de obras em papel e tela com tinta, colagem de tecidos estampados, lápis, canetinha e materiais diversos.

Sobre as obras com os quadrados coloridos, cada um teve um resultado único e muito bonito visualmente, desde cores dispostas em colunas; obras que trabalham blocos

de cor e tensão no meio da imagem (um quadrado marrom entre os azuis que gera uma quebra interessante na composição); obras com desenhos e pintura sobre os quadrados; e composições que pensavam em uma cor base para depois adicionar outras.

Vale mencionar que uma participante recortou e colou vários gatos em uma folha grande maior do que tecido original onde estavam e comentou como realmente a obra cresceu e ficou diferente em uma folha maior.

Ao final, colocou-se as obras na mesa e foi feita uma discussão.



Antes do encontro 24, a equipe preparou dois grandes painéis juntando com fita 12 cartolinhas em cada painel, fixando um no chão e outro na parede do fundo do auditório. As cadeiras foram colocadas em roda e as pessoas foram chegando e se sentando. Foi preparado um material para trazer referências de artistas que usavam muito do movimento do corpo como parte do seu processo artístico.

Quando estávamos todos sentados, um participante trouxe uma questão de comer algo que não gosta e a psicóloga propôs ao grupo que cada um falasse uma comida que não gostasse e depois uma rodada contando de uma comida que gostam: uma forma muito bonita de integrar a questão ao grupo e fazer uma transposição do foco de uma comida que não gosta para falar as comidas que gosta.

Depois dessa conversa sobre comida, a equipe pegou o gancho e explicou que iríamos precisar de muita comida e energia para a atividade de hoje. Nesse momento, entrei fazendo uma apresentação breve sobre Pollock, pegando o gancho da aula passada, Yves Klein, Heather e Carolina Deckerman.

Primeiro foi apresentado o Pollock e sua técnica "dripping", de pingar tintas, com imagens de suas obras e dele pintando. Um participante falou que ele fazia isso em bicicleta e chamava de chapisco.

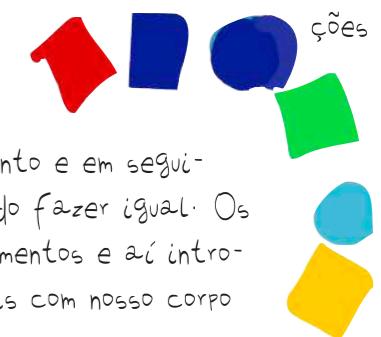
Depois falou-se sobre Yves Klein e como ele usava o corpo de modelos com tinta como carimbo para formar imagens. Exemplifiquei na parede como os modelos faziam as marcas na pintura e os participantes demonstraram interesse pelo processo.

Trouxe também duas artistas que usavam o corpo e a dança explorando movimentos de braços e pernas para criar imagens. Enfatizei como a obra que uma delas, Heather, expõe é na verdade ela fazendo os movimentos. O desenho que sai é um registro, caracterizando a obra como performance.

A outra artista, Carolina Deckerman, se diferencia de Heather pois, depois de fazer as marcas no papel, pintava dentro das formas geradas e sua obra exposta é o resultado final com a pintura.

Depois, passou-se para um exercício corporal. A equipe puxou um aquecimento e em seguida cada um foi se apresentando e fazendo um movimento para o grupo todo fazer igual. Os participantes pareceram ficar muito animados e energizados com os movimentos e aí introduziu-se a proposta de que fizéssemos esses e outros movimentos nos painéis com nosso corpo usando lápis e giz.

No começo, as pessoas pareciam estar tímidas, mas foram se soltando ao longo da atividade. Teve dança, carimbo e desenho com o pé, gente sendo contornada no papel, gestos pra cima, pra baixo, circulares, palavras, desenhos de personagens, frases, corações e, em determinado momento,



começamos a preencher as formas que foram geradas.

Alguns ficaram em um canto do painel o encontro todo pintando com lápis e giz, preenchendo e explorando os materiais e gestos, enquanto outros foram esgotando ou não aderindo a proposta e foram desenhar na mesa da entrada.

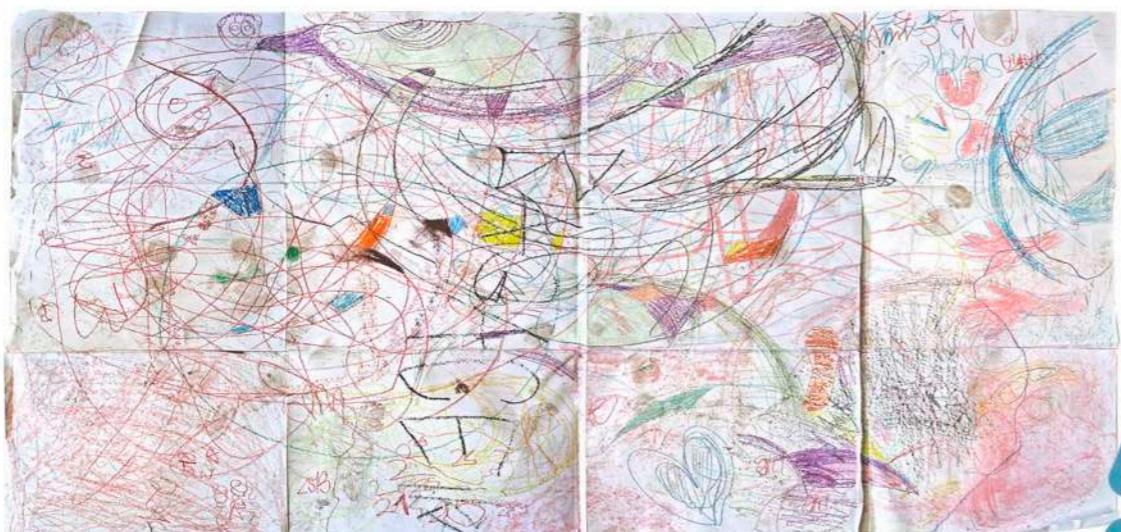
Um participante contou que tinha resistência em ouvir a parte teórica, mas que ele resolveu insistir em ficar até o fim para aproveitar a oportunidade de aprender e praticar. Para concluir, chamamos todos para ver a obra e pensar se elas eram obras separadas ou juntas e pensar um título. Discutimos que as obras devem ser expostas juntas porque são um conjunto e o nome acabou ficando "Entre Laços e Abraços Estupendos".

Para mim, esse título resume o que é o CECCO e o que ele propõe.

A oficina foi se encerrando com as pessoas ficando cansadas de movimentar o corpo e perguntou-se quem estava com fome e muitos responderam que sim, retomando a conversa do início do encontro. Distribui-se o lanche, guardamos os materiais e as obras, encerrando o encontro.

Em reunião após a oficina, a equipe conversou sobre o estágio desse semestre com as alunas do CAP ECA USP e pedimos para elas reunirem suas vontades de ensinar na oficina.

Combinamos uma reunião semanal para pensar nos encontros, discutir textos, e pensar na oficina como um todo.



ENCONTRO 25



Obra "Pessoas começam a voar" do artista Yves Klein

fazer tinta com a técnica têmpera, que consiste em misturar a gema do ovo com um pigmento.

Para a têmpera, usou-se apenas a gema de três ovos sem a capa orgânica em volta e misturou-se com água (3 partes de água para 1 parte de gema) medindo em um copo com gradação. Depois, adicionou-se óleo de cravo e vinagre para evitar fungos e tirar o cheiro forte de ovo. Cada participante depois escolheu um pigmento (pó de anilina) de uma caixa e, individualmente, misturou com as gemas e outros ingredientes para criar suas próprias tintas, as quais foram usadas em experimentações e produções artísticas.

Fica evidente nesse processo o quanto a oficina foi se constituindo como grupo, visto que, conforme as pessoas foram precisando de outras cores, os potinhos com cores foram sendo emprestados e espalhados coletivamente. No CECCO, aprendi alguns termos e significações distintas da arte-educação, como agrupamento - quando as pessoas estão juntas no mesmo espaço - e grupo - quando se formou um coletivo e as pessoas possuem vínculos fortes entre si.

Teve muitas cores fortes, laranjas, magentas, azuis, roxos, verdes, amarelos e todos pareciam animados com poder fazer sua própria tinta e misturar as cores para chegar nos tons desejados.



Ao final, foi feita uma discussão sobre produções e puxei uma conversa sobre títulos das obras. Uma participante contou que tudo virava flor para ela, sendo complementada por outra que disse que para ela tudo virava estrela. A partir disso, falei sobre os símbolos que são preciosos e especiais para cada um e essa repetição deles é algo muito bom artisticamente como forma de se expressar no mundo através daquilo que você gosta e/ou ama.

Eu chamo essa simbologia própria de "Mitologia Pessoal" e esse conceito começou a se desenvolver no início da licenciatura. Pensando nessas questões, ministrei um encontro em uma outra oficina junto com uma arteterapeuta onde pude atualizar e repensar sobre essa temática. Criou-se então o texto abaixo, que explica um pouco sobre o que é essa mitologia.

Mitologia Pessoal

Vamos começar fechando os olhos, respirando profundamente e nos abraçando gentilmente. De olhos fechados procure pensar, como você é?

Quem você é hoje? Quem foi você ontem? E há um ano? Dois?
Você se vê como uma fotografia? Como alguém num filme? Em preto e branco ou colorido?
Lembre-se que você não é só imagem.
Qual o seu cheiro? De terra molhada? Alecrim?
Qual o seu cheiro favorito?
Qual o som da sua voz? É aguda? É grave?

Qual a música que você mais gosta?
Qual a sua comida favorita?
Você tem algum animal predileto? Gosta de cavalos? Águias? Águas vivas?
Você é diretor, roteirista, escritor, pintor, ator, pirata, príncipe, rainha, fada, mago, vampiro, dragão?

O que te representa?
Quais são seus símbolos? Qual a sua própria representação através de elementos de fora do mundo que fazem sentido dentro de você.

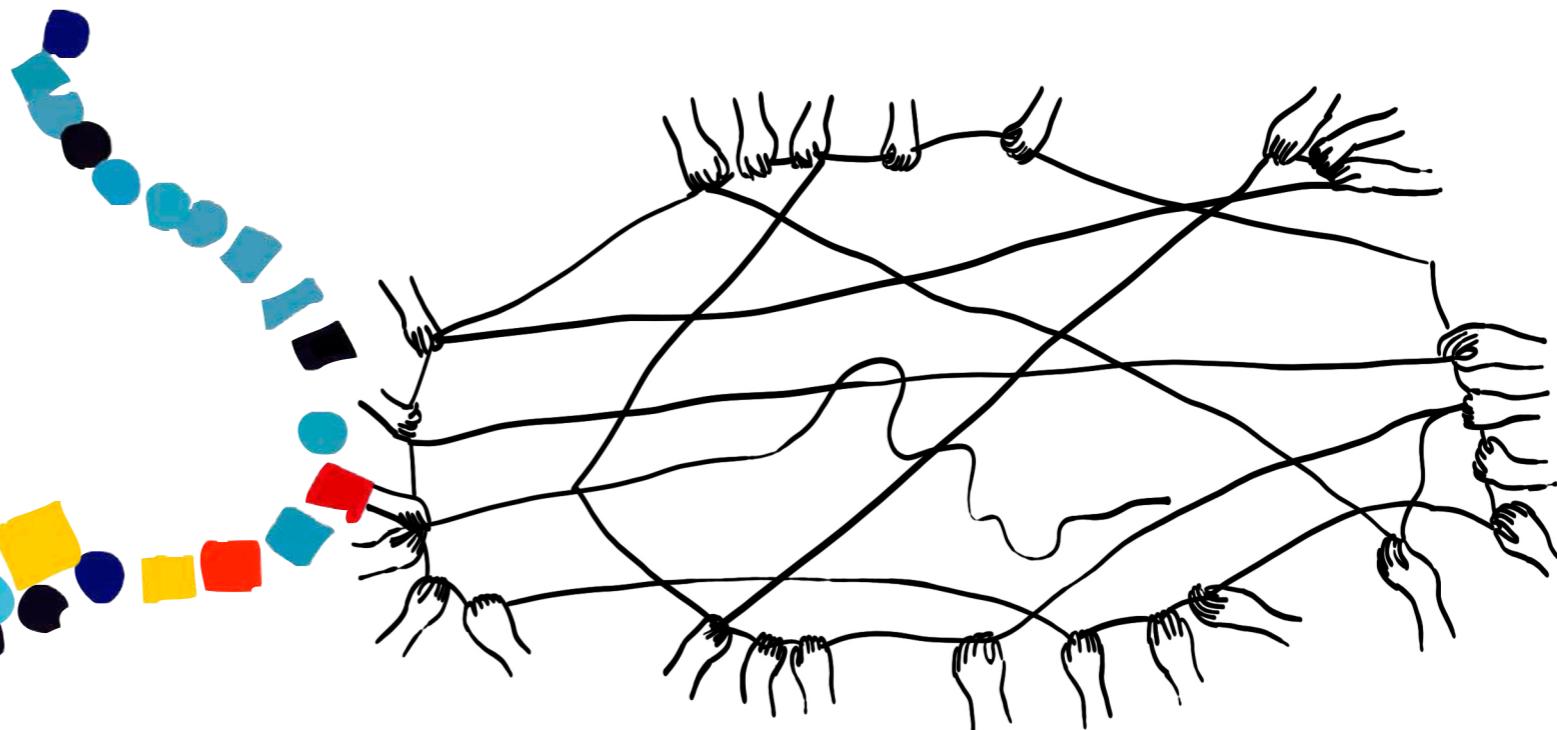
Essa é a sua Mitologia Pessoal.
Sabe aquele sonho ou elemento de sonho que se repete de tempos em tempos?
É o seu mito pessoal, sua simbologia. Esses símbolos não precisam fazer sentido para os outros, eles são intimamente seus.
Nossa proposta aqui é que vocês procurem nessas revistas e escolham três recortes de imagens que lhes representem para colocarmos no nosso mural "Quem Somos".

Nesse encontro sobre Mitologia Pessoal, percebi uma vontade enorme de me aprofundar nessas formas terapêuticas com arte observando como a minha companheira no encontro resolveu as situações de forma tão bonita, sensível e poderosa.

Antes da leitura do meu texto, fizemos uma dinâmica em roda de passar o barbante para o outro formando uma teia/rede de apoio. Algumas pessoas se emocionaram ao falar sobre o grupo e sobre seus sentimentos. Os técnicos conversaram com as pessoas individualmente, mas ao fim, a arteterapeuta fez uma finalização e fechamento sobre o qual não consigo empregar outra palavra que não mágico.

Vi muitas magias acontecerem no CECCO, essa foi uma das mais especiais. A arteterapeuta, no final da dinâmica, colocou o grupo em roda e chamou para o centro todas as pessoas que se emocionaram e choraram. Em seguida, pediu ao resto do grupo para abraçar as pessoas do centro e todos formamos um enorme grupo de pessoas balançando suavemente como as ondas do mar e soltando palavras de afirmação e sentimentos.

Eu nunca havia presenciado uma forma tão bonita de arrematar um encontro com pessoas que se sentiram muito emocionadas. Tudo era afeto, sendo cada um afetado ou afetando ao outro.

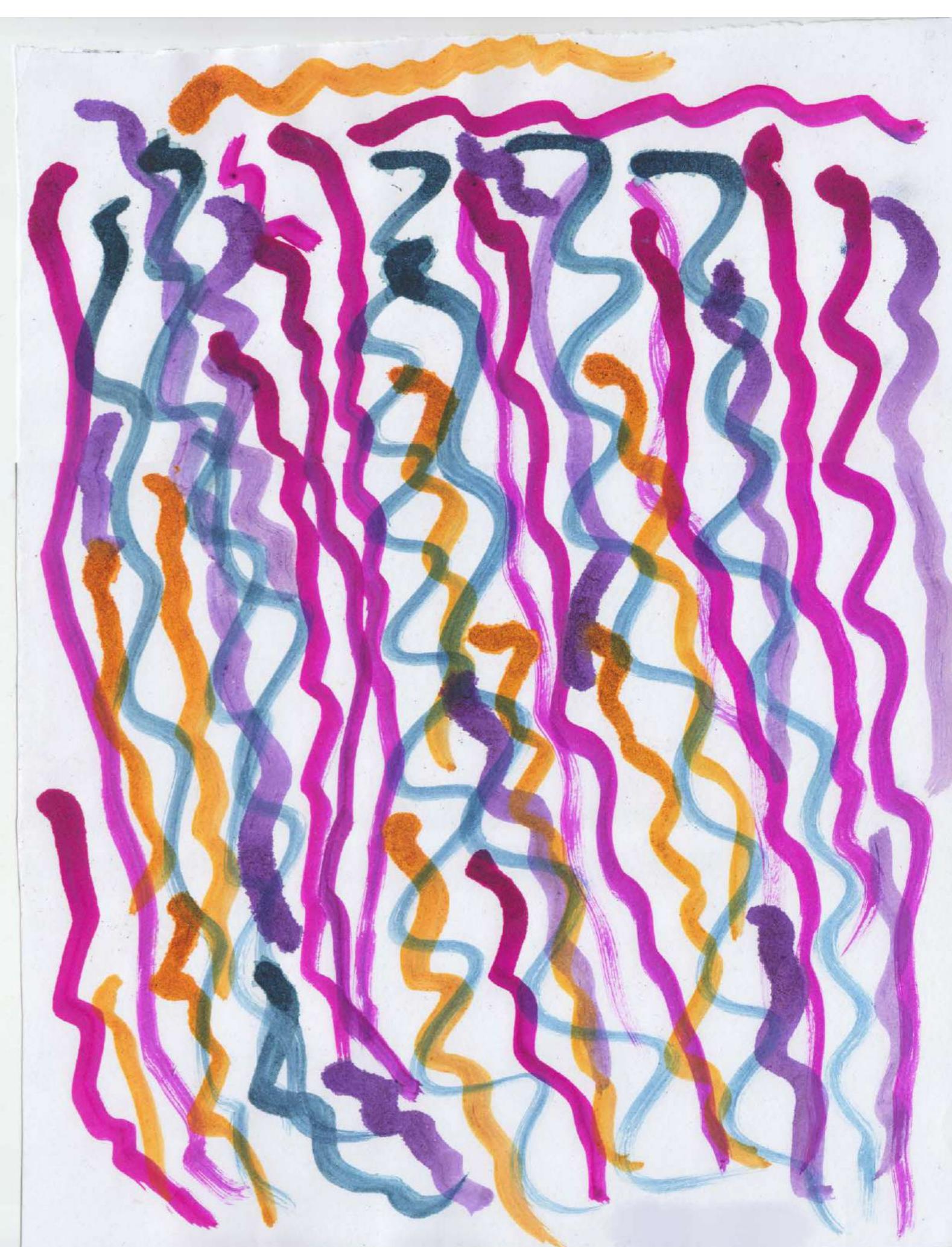








Nazareinas



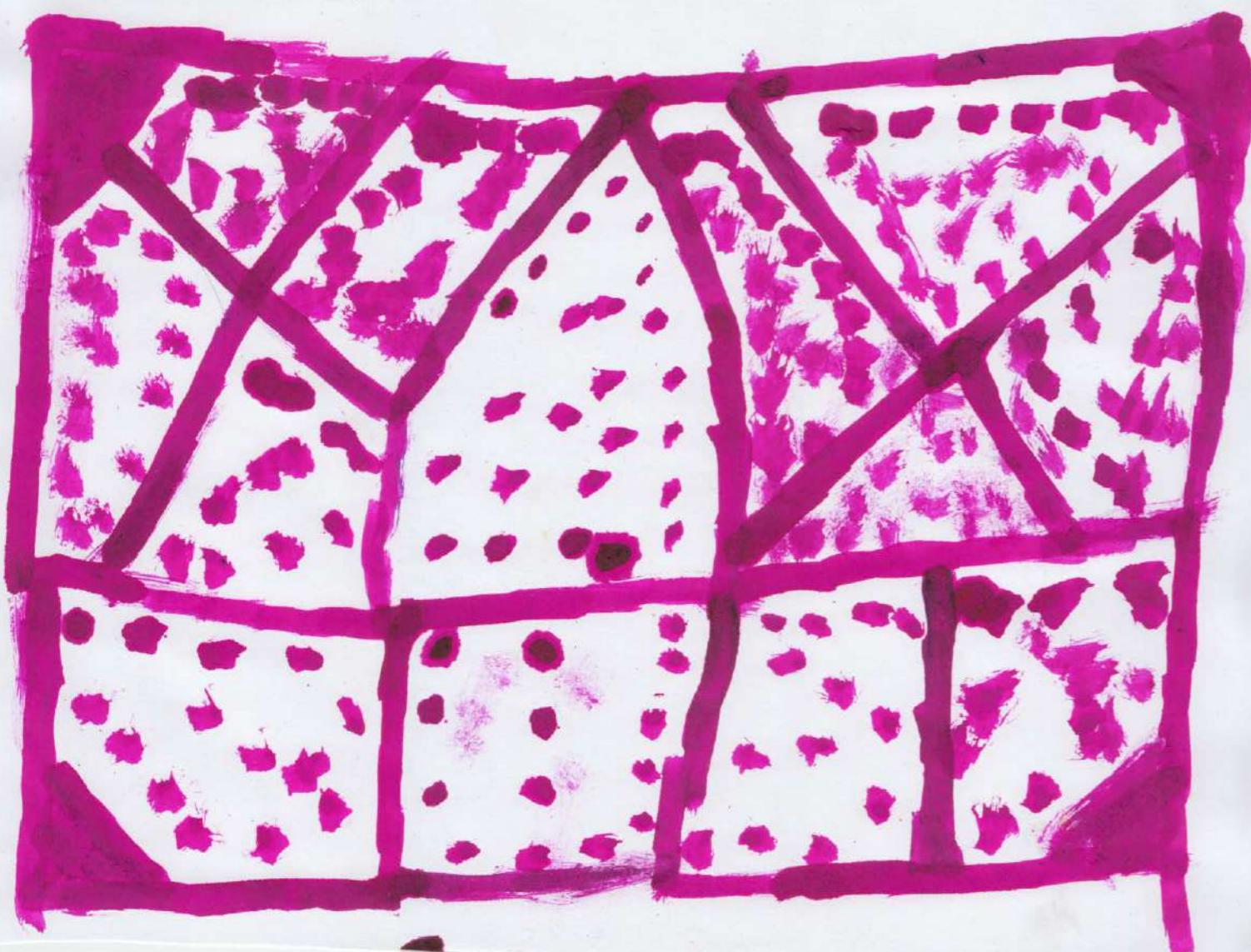






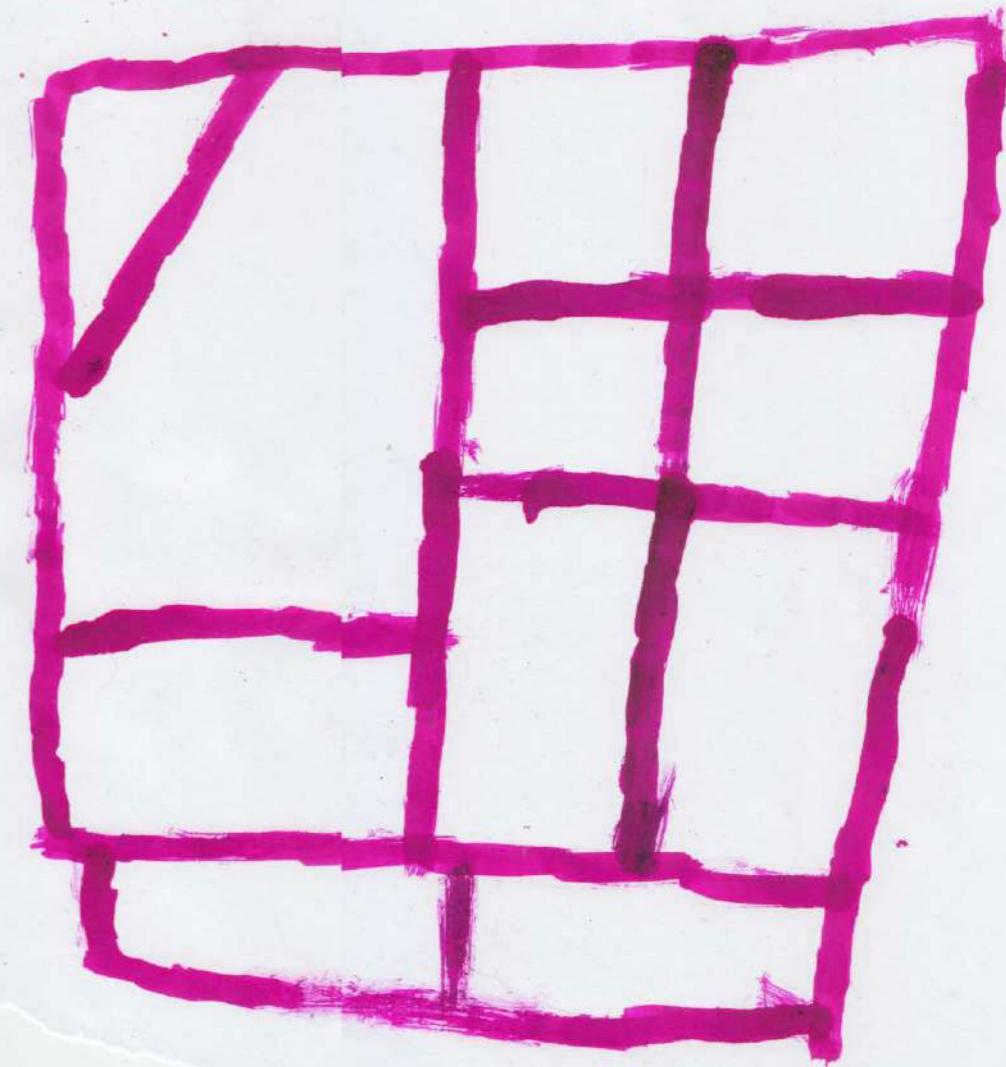




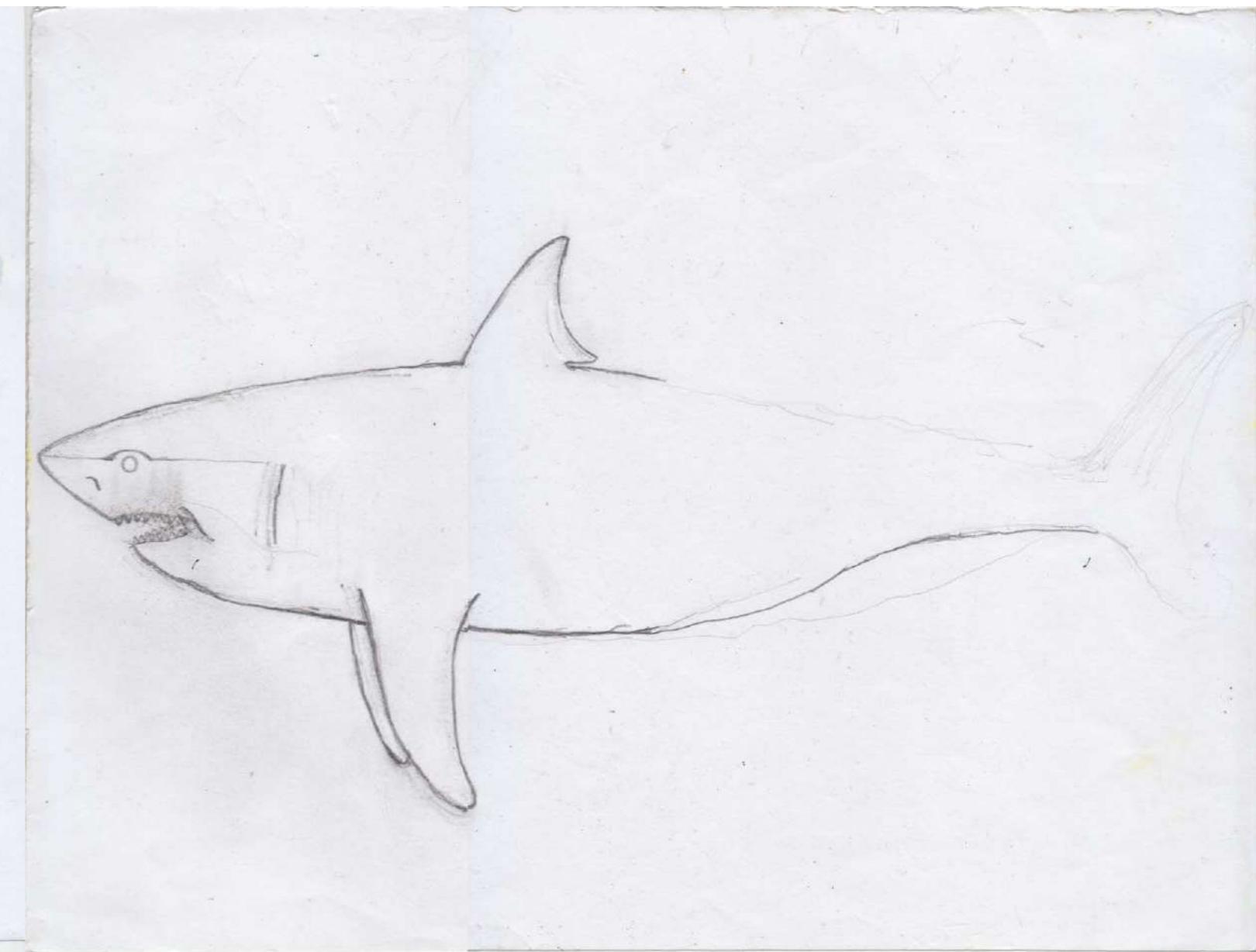














Redemoinho
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera, grafite e canetinha sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



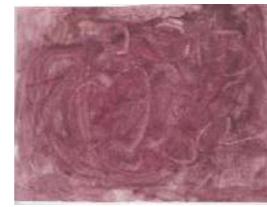
Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



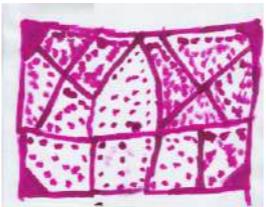
Eu gosto de flores
2024
Aquarela, canetinha e lápis de cor sobre papel
25 X 33 cm



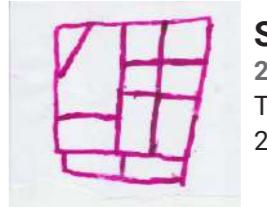
Árvore
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



9
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Margaridas
2024
Têmpera, lápis de cor e grafite sobre papel
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Os gatos falam
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
33 X 25 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Confete/Carnaval
2024
Têmpera sobre papel
33 X 25 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



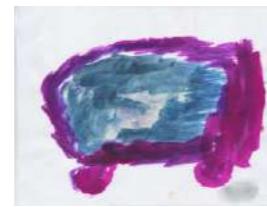
Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Sem título
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



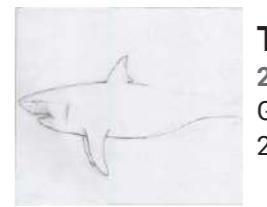
Galinheiro
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



O carro
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Nebulosa das galáxias
2024
Têmpera sobre papel
25 X 33 cm



Tubarão
2024
Grafite sobre papel
25 X 33 cm

O encontro de número 26 foi o primeiro encontro ministrado pelas estagiárias de arte do CAP ECA USP após meses de observação, participação e apoio na oficina.

Em círculo, iniciou-se o encontro com uma breve apresentação da argila, fazendo ponte com a semana anterior ao trazer imagens de cerâmicas muito antigas dos povos originários sul americanos. O objetivo era que os participantes pudessem entender como gestos e riscos podem ser feitos com os dedos, unhas e outras ferramentas na argila.

Nessa conversa, passamos um pedaço de argila para todos na roda e houve reações como "é gelada!" e "éca!" e depois uma explicação de que a argila vem do barro, da terra, e que é um material muito resistente que pode durar milhares de anos quando queimada. Falando das marcas deixadas pelas mãos das pessoas do paleolítico, propôs-se então que os participantes deixassem sua marca na argila.

Chegou-se numa segunda parte, em que uma parcela da equipe saiu ao parque com os participantes para colher gravetos, pedras, sementes, tampinhas e todo tipo de objeto que eles encontrassem e quisessem deixar como sua marca. Enquanto isso, outra parte da equipe ficou na sala preparando as placas de argila com rolinho, uma vez que estava muito calor e abrir as argilas antes as deixaria muito secas para manuseio.

Quando os participantes voltaram, a estagiária de artes fez uma demonstração em algumas placas com plantas que foram trazidas e os participantes pareceram surpresos com o resultado e como o formato e textura das folhas ficaram gravados na argila.

Passou-se então para um período de experimentação, em que cada um usava os materiais coletados para fazer suas marcas.

Além disso, havia também ferramentas de argila com diversas pontas e formas de recorte em formato de folhas, flores e outros. Vale salientar o tubarão que um participante desenhou sem referência e de forma direta na argila com uma caneta/ferramenta.

No fim, todos se reuniram para comentar sobre as argilas que estavam dispostas em uma mesa. O desafio mesmo foi levá-las para secar dentro do CECCO.

O encontro 27 aconteceu em outro espaço, para o qual levamos as quatro mesas e cadeiras.

Colocamos as argilas espalhadas pelas mesas

para que os participantes achassem as suas peças e se sentassem. Formando um grande círculo com as cadeiras, o encontro começou com uma apresentação, pois haviam pessoas novas. Nela, o bicho de pelúcia, trazido por uma participante, foi passado de mão em mão "perguntando" a todos qual eram os seus nomes.



Apresentei um vídeo que fiz de stop motion na semana anterior com as placas de argila dos participantes e, depois, a estagiária de artes do CAP ECA USP começou a apresentar as imagens que trouxe de artistas que trabalhavam com esse material. Ela também explicou diversos conceitos, como ponto de osso, ponto de couro, biscoito, esmalte, e apresentou que as peças precisam ser queimadas com 900 ou mais graus celsius, tudo enquanto alguns exemplos de peças com argila eram passados de mão em mão pela roda.

Elas comentou que, mesmo que as peças dos participantes estivessem com rachaduras e pedaços quebrados, isso não caracteriza um erro, mas sim parte do processo e que cada um iria encontrar a sua maneira própria de interagir com a argila e fazer sua arte.

Passando para a parte prática, ela mostrou como fazer uma tinta especial, misturando cola e tinta PVA, para criar imagens, formas e cores nas peças de argila, tendo antes mostrado um exemplo pintado por mim.

A maioria das pessoas aderiu à proposta e os participantes começaram a pintar e usar as tintas em potinhos e, quando alguém precisava de uma cor que não tinha, pedia ao grupo e alguém emprestava. A equipe se organizou para perguntar individualmente a quem tinha mais de uma placa feita, se gostaria de emprestar para quem não veio no encontro anterior, dessa forma, cada um pintou pelo menos uma peça.

Quando as pessoas começaram a terminar suas produções e encerrar as obras, sugeri que fosse feito mais um vídeo stop motion, agora com as peças pintadas e cada um dos participantes podendo mexer suas peças como desejarem. Um a um, colocaram as peças em cima de uma mesa e tirei as fotos, com eles já tendo em mente quais movimentos queriam para formar o vídeo.

Nesse momento, observou-se que alguns participantes que antes não tinham se debruçado sobre suas produções, neste encontro, fizeram peças mais detalhadas e com várias cores, parecendo se dedicar muito mais em seus trabalhos.

Assim que todos terminaram de pintar e tirar as fotos, o grupo se reuniu, em uma mesa com todas as argilas, para falar sobre o encontro em uma conversa guiada por outra estagiária de artes. Uma participante trouxe que esse encontro parecia dar acabamento às peças e o grupo pareceu gostar muito dele.

Distribuímos os lanches e encerramos a oficina. Na reunião subsequente, definimos brevemente como seria o próximo encontro e discutimos os acontecimentos da oficina.

Nesse processo de ocupar um papel de apoio, fui descobrindo novas formas de me relacionar com os participantes e a equipe; outras responsabilidades e prazeres.



ENCONTRO 29

Último encontro deste ciclo de argila, ministrado pela mesma estagiária da semana passada. Eu fui buscar as argilas queimadas no Departamento de Artes Plásticas (CAP) da USP no dia anterior e confeccionei, com a equipe, suportes de palitos de madeira para que as pessoas pudessem levar para casa e deixar seus trabalhos expostos, trazendo a questão de se enxergarem enquanto artistas e produtores de uma arte viva, que pulsa.

No dia do encontro, os participantes foram chegando e se sentando em círculo nas cadeiras e pegando, um a um, um carimbo.

Quem não veio na semana passada, pediu permissão para pegar carimbos de quem havia feito mais de um.

Um participante trouxe uma questão pessoal sobre ficar nervoso e a equipe trouxe isso ao grupo, perguntando como as pessoas fazem quando estão nervosas. Surgiram respostas como "bebo água", "converso, grito, choro", "respiro e conto até dez", e diversas outras formas

de como lidar com esse sentimento de maneira não agressiva.

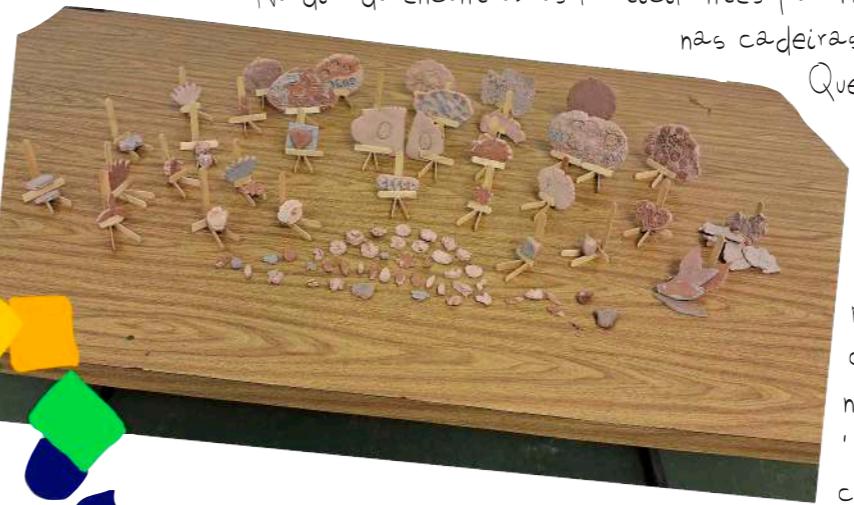
A equipe trouxe um exercício de respiração e de contagem para todos fazerem no coletivo e, depois, a psicóloga aprofundou a discussão e as pessoas contaram momentos em que ficaram nervosas e como lidaram com a situação, bem como as consequências de suas ações.

É uma oportunidade única poder presenciar momentos em que, ao invés de separar do grupo e afastar do coletivo, se faz o movimento de trazer a questão para o grupo pensar e trazer diferentes possibilidades e vivências.

Depois, a estagiária trouxe uma conversa sobre argila, sobre a materialidade de algo que, queimado, dura milhares de anos; sobre a poética da terra, do barro; e mostrou, com fotos dos lugares, de onde tirou cada geotinta usada na oficina. Trouxe também outra imagem com uma referência de como ficariam as diferentes argilas após cada queima.

As pessoas foram para as mesas e começaram a usar os carimbos queimados para fazer suas produções. Foram feitas experimentações com molhar o carimbo na tinta e pôr no papel; passar bastante ou pouca tinta e ver como fica; e pincelar contornando o carimbo. Surgiram resultados muito interessantes e diferentes.

Ao final, as pessoas levaram suas peças embrulhadas em jornal, entregou-se o lanche e encerrou-se a oficina.



No encontro 28, as mesas foram organizadas formando um quadrado, porém, uma das mesas de plástico quebrou uma perna e a colocamos desmontada em cima do palco. Todas as mesas foram forradas com plásticos e uma com sacos de lixo, além de jornais em cima, para a argila não grudar.

Com as cadeiras em círculo, retomamos o encontro passado, apresentamos o vídeo em stop motion com as argilas pintadas, que o grupo nomeou de "No Embalo da Argila", e uma terceira estagiária começou uma conversa sobre terra e como a argila pode durar por muito mais tempo que a gente se queimada.

Enquanto ela explicava alguns conceitos, todos se arrumaram nas mesas e começaram a manipular a argila livremente, fazendo depois as placas com rolinho ou com as mãos para formar os carimbos conforme a proposta.

Os participantes usaram as ferramentas, os moldes cortadores e toda criatividade para fazer placas decoradas que iam desde furos na argila, até desenhos intrincados de mamute.

Quando a atividade de fazer os carimbos foi se esgotando, a estagiária apresentou os vários jarros de terra que trouxe e, de mesa em mesa, mostrou as tintas feitas com terra para passar nos carimbos e transferir para a folha.

Os participantes foram testando, experimentando e aprendendo como usar essa tinta, que seca rápido, e como moldar suas peças para que saiam as imagens desejadas. Alguns usaram pinças, outros, esponjas, rolinhos e até mergulharam as peças na tinta para criar várias produções em papel reciclado.

Algumas pessoas pareceram fluir melhor com o desenho através da argila e sem a pressão de um papel ou tela em branco. Demonstrou-se depois como usar determinadas pedras para riscar a folha como giz, e muitas pessoas se interessaram e testaram.

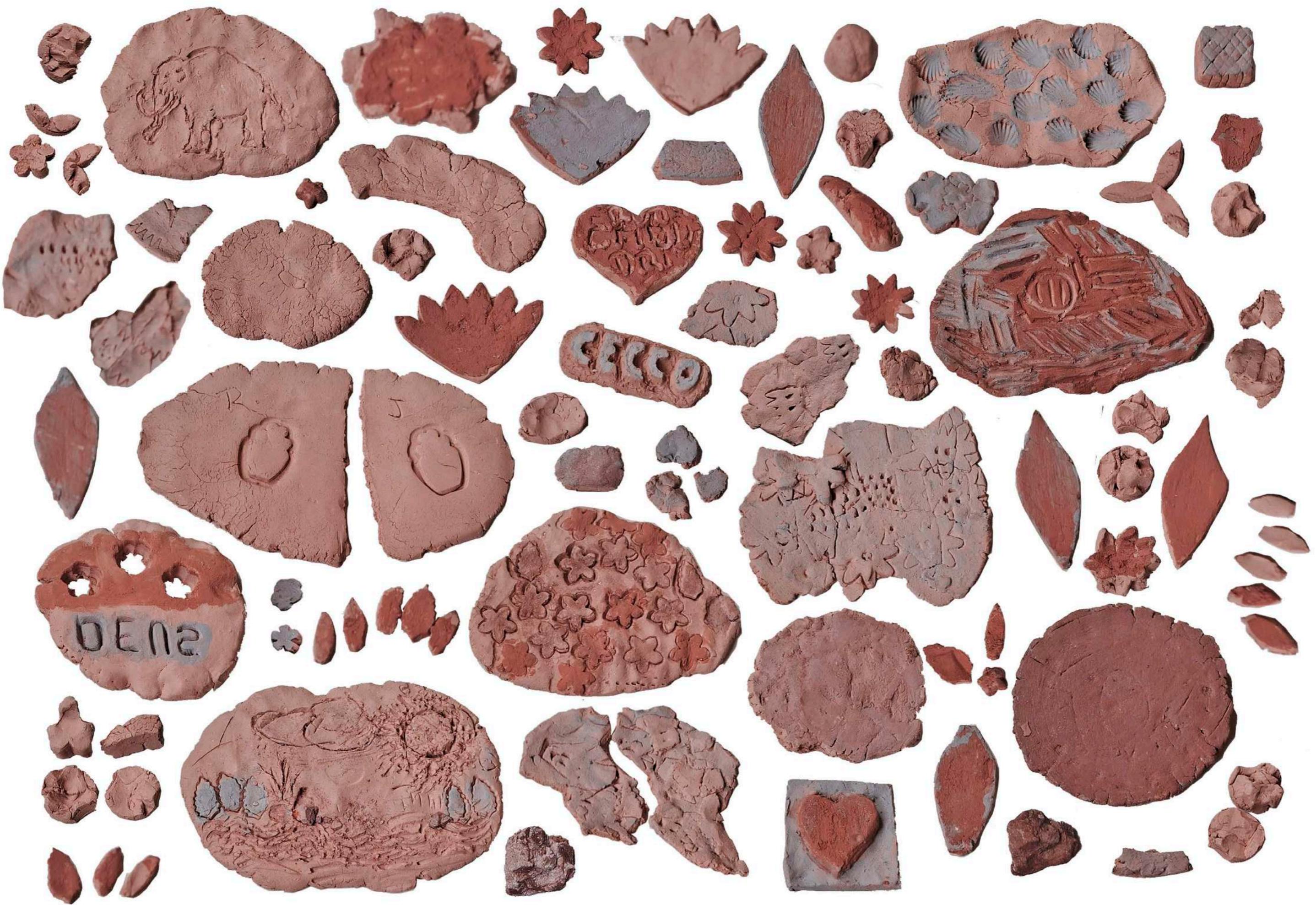
Ao fim, todos nos reunimos na mesa grande e conversamos sobre o encontro. Os participantes puderam levar as placas pintadas na semana anterior para casa embaladas em jornal.

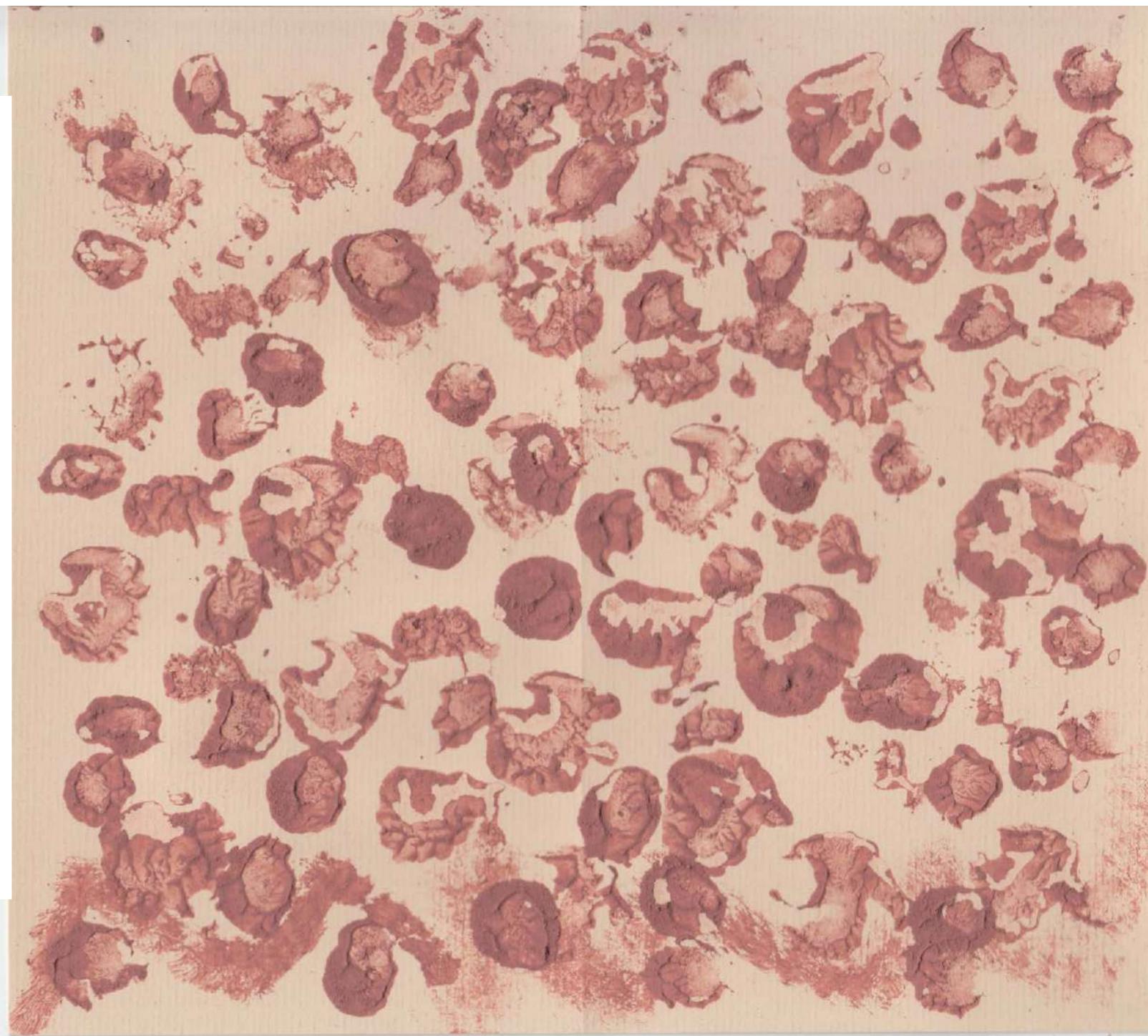
O lanche foi distribuído e encerrou-se a oficina.

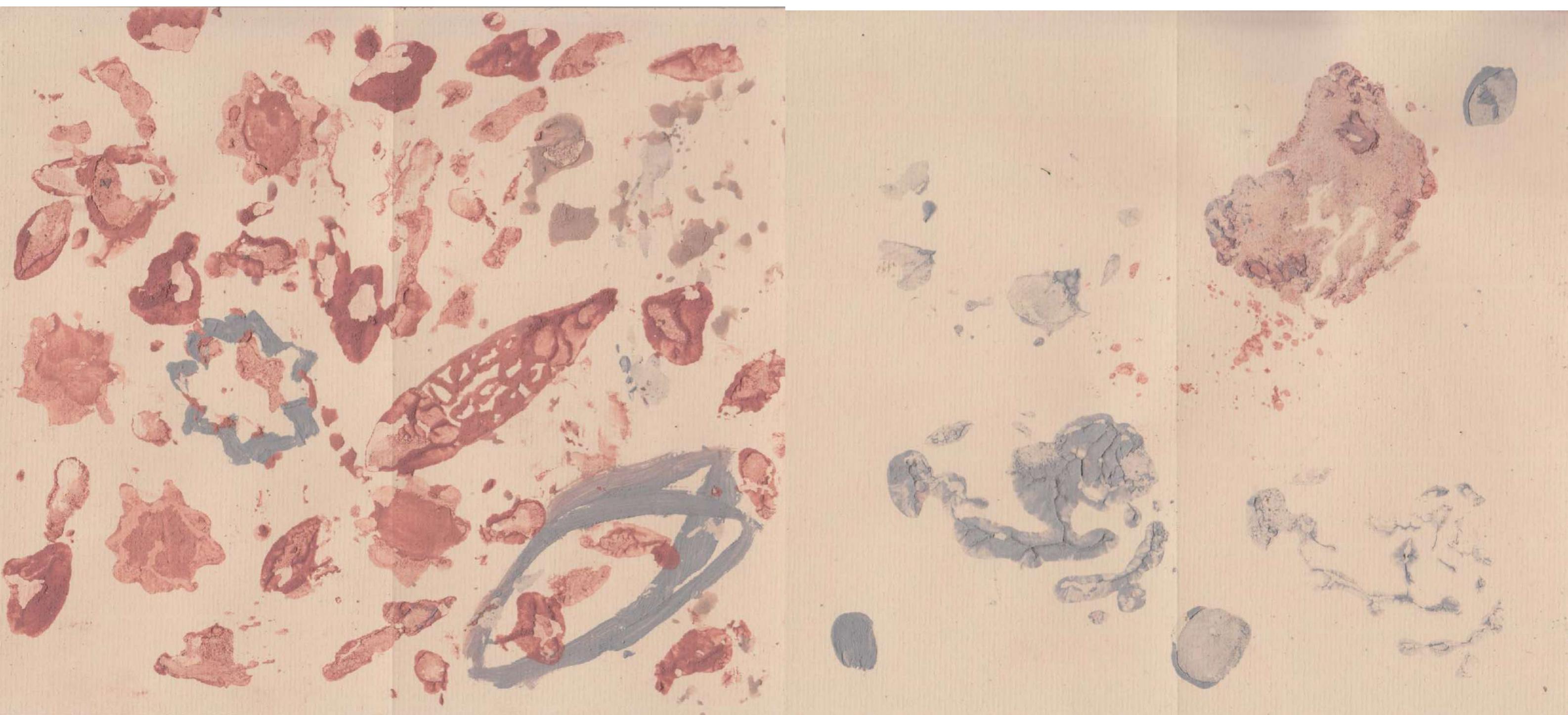
Na reunião da equipe, demos o feedback à estagiária e discutimos como seria o próximo encontro que ela ministraria. As peças

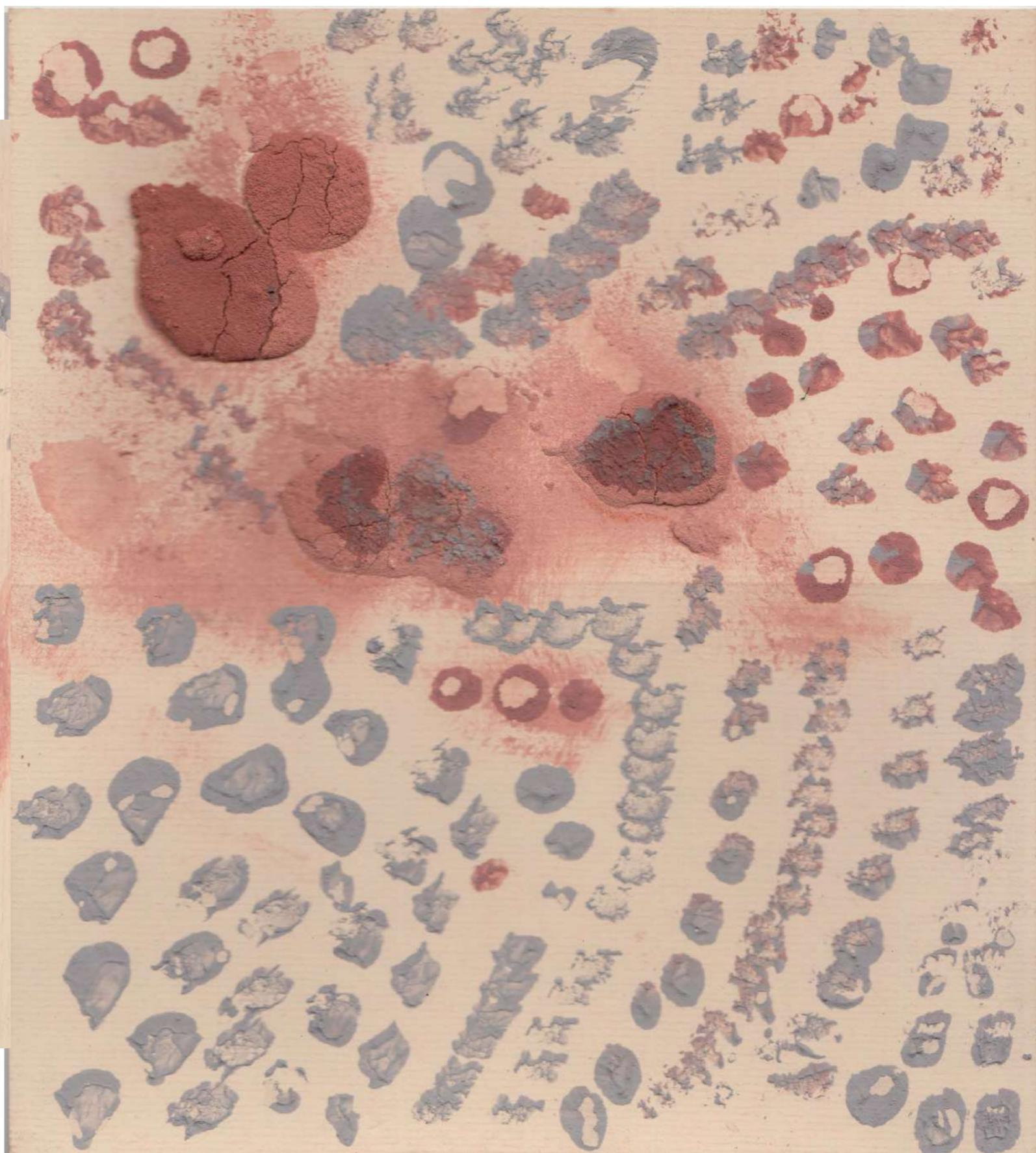
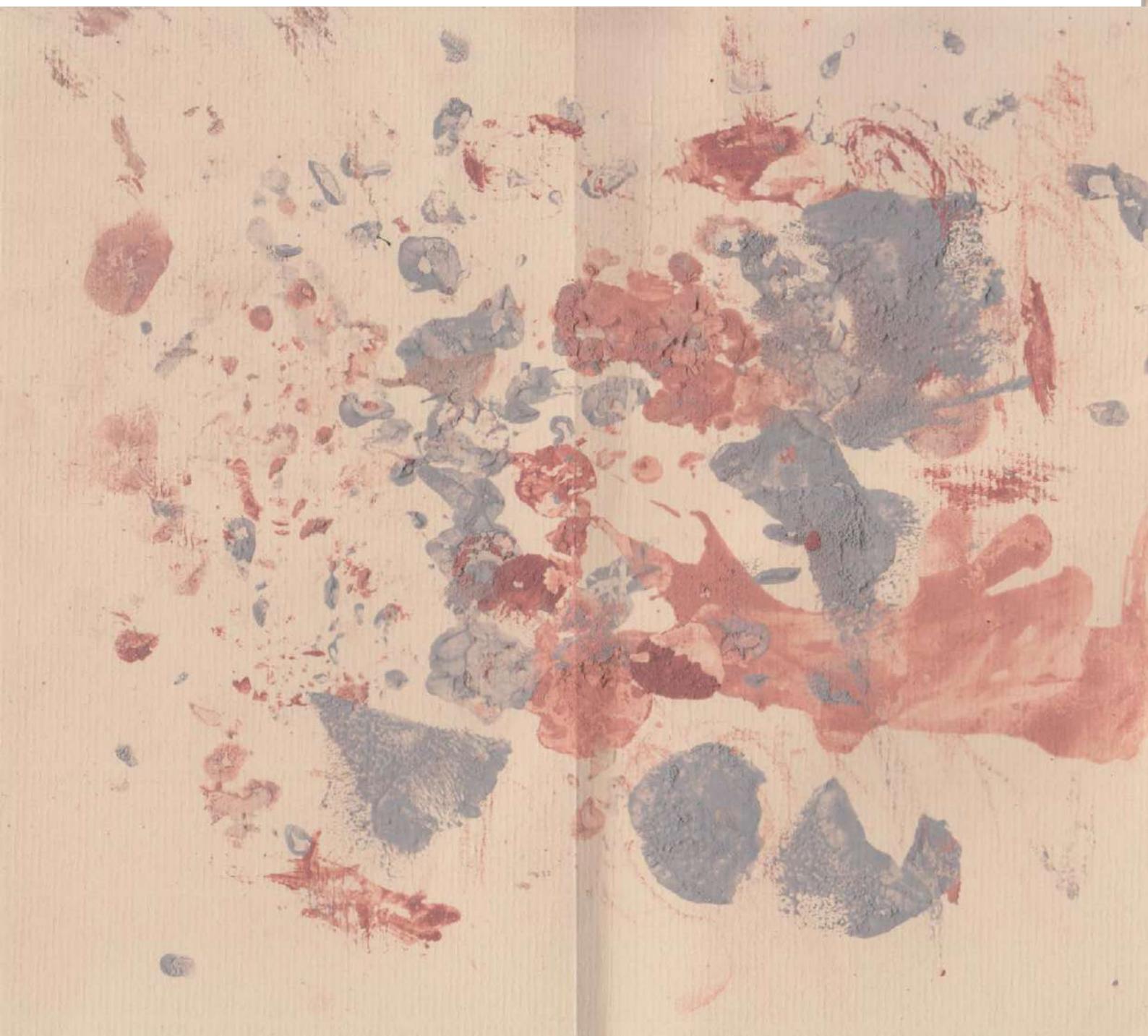
de argilas produzidas neste encontro foram levadas para serem queimadas no forno do CAP ECA USP.

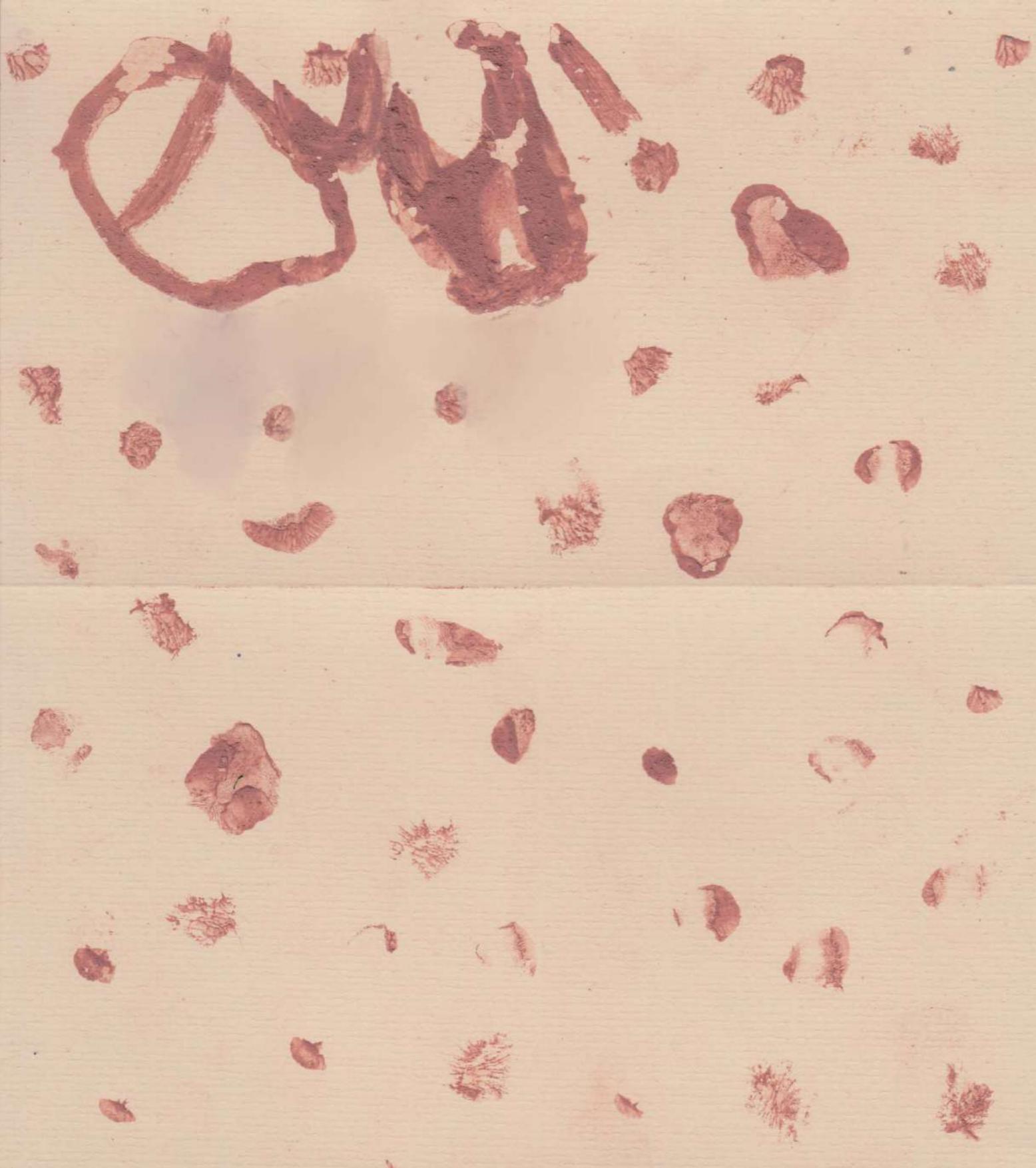




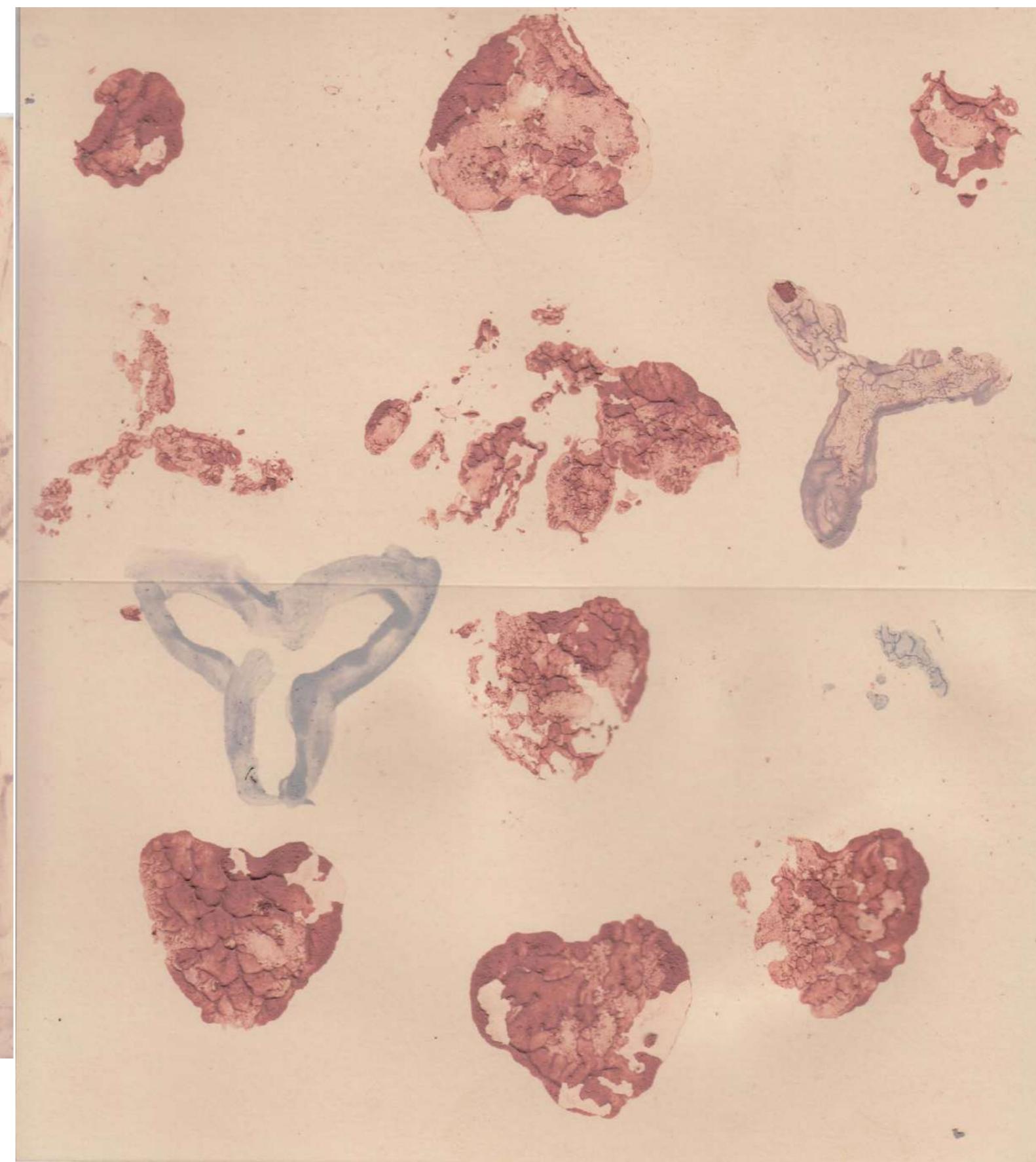














O Mamute

2024

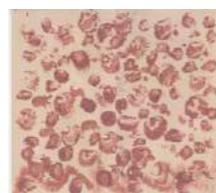
Geotinta sobre argila queimada
8 X 15 X 2,5 cm



**Oh sol, vê se não me
esquece**

2024

Geotinta sobre papel
22 X 19,3 cm



Art Zelay

2024

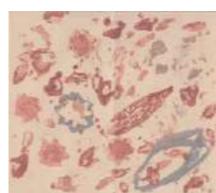
Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



Tricolor do Morumbis

2024

Geotinta sobre papel
22 X 19,3 cm



Arte abstrata

2024

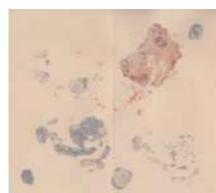
Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



**O coqueiro, descansando
embaixo de uma árvore e o sol
brilhando no final da tarde**

2024

Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



Corais

2024

Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



Sem título

2024

Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



Fundo do mar

2024

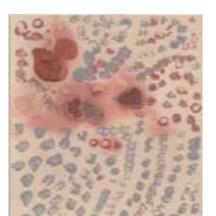
Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



O amor está no ar

2024

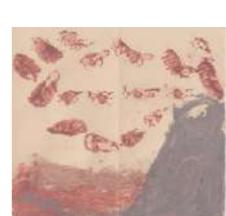
Geotinta sobre papel
22 X 19,3 cm



Sem título

2024

Geotinta sobre papel
22 X 19,3 cm



**Vulcão de erupção das
veias**

2024

Geotinta sobre papel
19,3 X 22 cm



OUH (x)

2024

Geotinta sobre papel
22 X 19,3 cm



O encontro 30 foi o início do ciclo de gravura, ministrado por outra estagiária de artes. A equipe começou explicando sobre a importância da gravura e como ela está associada ao jornal e às publicações em massa. Mostramos jornais antigos e como eles usavam os tipos e gravuras para formar a folha impressa. Foi falado também a importância das gravações serem

feitas invertidas nessa técnica, principalmente as palavras, mostrando alguns carimbos e gravuras com palavras e fazendo a demonstração com uma almofada de carimbo.

Depois, a estagiária trouxe uma parte mais histórica: falou da imprensa e como isso popularizou os livros e a Leitura; e sobre os vários tipos de materiais com os quais pode ser feito gravura, como pedra, madeira, mdf, metal, borracha e isopor.

Ela fez uma demonstração gravando no isopor uma imagem e texto para todos visualizarem a inversão. Após essa explicação, todos levaram suas cadeiras para as mesas e começaram a experimentar a técnica.

Houve frases como "gostei muito", "quero fazer mais e treinar", "Dá pra fazer em casa", demonstrando uma enorme aproximação entre a arte e o cotidiano, com materiais recicláveis acessíveis como isopor de bandejas de frios.

Surgiram diversos trabalhos diferentes: como uma mesma matriz impressa em papeis com cores distintas, para testar contrastes, relações de cores e composições; pessoas que fizeram uma mesma matriz; e outras que fizeram várias matrizes. Independentemente da forma, todos produziram, imersos na técnica até o final do encontro.

Ao final, nos reunimos numa mesa cheia de gravuras impressas das mais diversas e fomos um pouco sobre o encontro.



Ao lado, as matrizes em isopor produzidas no encontro

No encontro 31, foi feito um novo combinado sobre a composição do grupo: por ser uma oficina que está ficando lotada e, devido a questões de limitação de espaço e de

materiais, o Circulando pelas Artes passaria a ter uma lista de espera e, se um participante faltasse três vezes sem justificativa, essa pessoa seria removida do grupo para abrir espaço para aqueles que estão na lista.

O grupo relembrou os diferentes tipos de materiais que podem ser utilizados nas técnicas de gravura - madeira, pedra, metal, borracha, isopor - a partir da memória da discussão do último encontro e eu trouxe como exemplo uma matriz de linoleo que produzi como parte do meu TCC do Bacharelado, como exemplo de um processo mais demorado e com mais etapas de produção visual.

A partir disso, a estagiária do ciclo de gravura trouxe a proposta dos participantes fazerem um planejamento prévio das isogravuras usando o papel vegetal como projeto e meio de transferência para o isopor. A equipe pensou nessa proposta pretendendo iniciar, no grupo, uma prática de elaboração de projetos criativos.

Dado início à produção, em quatro mesas dispostas em "U", os participantes logo começaram a desenhar seus esboços e, no geral, a transferência do vegetal para o isopor foi um certo desafio para vários deles.

Por conta de ocorrências na oficina, a equipe ficou de pensar em maneiras de trazer a temática da negritude, questionando comentários racistas de forma a discutir esse tópico - inclusive por novembro ser o mês da Consciência Negra - e relacioná-lo às Artes Visuais, a partir da ideia da estagiária do ciclo da gravura.

Em comparação com o encontro passado, houve um número menor de produções, devido à quantidade reduzida de participantes em relação à semana anterior e ao direcionamento de focar em elaborar um esboço antes de gravar a matriz, em vez de uma experimentação direta no material.

Além disso, devido a conversas em supervisões de estágio, reiterou-se a importância dos participantes estarem presentes e atuarem na organização e desmontagem do espaço, assim como na limpeza dos materiais e numa maior autonomia em pegar o que precisam durante a oficina.

Todas as obras foram dispostas na mesa e eu fui anotando os títulos dela enquanto conversávamos sobre o encontro e as produções.



ENCONTRO 32

Para este encontro, o espaço foi organizado com um círculo de cadeiras ao lado de mesas; um varal no fundo da sala- expondo as gravuras da semana passada com pregadores e barbante de forma semelhante à literatura de cordel; e um "palco" composto por um tecido azul no chão com uma caixa decorativa e peças de xadrez.

A estagiária retomou a discussão da técnica da gravura, explicando a conexão da xilogravura com as ilustrações narrativas dos cordéis nordestinos. Depois, convidou o grupo para uma contação de história a partir de um trecho adaptado do Livro "Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis".

O grupo, ao ser perguntado sobre a ilustração de uma das mulheres do livro, respondeu que poderia ser Carolina Maria de Jesus, mas a estagiária apresentou que a mulher retratada é Dandara dos Palmares e apenas uma pessoa reconheceu o nome.

A estagiária começou então a narrar a história da guerreira Líder do Quilombo dos Palmares e da luta e resistência que fazem parte desse momento da história brasileira. Junto com peças de xadrez e outras ferramentas para sonorizar a história, ela utilizou uma boneca Abayomi representando Dandara, para construir uma narração teatral muito forte, que mergulhou os participantes na temática das consequências de um racismo histórico ainda inserido na sociedade brasileira atual.

Por fim, ela cantou uma música trazendo o tema e recebendo uma salva de palmas fervorosa.

Fiquei responsável por improvisar batidas em um tambor ao lado para criar uma atmosfera e acompanhar a dinâmica, dando ênfase em algumas partes da história. Eu e a estagiária ensaiamos e combinamos alguns ritmos antes da apresentação.

Depois, o grupo entrou numa discussão sobre a história de Dandara e a temática do racismo, apresentando como este e outros preconceitos se manifestam na nossa sociedade, tanto de forma escancarada, quanto de forma mais sutil, trazendo também a questão do capacitismo.



Os participantes compartilharam sobre suas experiências, seja tendo passado por ou presenciado situações de preconceito, entrando numa conversa sobre como piadas e brincadeiras de mal gosto reforçam e reproduzem preconceitos que eles próprios viveram e/ou presenciaram e não gostaram.

A equipe buscou sensibilizar as pessoas sobre como podemos perpetuar práticas preconceituosas e reiterar preconceitos e estígmas em falas e ações que julgamos inofensivas, mas que machucam profundamente.

Com toda essa discussão em mente e refletindo sobre a história de Dandara, os participantes iniciaram suas produções em isogravuras que retrataram o tema das mais diferentes formas.

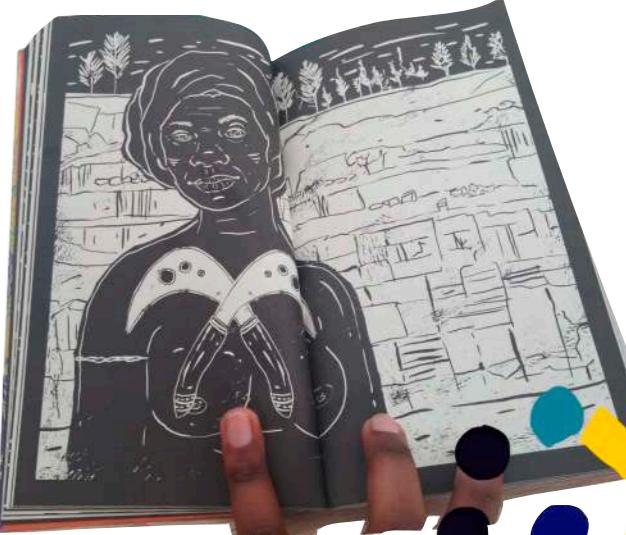
Surgiram diversas Dandaras guerreiras, fortes, com espada, cabelos esvoaçantes, retratando-a como a guerreira que foi na luta pelo seu povo. Apareceram também representações do Quilombo dos Palmares e seus guerreiros com armas e escudos e, falando de liberdade e luta, apareceu também um muro com grades.

Algumas pessoas se inspiraram e/ou fizeram releituras de uma gravura de Dandara que trouxemos do Livro "Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis", o qual a estagiária usou como referência para a produção do texto da contação de história.

Enquanto as pessoas iam terminando suas produções, as obras iam sendo penduradas no varal no fundo da sala, ocupando o lugar das obras da semana anterior.

No fim, tentamos conversar um pouco sobre o que foi feito, mas o grupo se dispersou e tentei pegar os títulos das obras dos que ainda estavam no espaço.

Na conversa pós-oficina, houve um interesse de toda a equipe em continuar e aprofundar essa temática através da contação de histórias ou outras maneiras em oportunidades futuras, pensando em como um encontro não é capaz de dar conta da complexidade que é tratar do racismo no Brasil.



DANDARA DOS PALMARES

Texto adaptado do livro "Heroínas Negras Brasileiras em 15 Contos" e escrito pela estagiária de artes do ciclo de gravura.

Hoje, vamos mergulhar em uma história que nos leva para muito, muito tempo atrás. Uma história de luta, coragem e esperança. Era uma época em que muitas pessoas viviam em correntes, separadas de suas famílias, forçadas a trabalhar para senhores cruéis. Mas entre essa escuridão, havia um lugar, um refúgio de liberdade e resistência. Um lugar chamado Quilombo dos Palmares. Lá, pessoas que conseguiram fugir da escravidão se reuniam e construíam uma comunidade livre, uma verdadeira fortaleza de esperança. E no coração dessa história estava um casal des temido: Zumbi e Dandara!

1

A vida no Quilombo dos Palmares era cheia de desafios. Todos os dias, a comunidade enfrentava ameaças de ataques dos colonizadores, que viam aquele lugar como umafronta ao seu poder. Mas Palmares era forte. E uma das razões dessa força era Dandara. Com seus três filhos, fruto de sua união com Zumbi, ela se dividia entre o papel de mãe e o de guerreira. E mesmo que ser mãe fosse importante, seu desejo maior era garantir que todos os filhos do Quilombo, todas as pessoas que viviam ali, fossem livres para sempre.

"Com Zumbi, teve três filhos. Mas nunca deixou a espada. Pois o que ela mais queria era uma vida libertada."

Ela sabia que a paz verdadeira só viria quando a escravidão fosse destruída, e enquanto isso não acontecia, Dandara e Zumbi continuavam lutando, guiando seu povo através de incontáveis batalhas. O tempo passava, e cada nova vitória os tornava mais fortes e mais respeitados.

3

"O quilombo dos Palmares
Por Zumbi foi liderado
E nesse mesmo período
Dizem que ele foi casado
Com uma forte guerreira
Que tomou a dianteira
Pelo povo escravizado."

Mas não se engane! A história de Dandara não é apenas uma história de amor, é uma história de luta. En quanto muitos acreditavam que o papel da mulher era apenas cuidar da casa, Dandara queria muito mais. Ela sentia dentro de si o chamado da batalha, a necessidade de lutar pela liberdade de seu povo. Dandara era mais que uma esposa, era uma guerreira, uma estratégia, uma líder que não hesitava em pegar uma espada para defender aqueles que amava.

"Mas Dandara não queria
Um papel limitador
Ser a mãe que cozinhava
Tendo um perfil cuidador
As batalhas lhe chamavam
E seus olhos despertavam
Pelo desafiador."

2

Dandara, ao lado de Zumbi, lutou com todo o seu coração. Ela estava determinada a proteger seu povo, sua terra, seus filhos. Mesmo quando o cerco se apertava, ela não desistiu.

Mas havia uma verdade dura que Dandara sempre soube: a liberdade tinha um preço muito alto, e às vezes, esse preço era a própria vida.

"Mesmo em desespero, não caiu
Dandara não se abateu
Lutou até o fim sem medo
Mesmo quando o fim apareceu."

Com as tropas invadindo Palmares, muitos guerreiros foram capturados ou mortos. A situação era cada vez mais desesperadora, e Dandara se viu cercada. Mas ela era uma mulher que não aceitava ser subjugada. Ela sabia que, se fosse capturada, seria escravizada novamente, e isso ela jamais permitiria.

5

Palmares se transformava em um símbolo de resistência. Mas o perigo estava sempre à espreita.

"As vitórias que surgiam
Em Palmares resplandiam
Como um farol de luz
Mas o perigo espreitava
E sempre ameaçava
Apagar o que reluz."

E então, um dia, o inimigo decidiu atacar com toda sua força. Tropas enormes foram enviadas para destruir Palmares, pois os poderosos temiam o exemplo que aquele lugar dava para outras pessoas escravizadas. Como poderia uma comunidade de fugitivos ser tão forte? Era uma ameaça à ordem imposta pela escravidão. Os exércitos vieram, cercando o quilombo, e as batalhas foram ferozes.

"Muitos anos desse modo
Foi Palmares resistindo
Até que um final ataque
Acabou lhe destruindo."

4

"Mas Dandara, encerralada
Teve só uma opção
Pra não ser capturada
Nem cair na escravidão
Atirou-se da pedreira
Com convicção inteira
De negar-se à prisão."

E assim, Dandara fez a escolha mais corajosa de sua vida. Ela preferiu a morte à escravidão, tornando-se para sempre uma lenda. Sua coragem ecoa até os dias de hoje, lembrada não apenas como a esposa de Zumbi, mas como uma líder por si só, uma mulher que lutou com unhas e dentes pela liberdade de seu povo.

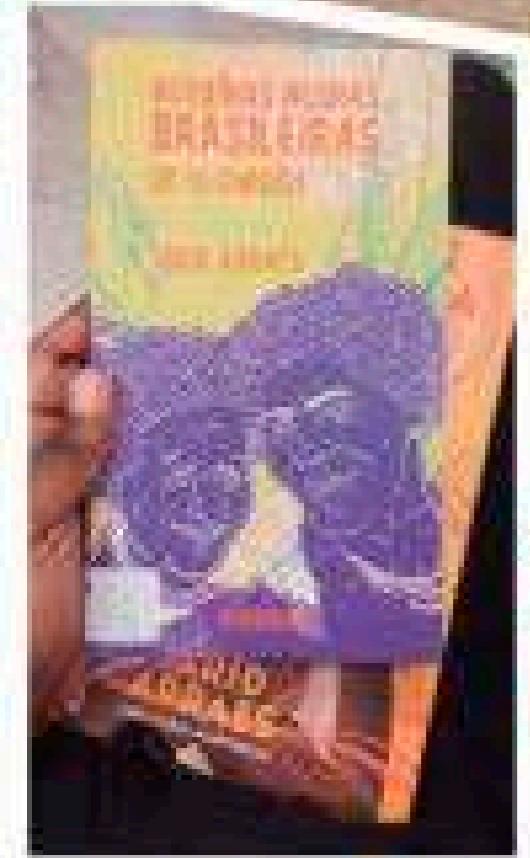
"Na história de Palmares
Zumbi sempre lembrado
Mas é de Dandara também
Que o povo faz seu legado."
"Dia 20 de novembro
Dia de lembrar Zumbi
E também dessa Dandara
Que devemos incluir."

6



7

8

















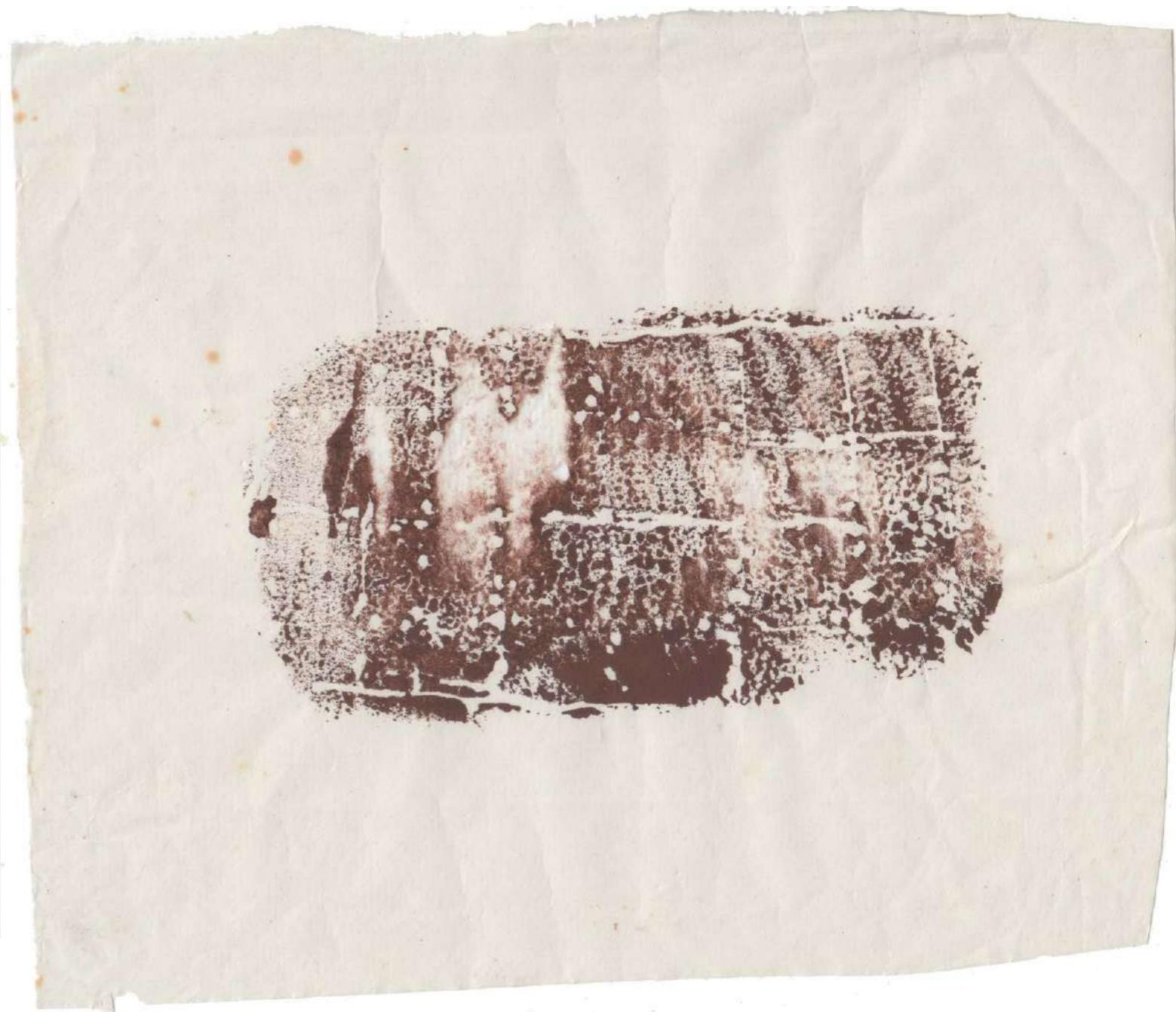








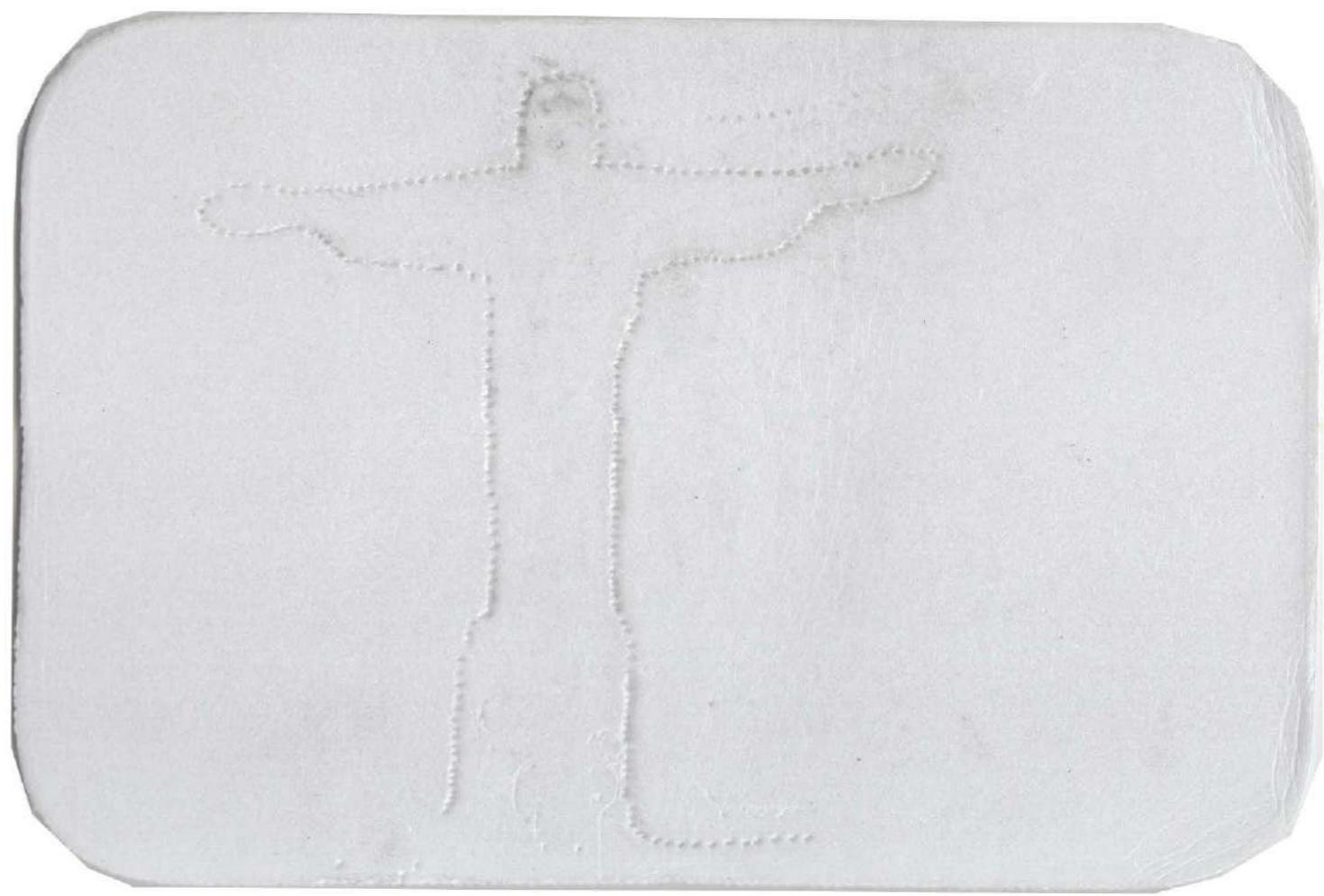














Guerreira com a espada
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
16,7 X 18,6 cm



Guerreira com a espada
2024
Isogravura com tinta PVA
19 X 27 cm



Guerreira com a espada
2024
Isogravura com tinta PVA
21 X 29,7 cm



Quilombo dos Palmares
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
15,5 X 19,8 cm



Quilombo dos Palmares
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
21 X 29,7 cm



Quilombo dos Palmares
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
21 X 29 cm



Azulzinho
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
11 X 18 cm



Azulzinho
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Matrizes em isopor com tinta PVA (2
peças)
18 X 10,5 cm
9 X 3,5 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta PVA
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Carvão sobre isopor
18 X 11 cm



Sem título
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
18 X 11 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta PVA
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta PVA
28 X 21 cm



Sem título
2024
Matriz em isopor com tinta PVA
17,5 X 10 cm



Sem título
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
18 X 11 cm



Muros da casa
2024
Matriz de isopor com tinta
PVA
11 X 18 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta PVA
29 X 20 cm



Dandara
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
18 X 11 cm



Muros da casa
2024
Isogravura em papel com
tinta PVA
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Carvão sobre isopor
18 X 11 cm



Dandara
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
21 X 29,7 cm



Muros da casa
2024
Isogravura em papel com
tinta PVA
21 X 29,7 cm



Sem título
2024
Carvão sobre isopor
18 X 11 cm



Sem título
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
18 X 11 cm



Muros da casa
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
20 X 29 cm



Cristo Redentor
2024
Grafite sobre papel vegetal
15,4 X 18,6 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta PVA
29,7 X 21 cm



Sem título
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
11 X 18 cm



Cristo Redentor
2024
Matriz de isopor
15,4 X 18,6 cm



Sem título
2024
Matriz de isopor com tinta PVA
11 X 18 cm



Sem título
2024
Isogravura em papel com tinta
PVA
20 X 29 cm



Sem título
2024
Carvão sobre papel vegetal
21 X 29,7 cm

O encontro 33 tratou-se do encerramento do ciclo de gravura, focando mais na parte de impressão de matrizes de linoleo e madeira com tinta serigráfica a base de óleo do CAP ECA USP; na experimentação supervisionada de testar as goivas (ferramentas de gravação de xilogravura) em madeiras, MDFs e linoleo; e na impressão das matrizes feitas ao longo do ciclo todo com tinta de xilogravura a base de água.

Iniciou-se o encontro em roda, a estagiária começou trazendo uma conversa sobre gravuras e os materiais que podem ser usados como matriz e apresentou as matrizes em linoleo que fez a partir das gravuras dos participantes dos encontros passados.

Ela fez uma demonstração no chão de como imprimir uma matriz em linoleo com essa outra tinta, explicando a diferença das tintas PVAs usadas anteriormente e da tinta xilográfica a base de água. Ela entintou a matriz, explicando que tudo tem que

ficar preto e brilhante e falei para que os participantes prestassem atenção no som que a tinta no rolinho faz, que na faculdade ensinam que a partir do som que se sabe quando está bom de tinta.

Depois, a estagiária colocou o papel em cima da matriz e passou a colher de pau em cima, demonstrando os movimentos circulares e comentando sobre a pressão que deve ser colocada para não rasgar o papel. Explicou também como os lugares que ficaram sem tinta no papel surgiram porque ela não passou a colher e quando tirou o papel os participantes pareceram ficar muito surpresos e animados com o resultado.



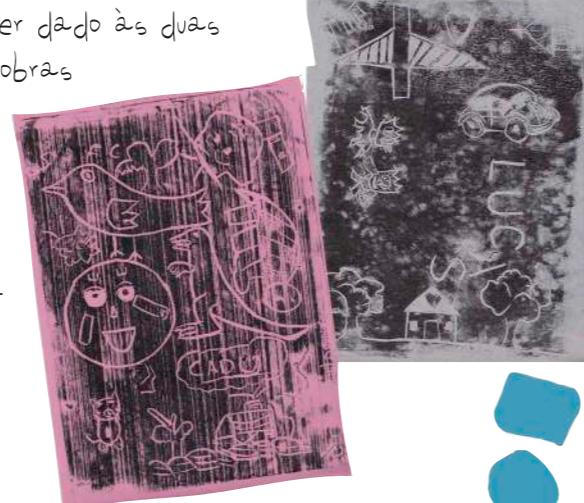
O espaço ficou organizado em três estações diferentes: uma mesa para entintagem de matrizes já feitas anteriormente com tinta xilográfica a base de água comigo; uma mesa de testar gravar matrizes com goivas supervisionada por outra estagiária - de onde inclusive surgiram novas matrizes para impressão; e uma mesa com tinta serigráfica à base de óleo para entintar as matrizes em linoleo, feitas pela estagiária do ciclo de gravura, com os desenhos dos participantes. Além disso havia também uma matriz de onça que ela trouxe.

Assim que os trabalhos iam ficando prontos, os participantes penduravam as obras no varal para secar. O clima do encontro estava muito animado, com os participantes aparentemente muito contentes e alegres quando suas impressões ficavam prontas.

O grupo, ao ser perguntado sobre que título poderia ser dado às duas matrizes feitas pela estagiária, intitulou as duas obras de "Coletivo de Mel: Abelhas".

Ao final, tentamos fazer uma conversa sobre as obras e o encontro, mas o grupo se dispersou e encerramos a oficina.

Neste encontro, chegaram novas pessoas para a oficina e a equipe teve que explicar sobre a lista de espera e como a oficina não comporta mais participantes.



O encontro 34 marcou o início do ciclo de projetos pessoais com outra estagiária do CAP ECA USP. O intuito deste ciclo foi o de possibilitar que os participantes pudessem pensar sobre suas produções e realizar um projeto que se estendesse por mais de um encontro.

A estagiária iniciou com uma apresentação em Power Point mostrando alguns dos temas e técnicas abordadas ao longo do ano para que cada um pudesse escolher a materialidade que mais fez sentido, gostou ou que gostaria de experimentar novamente. Enquanto a estagiária apresentava, a equipe ia mostrando obras dos próprios participantes que foram feitas com as técnicas exibidas no telão para que eles se lembressem de tudo aquilo que fizeram ao longo do ano.

Após a apresentação, todos se reuniram nas mesas e iniciaram as suas produções.

Neste momento da oficina, com todos se reconhecendo e agindo como um grupo, foi muito bonito ver que, para a realização dos projetos, os participantes se ajudaram nas suas diferentes potencialidades. Um dos integrantes estava com dificuldade de escrever os elementos que compunham seu projeto, então outra pessoa, que notoriamente gosta muito de escrever e está sempre fazendo produções que envolvem a escrita, se ofereceu para ajudar escrevendo aquilo que o outro precisava.

Neste dia, os participantes apenas pensaram sobre o que gostariam de fazer e escreveram em folhas a técnica que escolheram, as cores e características do projeto para começar a produzir as obras na próxima semana.

No encontro 35, os projetos da semana anterior começaram a ganhar forma e corpo no mundo.

Houve pintura em tela, argila, desenho e mosaico. Quem não veio na semana passada, iniciou pelo projeto para depois passar para a produção.

Algumas pessoas ficaram concentradas em uma única produção, enquanto outras foram criando inúmeras obras - cada um no seu próprio ritmo de criação.

Um momento muito especial foi a execução do vulcão de argila de um dos participantes, que, quando perguntado se queria terminar nesse encontro ou no próximo, disse que queria neste. Então, a equipe e os participantes todos se juntaram para finalizar e erguer a obra: enquanto uns iam fazendo o rolinho, outros fizeram a boca do vulcão, eu ia passando o garfo para costurar a argila e o participante que fez a

obra ia encaixando os rolinhos. No fim, o participante pareceu estar muito feliz e contente com todo o apoio e o resultado final.



ENCONTRO 36

Este foi o último encontro do ciclo de projetos pessoais e também o último encontro prático deste primeiro ano de Circulando pelas Artes.

Pessoalmente, digo que foi um dos dias mais caóticos, com gente para todo o lado e cada um com sua técnica; não dava tempo nem de pensar e já tinha algo novo para fazer, alguma pessoa para ajudar.

A sala estava lotada, com quase todos os participantes da lista. Como este era o último encontro do projeto pessoal, aqueles que chegaram apenas neste encontro puderam escolher um material e já começar a produzir.

Para falar deste encontro, decidi trazer as imagens e fotos dos projetos, suas evoluções e os resultados finais para que o leitor possa vislumbrar os processos poéticos e decisões dos participantes ao longo da produção de suas obras. Comentarei brevemente sobre os projetos para dar um contexto maior às imagens.

O projeto "Palmeiras não tem mundial ?" tratou-se de uma história em quadrinhos que foi elaborada em grafite e começou a ser colorida no primeiro encontro, continuou a ser preenchida com giz e lápis de cor no segundo, mas no terceiro e último, o participante decidiu que o que mais gostava na obra eram os dois primeiros quadrinhos e que não iria mais preencher os outros quadros. Dessa forma, decidiu que iria copiar esses dois quadrinhos em uma folha maior e pintar com tinta.

O projeto da estátua da liberdade iniciou-se usando um chaveiro de outra participante como referência, avançando aos poucos. Fiquei ao lado deste participante enquanto fazia meu próprio projeto de desenhar uma sereia, chamando ele para mostrar o processo de fazer um esboço com linhas suaves e formas simplificadas e depois ir aperfeiçoando os traços. Nessa troca, ele me perguntou porque eu não fazia a sereia com uma cintura mais fina e respondi que estava fazendo o desenho seguindo meu corpo e que mulheres reais tem tronco. Dito isso ele perguntou se podia ver e fiquei de costas para que visse e reparasse que tenho tronco e a cintura não é exageradamente fina. Ele afirmou "é verdade" e continuou a desenhar seu projeto.

No primeiro dia, um participante fez um desenho afirmando que queria pintar em uma tela grande. No outro encontro, escolheu a tela, fez o desenho com carvão e começou a pintar, deixando os detalhes para fazer no último encontro, porém, quando foi retomar a obra parecia não se adaptar ao pincel fino de precisão e acabou repintando a obra com outras cores e formatos.

O projeto do "Mapa do Vulcão" começou com um desenho visto de cima de um vulcão com lava, terra, um lago e uma planície. No segundo encontro, o participante começou a fazer o vulcão de argila e, com a ajuda da equipe e dos participantes, finalizou a obra para que pudesse pintá-la na semana posterior. No último encontro, o participante pintou o vulcão e colou outras peças de argila que fez nos encontros do ciclo de argilas com cola quente para compor a geografia do vulcão.

O mosaico do gato preto com peixinhos foi projetado numa folha sulfite no primeiro encontro e depois, no segundo, passado para uma placa de MDF com ganchos, iniciando a montagem com as pastilhas e azulejos. Esse mosaico surpreendeu muito pelo pouco tempo que o participante levou para finalizá-lo: apenas dois encontros, visto que no anterior ele demorou mais de um mês para completar.

Os "Cookies Gota de Chocolate" foram projetados com as características "argila de cookies de chocolate" no primeiro encontro e, no segundo, o participante fez os cookies com argila modelando a placa e as gotinhas de chocolate. No último encontro, as peças foram pintadas com tinta PVA misturada com cola e o trabalho foi finalizado.

A "Porta" foi planejada no primeiro encontro e foi produzida no último dia do ciclo. O que começou com uma porta virou uma casa quase inteira com banco, cozinha e sala que ficam apenas na parte de trás. Uma grande parede ficou em cima de uma base e a porta situou-se bem no meio, desenhada com as ferramentas de argila. Para finalizar, o participante pintou a obra com tinta PVA e cola.

O participante do projeto "Casa" começou a fazer a modelagem no encontro 36 diretamente em cima do plástico de proteção das mesas. Dessa forma, a argila grudou no plástico e ele não conseguia mover a peça. Uma estagiária propos então que ele colocasse a obra em cima de um papelão, porém tudo desmontou e ele refaz a obra no suporte, pintando depois tudo de azul.

A participante que fez as obras "Pé de coco" e "Árvore de Natal" decidiu experimentar a materialidade da argila neste último encontro, construindo duas obras que se assemelham pela temática da natureza, mas possuem resultados formais muito diferentes.

A participante do projeto "Mosaico do papai noel" fez o desenho no primeiro dia e começou a fazer o mosaico no último encontro, não o finalizando, porém deixando-o quase pronto.

A obra "Quadrado" começou com um projeto de mosaico de colagem de pastilhas coloridas no encontro 35, porém, ao longo da execução, a participante decidiu que o desenho era sua obra final e que ela preencheria os quadrados que fez com tinta.

A obra com quadrados de EVA azuis e pintada de verde embaixo foi projetada no encontro 35 para ser um mosaico, porém devido ao pouco tempo para projetar e realizar a obra, a equipe sugeriu que ele usasse a colagem como recurso para fazer a obra. O participante então começou a cortar os quadrados de cores e tamanhos diferentes e a pintar com giz verde e marrom a parte debaixo do papel, finalizando a obra no encontro 36.

O "Papai Noel" produzido em argila sobre uma placa de MDF no encontro 36 foi a segunda obra de argila deste mesmo participante neste ciclo, visto que, como no ciclo de argila usamos muito mais as placas, neste ciclo de projetos pessoais, ele queria experimentar com a modelagem.

As obras "Castelo", "Sol" e "Árvore de Natal" foram produzidas juntas no encontro 36 por um participante que veio apenas no último dia, não possuindo assim um projeto escrito.

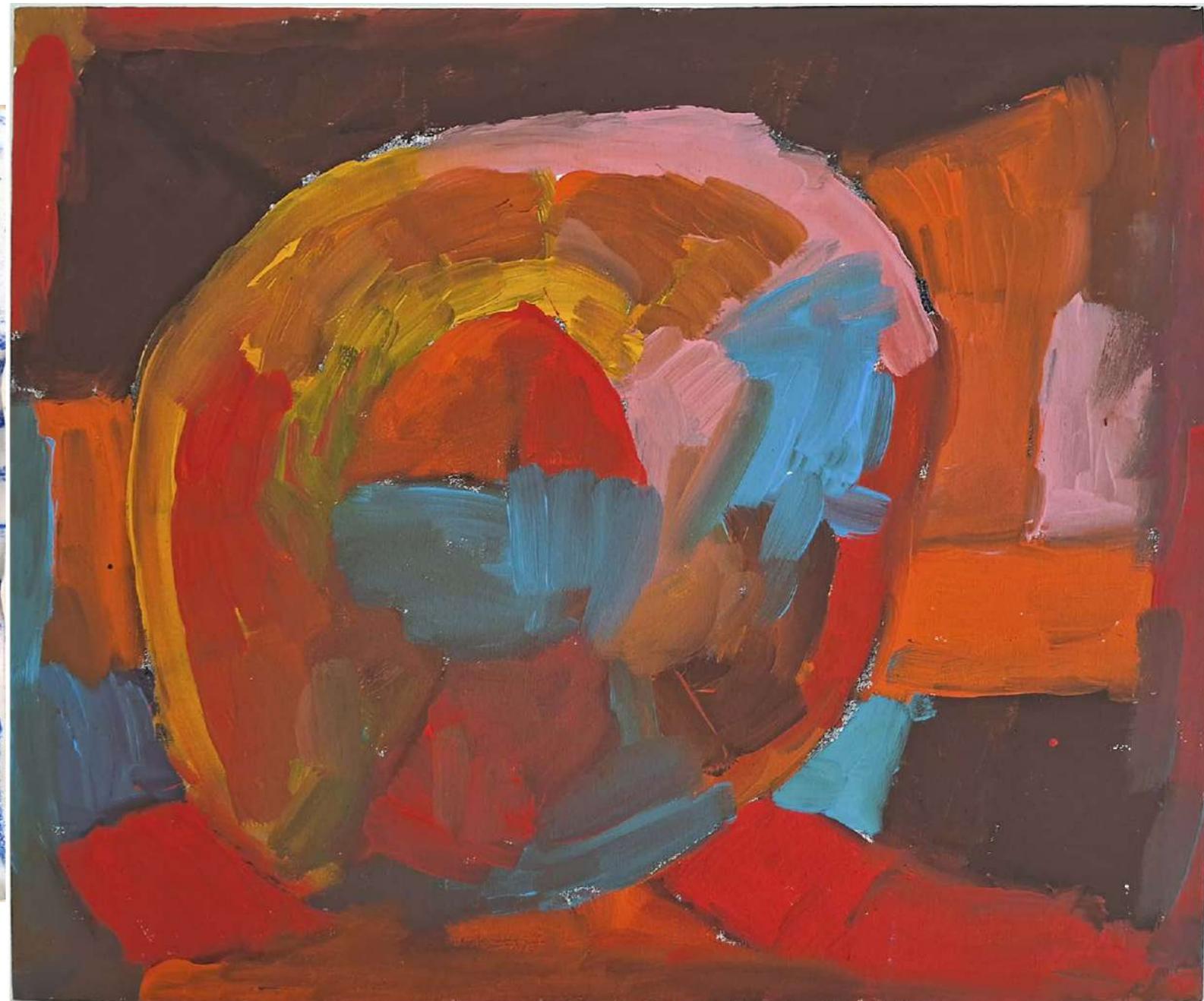
Por fim, a pintura em tela que contém uma casa numa paisagem foi feita no encontro 35, quando o participante que a fez se inspirou ao ver o colega pintando e decidiu testar pintar em tela também.







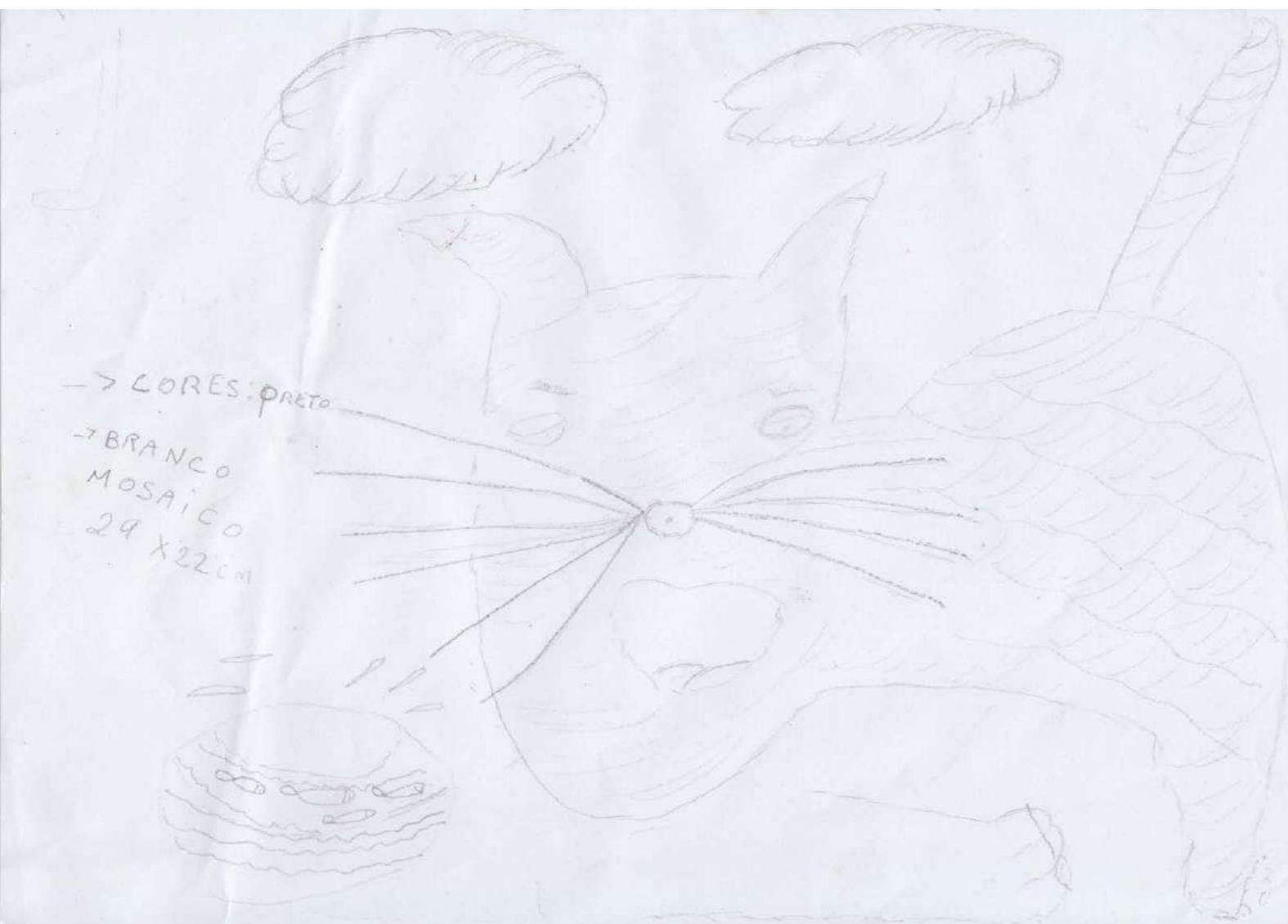


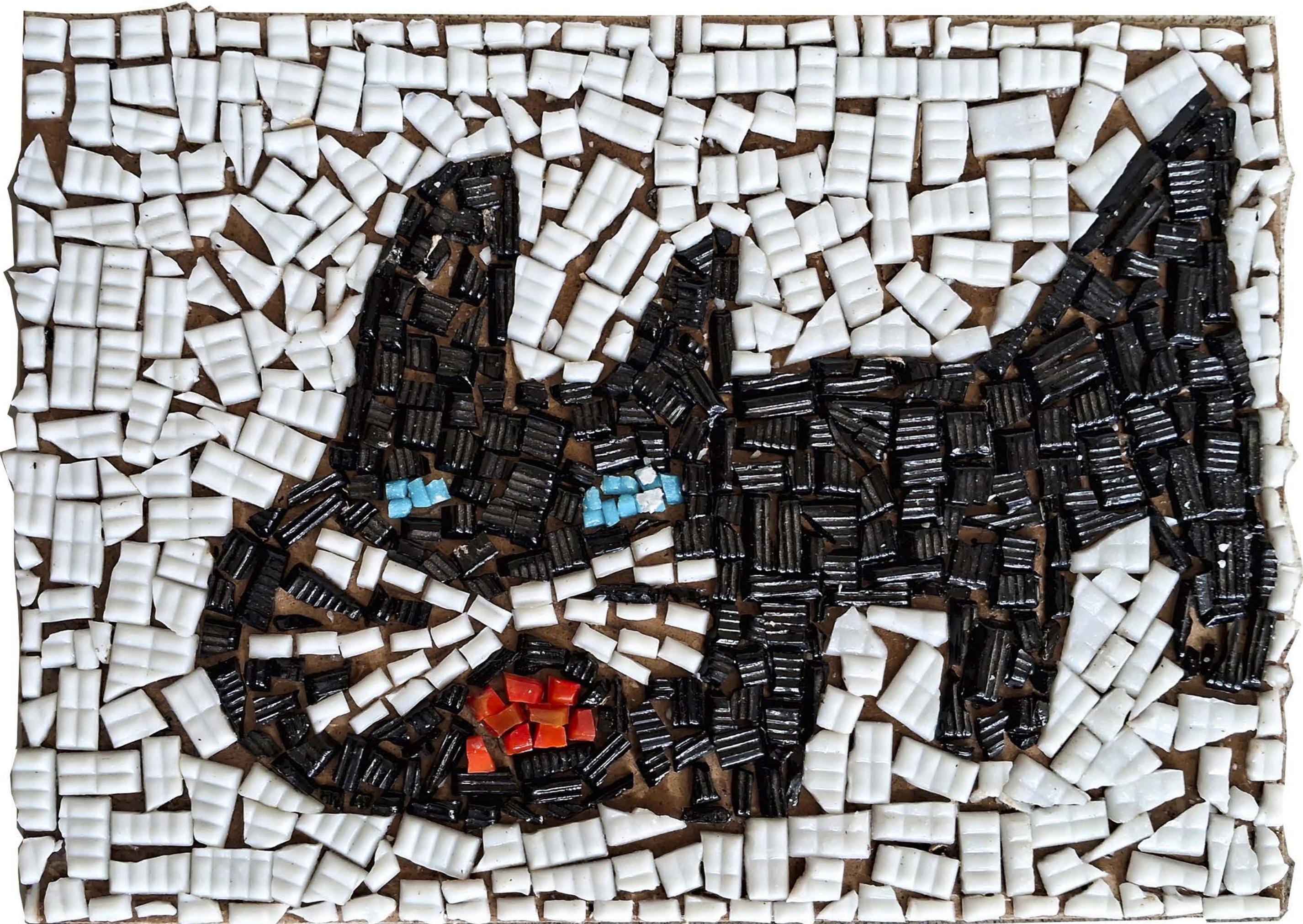












SPFC

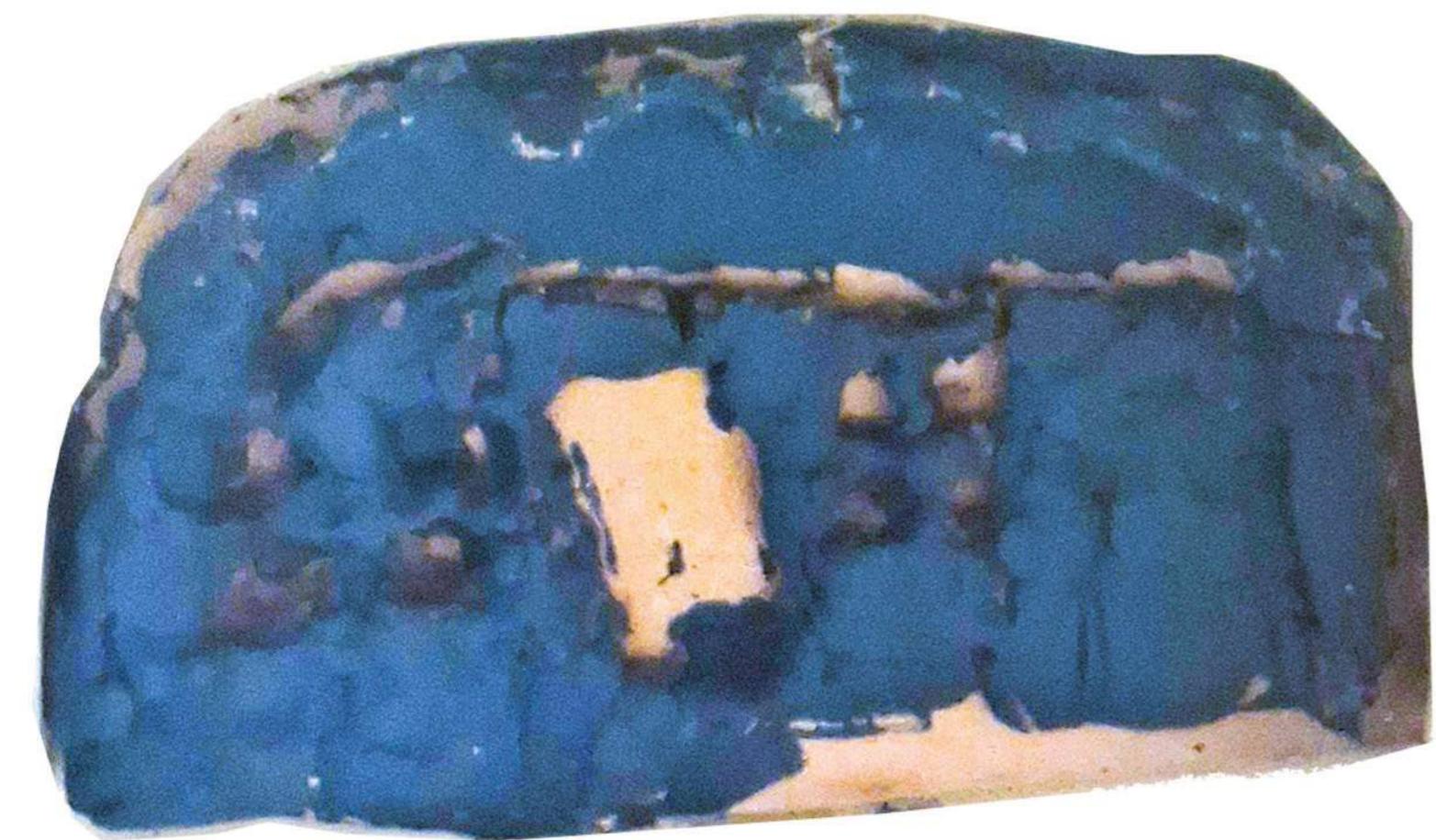


ARGILA DE COOKIES GOTAS DE CHOCOLATE

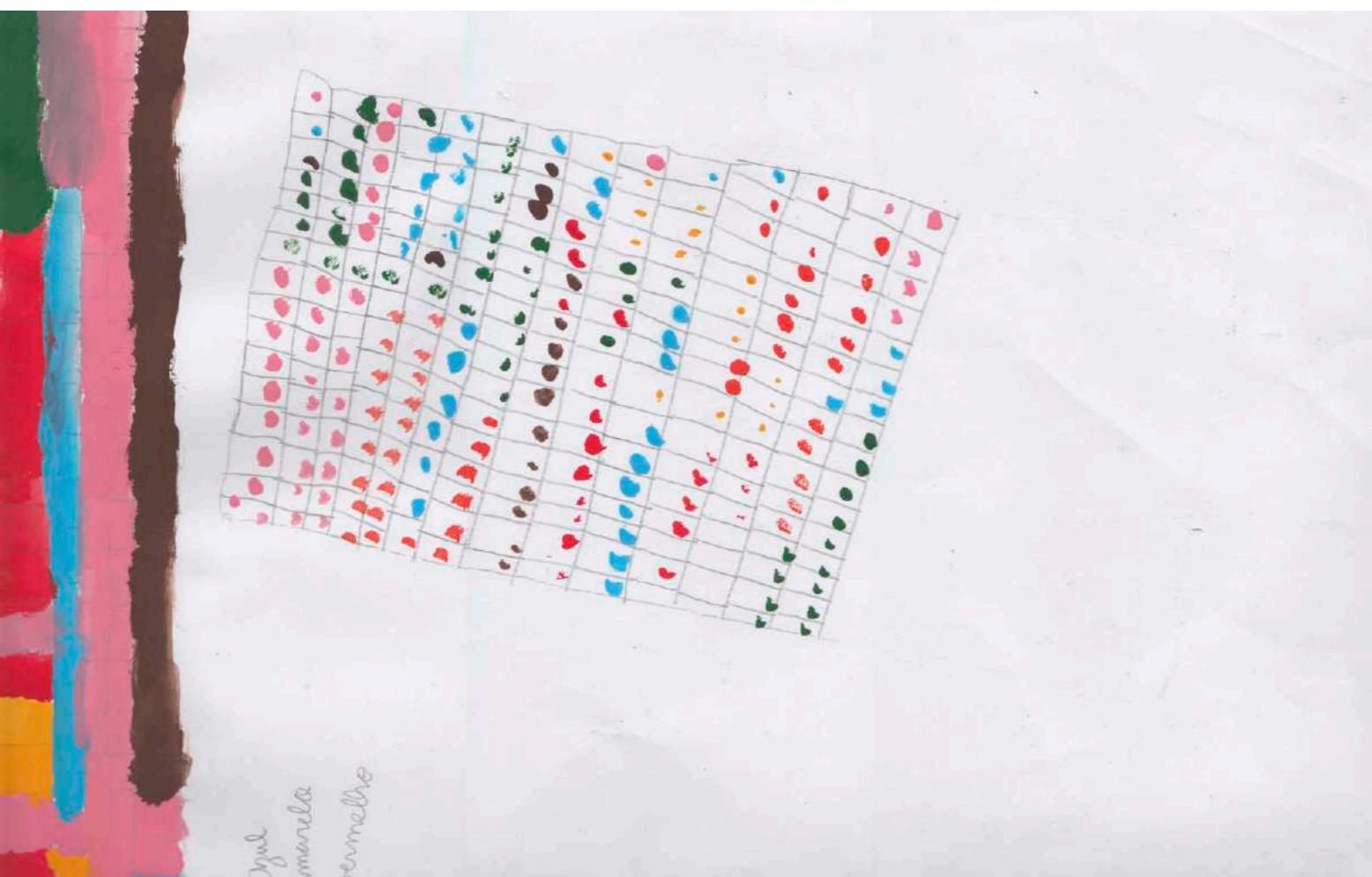


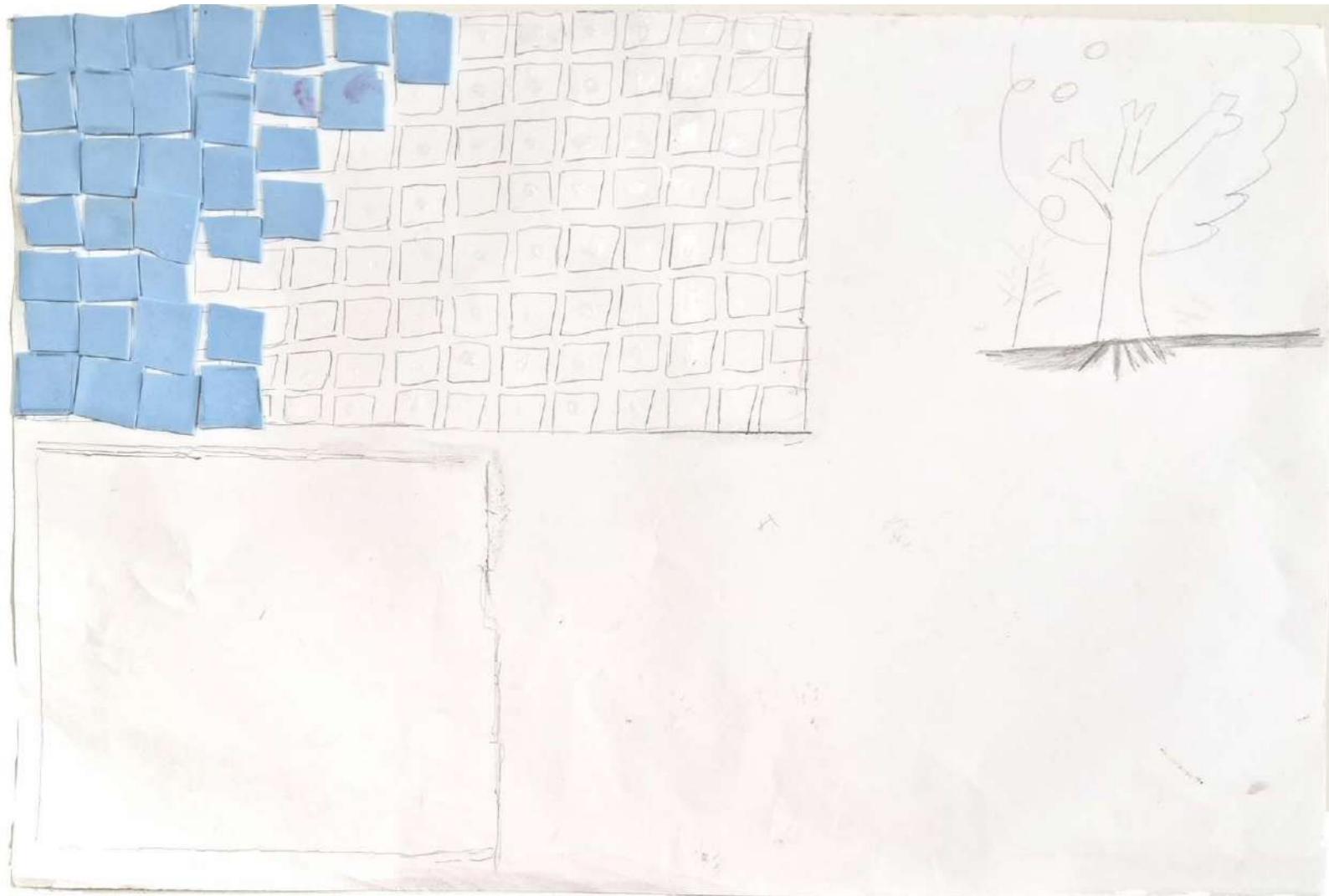


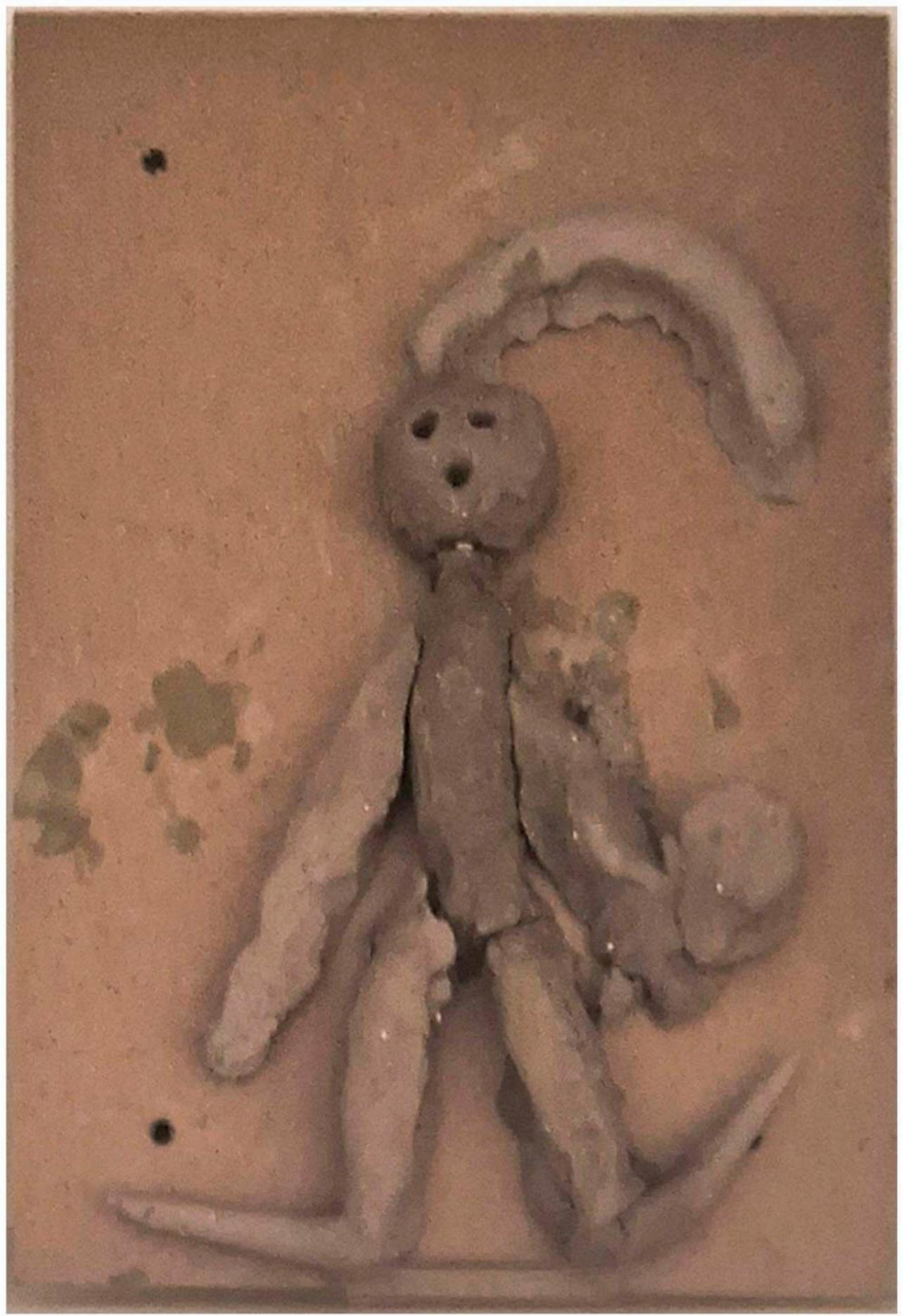














Sem título

2024

Encontro 34

Lápis de cor e grafite sobre
papel
33 X 50 cm



Sem título

2024

Encontro 35

Lápis de cor, grafite e giz sobre
papel
33 X 50 cm



Sem título

2024

Encontro 36

Tinta PVA e grafite sobre
papel
33 X 50 cm



Estátua da Liberdade

2024

Encontro 34

Grafite sobre papel
33 X 50 cm



Estátua da Liberdade

2024

Encontro 35

Grafite sobre papel
33 X 50 cm



Sem título

2024

Encontro 34

Giz sobre papel
33 X 50 cm



Sem título

2024

Encontro 35

Tinta PVA sobre tela
50 X 60 cm



Sem título

2024

Encontro 36

Tinta PVA sobre tela
50 X 60 cm



Mapa de Geografia Vulcão

2024

Encontro 34

Grafite e giz sobre papel

“Argila, um mapa de geografia, vulcão
cores e tintas a serem usadas: azul, verde, azul marinho,
amarelo, vermelho, branco, lilás, laranja”

33 X 50 cm



O mapa do vulcão

2024

Encontro 35

Argila e papelão
26 X 30 X 35 cm



O mapa do vulcão

2024

Encontro 36

Argila, tinta PVA com cola,
papelão e cola quente
26 X 30 X 35 cm



Sem título

2024

Encontro 34

Grafite sobre papel

“Cores: preto, branco
Mosaico
29 X 22 cm”

21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Encontro 35

Mosaico sobre placa de MDF
22,3 X 31,5 cm



Porta

2024

Encontro 36

Argila, cola e tinta PVA
8 X 22 X 11,7 cm



Quadrado

2024

Encontro 34

Grafite e tinta PVA
sobre papel

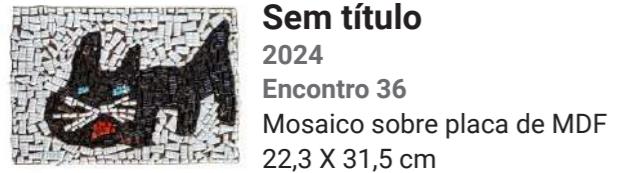


Sem título

2024

Encontro 35

Tinta PVA sobre tela
60 X 50 cm



Sem título

2024

Encontro 36

Mosaico sobre placa de MDF
22,3 X 31,5 cm



A casa

2024

Encontro 36

Argila, cola e tinta PVA
sobre papelão
20,5 X 26,5 X 2,5 cm



Cookies gota de chocolate

2024

Encontro 34

Grafite e lápis de cor sobre
papel

"Argila de cookies de chocolate"

33 X 50 cm

Árvore de Natal

2024

Encontro 36

Argila, cola e tinta PVA
9,5 X 7,8 X 7,5 cm

Pé de coco

2024

Encontro 36

Argila, cola e tinta PVA
18,6 X 9 X 7,4 cm



Quadrado

2024

Grafite e tinta PVA sobre papel

33 X 50 cm

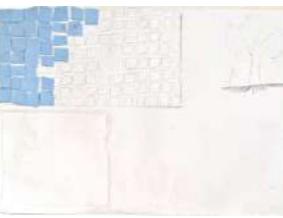


Sem título

2024

Grafite, EVA, giz e tecido
sobre papel

33 X 50 cm



Sem título

2024

Encontro 35

Grafite e EVA sobre papel
33 X 50 cm



Papai Noel

2024

Encontro 36

Argila sobre placa de MDF
26 X 18 X 3 cm



2024

Castelo

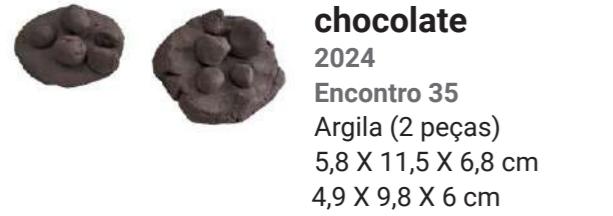
Argila, cola e tinta PVA
8 X 9 X 3,9 cm

Sol

Argila, cola e tinta PVA
8 X 9 X 3,9 cm

Árvore de Natal

Argila, cola e tinta PVA
8 X 9 X 3,9 cm



Cookies gota de chocolate

2024

Encontro 35

Argila (2 peças)
5,8 X 11,5 X 6,8 cm
4,9 X 9,8 X 6 cm

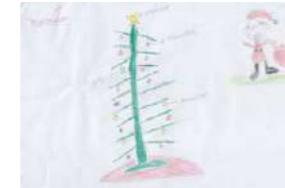


Cookies gota de chocolate

2024

Encontro 36

Argila, cola e tinta PVA (2 peças)
5,8 X 11,5 X 6,8 cm
4,9 X 9,8 X 6 cm



Sem título

2024

Encontro 34

Grafite e lápis de cor sobre
papel

"Mosaico, amarelo, azul, vermelha, vermelho, verde"
21 X 29,7 cm



Sem título

2024

Encontro 36

Mosaico sobre placa de MDF
22 X 22 cm



Porta

2024

Encontro 34

Grafite, lápis de cor e giz sobre
papel

"Azul, porta de argila, abre e fecha"

33 X 50 cm

EXPOSIÇÃO “CIRCULANDO PELAS ARTES”

Ao longo de duas semanas, eu e a equipe começamos a fazer os preparativos para a montagem da exposição “Circulando pelas Artes” no Espaço das Artes (ECA USP) que fazia parte de uma grande exposição de vários artistas formados do Departamento de Artes Plásticas da USP (CAP ECA USP).

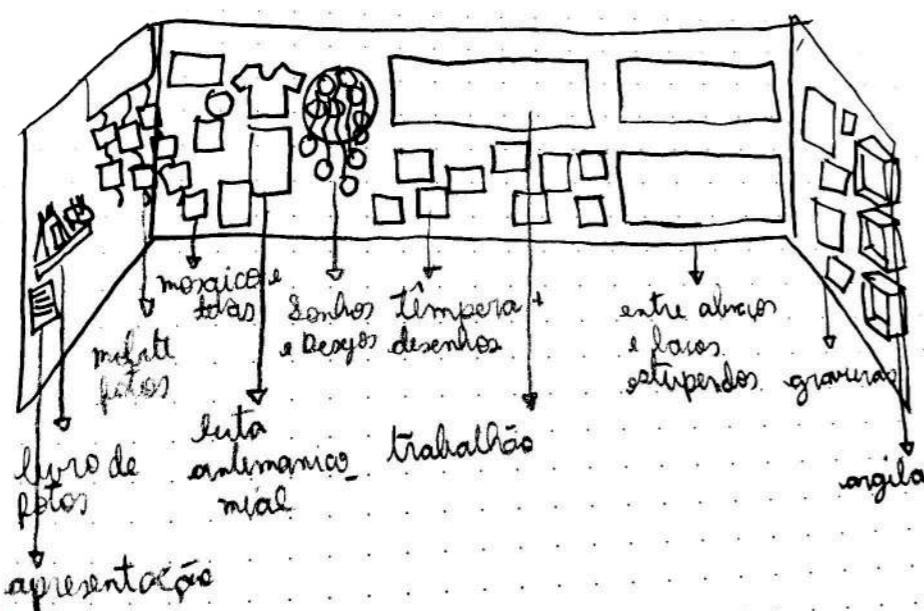
As obras dos participantes, tanto individuais quanto coletivas, estavam todas reunidas em uma sala nas paredes em ordem cronológica de produção.

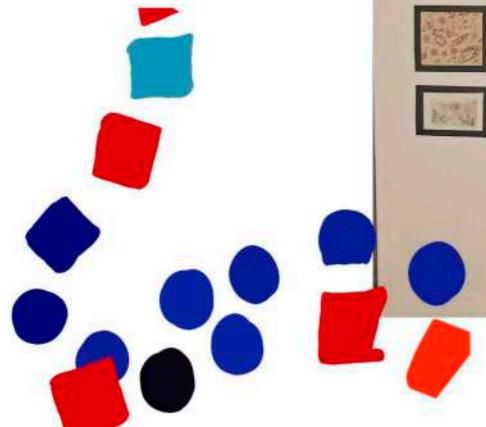
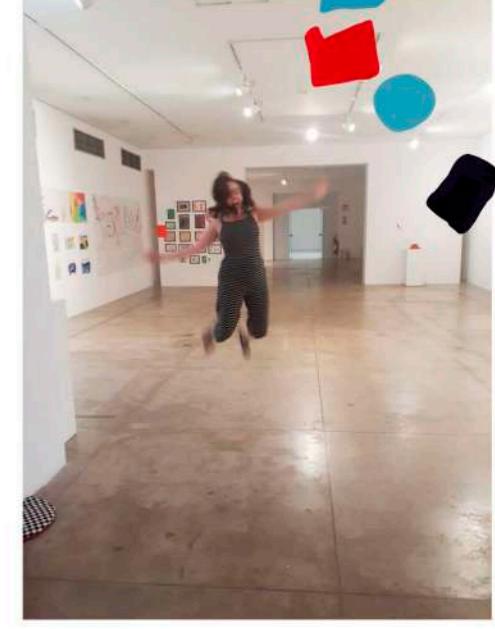
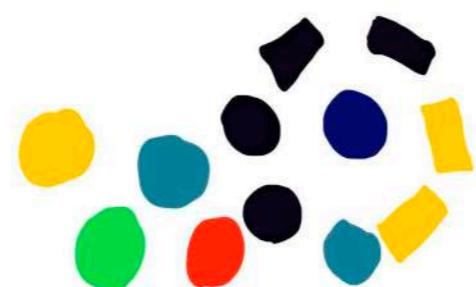
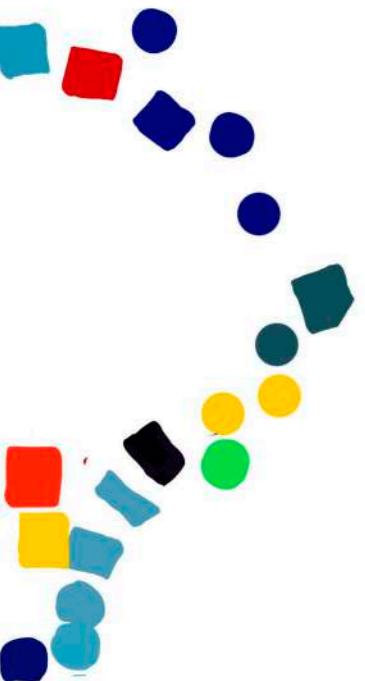
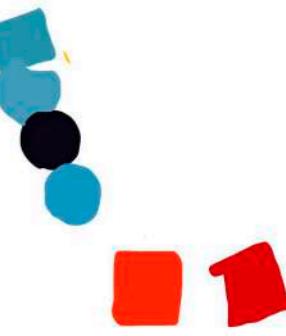
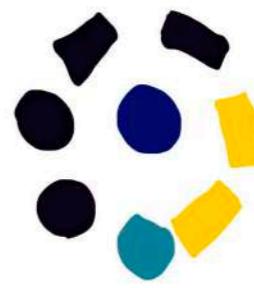
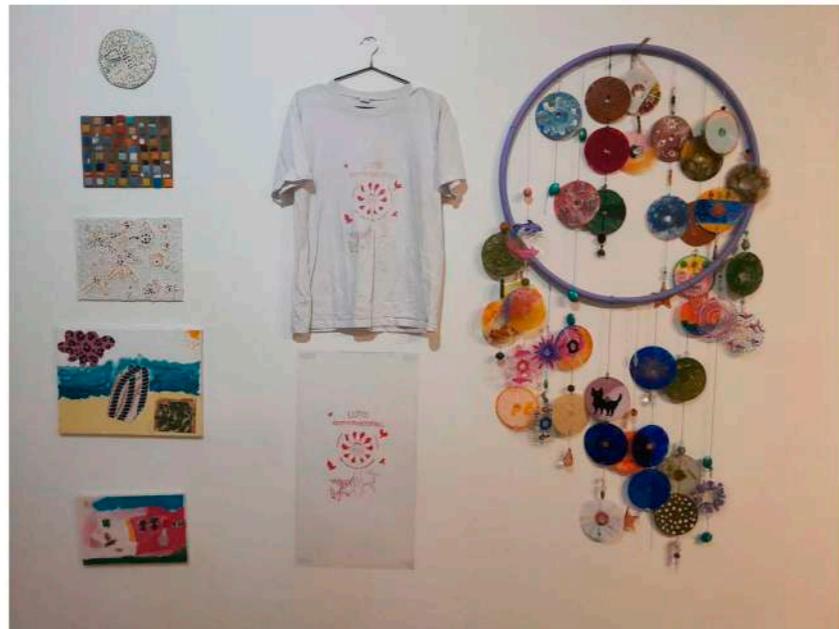
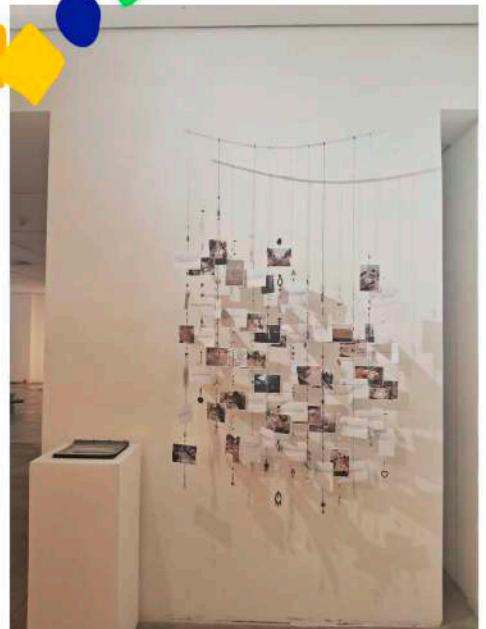
Ao entrar na sala, as pessoas se deparavam com um livro com fotos que explicava o projeto e apresentava os ciclos pelos quais o Circulando pelas Artes passou. Ao lado, tinha um mobile tátil com pelo menos uma foto de cada encontro e com informações sobre o dia atrás. Em seguida, vinham projetos feitos no ciclo do mosaico, a camiseta do ciclo da luta antimanicomial e o mobile “Sonhos e Desejos”. Depois aparecia a pintura coletiva feita no encontro 18, com vários desenhos e pinturas do ciclo de história da arte embaixo. Continuando no espaço, havia a pintura “Suco ‘Nei’” pendurada por um fio no teto; um dos painéis da obra “Entre Laços e Abraços Estupendos”; gravuras, matrizes e pinturas produzidas no ciclo de gravura e no ciclo de argila; assim como as produções em argilas produzidas no ciclo de projetos pessoais. Para finalizar, estava o “Mapa do Vulcão” em uma base e a sala terminava com dois quadros de pintura em tela.

Cada obra, coletiva ou individual, tinha o ano, a técnica e os artistas envolvidos em uma etiqueta, assim como uma breve explicação nas obras coletivas. Havia também imagens de mãos escrito toque nas obras tátiles e mãos de não toque nas obras frágeis.

A montagem dessa exposição foi algo trabalhoso e exaustivo, feito com muitas mãos e com todo o apoio da equipe do CECCO. Eu, Brígida, não conseguia ter feito algo tão grandioso sozinha, um dos grandes ensinamentos do CECCO: o trabalho em equipe permite que grandes projetos tomem forma e se concretizem no mundo real.

Abaixo o planejamento que fiz para a exposição e em seguida as fotos da montagem.





ENCONTRO 37



O encontro 37 foi a visita à exposição "Circulando pelas Artes". A equipe do CECCO se organizou em peso para quem estivesse disponível acompanhar os participantes até o espaço expositivo.

Estávamos em 5 técnicos, 4 estagiários do CECCO, 1 residente, a professora Dália e 2 estagiárias do CAP ECA USP, totalizando 13 acompanhantes para 14 participantes - quase um para um.

Fomos de ônibus até o campus da USP e lá fomos recebidos pelos alunos do primeiro ano do CAP ECA USP que fariam a monitoria do grupo. Eles estavam em muitos, acredito que a turma toda.

Eu apresentei o grupo e o Circulando pelas Artes, contei um pouco e passei para que a equipe e participantes pudessem se apresentar. Depois que todos se conheceram, nos dividimos em três grupos que começaram cada um em um espaço diferente da exposição.

Todos pareciam muito ansiosos para se reunir na sala onde estavam suas próprias obras e, quando os grupos se encontraram na sala do Circulando, foi um alvoroço, uma alegria, um amor, um afeto tão grande que precisei me segurar para não me acabar de chorar.

Vi vários participantes apontando orgulhosos "eu que fiz essa", "é o meu nome", "essa é minha". Tiramos muitas fotos, em que os rostos estavam completamente iluminados e animados.

Um participante, quando viu sua obra, começou a pular várias vezes; outro, quis mostrar para sua mãe e contar sobre sua obra.

Incentivei muitos deles a conversarem com os monitores sobre as obras que fizeram e contarem um pouco de seus processos. As pessoas se divertiram com os mobiles de fotos e o "Sonhos e Desejos", foi um momento de muita alegria e luta.

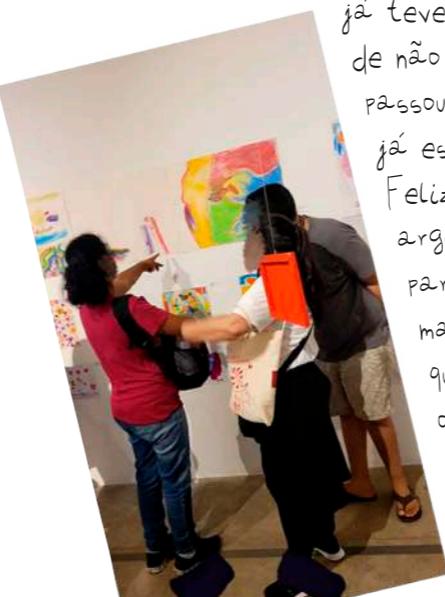


Aqui, nesta hora, eu senti que aquilo que foi proposto, de conseguir que os participantes pudessem ocupar outros papéis e se reconhecerem enquanto artistas, aconteceu, e aconteceu de uma maneira muito bonita, com eles se vendo nas paredes de um museu ao lado de diversos outros artistas, com seus nomes e os títulos que deram às obras nas etiquetas, podendo tocar nas partes tátteis e respeitando as frágeis.



Infelizmente, o público do CECCO ocupar espaços incomoda e muito. Houve uma discussão sobre como a vinda de "pessoas nessas condições" precisava ser avisada com antecedência para que ficasse uma pessoa em cada sala para recebê-los, por conta de uma obra que foi supostamente mexida por algum dos participantes.

Estávamos todos acompanhados por monitores e, naquele grupo em específico, a maioria já teve experiências de visitar museus e sabe como funcionam as regras de não tocar nas coisas que não podem ser mexidas. No único grupo que passou pela obra, as técnicas asseguraram que ninguém mexeu e a obra já estava desse jeito quando chegaram.



Felizmente, nenhum dos participantes percebeu a situação. A equipe argumentou pedindo que fosse apontada a suposta pessoa que mexeu para que tudo fosse conversado, mas não souberam dizer. O problema não era o grande número de pessoas, o problema não era a obra que provavelmente foi mexida antes de chegarmos, o problema era o preconceito.

Acredito que, se incomodarmos com a ocupação de espaços que até então eram negados, fizemos nosso trabalho direito.



Em conversa posterior com a equipe, discutimos como o CECCO é um ambiente semiprotegido, em que, caso situações assim aconteçam, a equipe técnica está preparada para responder e agir perante o que forem acusações baseadas em estígmas e preconceitos. Mas e se não estivéssemos ali?

Essa é uma parcela ínfima do preconceito que os participantes enfrentam. Uma pincelada no que consiste a importância da luta antizincomial e da conquista de que espaços que são para todos serem



A seguir, pinturas em aquarela feitas pela autora deste TCC sobre este encontro







ENCONTRO 38

Este foi o último encontro do primeiro ano de Circulando pelas Artes. Em clima de celebração, comemoramos esse ano e a minha despedida com uma confraternização muito calorosa e cheia de afeto.

Iniciamos o encontro mostrando aos participantes os vídeos das obras deles que estariam passando na exposição na semana anterior, mas que por problemas técnicos não estavam rodando. A partir daí, surgiu a ideia de mostrar a eles o Padlet da oficina, em que ficam os registros de obras e fotografias dos encontros.

Mostrei desde o primeiro ao último encontro, passando quase que obra por obra e, como muitos se mantiveram na oficina desde o começo, eles foram reconhecendo seus trabalhos e os trabalhos uns dos outros. Quem veio mais para frente na oficina, não se aguentou de alegria quando suas obras apareceram, gritando "Esse é meu" ou pulando e dançando no centro da roda.

Nesse clima de acolhida, ternura e carinho, ficamos uma hora completamente concentrados em rever tudo o que produzimos ao longo do ano e, ao final da apresentação, nós da equipe entregamos para cada um as obras que estavam no CECCO em saquinhos separados por nomes. Uma participante inclusive disse que estava "um clima de formatura".

Depois, entreguei uma foto para cada um de todos nós juntos na exposição na semana passada, com os nomes, ano e o título da oficina.

Teve comilança com direito a tortas, sucos, refrigerantes, salgadinhos, bolo e muito mais.

Foi um final bonito para encerrar um ciclo tão significativo para mim e acredito que para muitas pessoas também.



A diretora, eu e um participante que me deu um quadro de presente!



CONCLUSÃO

Com toda a imersão na interface arte, saúde e cultura provocada na construção deste TCC, em conjunto com uma busca profissional da autora pelo afeto, tanto afetando quanto sendo afetada, permite-se uma conclusão de que o medo da loucura existe para proteger os que se consideram veemente saudáveis, visto que, para se manterem nesse lugar protegido, conferem ao outro, ao diferente, toda a sua loucura, negando que dor, sofrimento mental, diferenças e dificuldades em diversos graus fazem parte da trajetória humana.

Ao ouvir termos como "pessoas nessas condições", a autora propõe que o leitor se pergunte, que condições são essas, e porque essas condições estão atreladas à violência, ao medo, à exclusão.

O pensamento manicomial está dentro de nós, ele é intrincado, muito bem construído para fazer sentido. Desde o momento em que a autora colocou os pés no CECCO até o último adeus, a exclusão tornou-se aquilo que não faz sentido, pois a arte-educação no CECCO, com suas diferenças, semelhanças e potencialidades, mostrou que o ensino de arte é para todos.

Se Nise da Silveira disse "foi observando-os e às imagens que configuravam que aprendi a respeitá-los como pessoas e, desaprendi muito do que havia aprendido na psiquiatria tradicional. Minha escola foram esses ateliês" (SILVEIRA, 1966, p. 93 apud NISE DA SILVEIRA) que você, leitor, também possa observar as imagens e respeitar os diferentes como pessoas, que desaprenda muito do que aprendeu com a cultura manicomial que nos foi imposta. Que a nossa escola possa ser a infinidade de projetos contemporâneos de intersecção entre arte e saúde, que ocorrem em maior número do que são de fato estudados, dentre os quais se enquadra a oficina Circulando pelas Artes.

"A convivência não poderá se furtar à leitura de mundo, a visão de homem, a história de cada um será a partir do que está fora: arte, música, o esporte... que cada um poderá aos poucos falar (em diversas linguagens) do que está dentro, desde potencialidades até preconceitos, dores, culpas e sonhos, para novamente como numa espécie de espiral retornar ao fora e olhar sob outro ângulo através de outros instrumentais, talvez mais coletivos." (SÃO PAULO (cidade), 1992, p. 59)

LUTE CAM^oME

